THAA DI CALDARELLI



A RIVAL

Ela se apaixonou por sua maior rival


THAA DI CALDARELLI
A RIVAL
Ela se apaixonou por sua maior rival

THAA DI CALDARELLI

A RIVAL

Ela se apaixonou por sua maior rival

“As palavras são, na minha humilde opinião, a nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de ferir e de curar” – J.K Rowling

Revisão: Tayanne Torres

Capa: @capista.lipicus

É proibida a reprodução total desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim sem autorização expressa e por escrito, da autora. ***Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais.*** *Qualquer uso indevido ou plágio será responsabilizado pelas penas previstas na Lei Nº 9.610 DE FEVEREIRO DE 1998.*

Copyright © 2021 Thaa Di Caldarelli

Todos os direitos reservados

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Agradecimentos

Capítulo 1

Hospital Particular Santa Mônica, Florianópolis

Erin Feller acabara de sair de uma cirurgia de quase três horas, com um paciente que havia tido uma parada cardiorrespiratória. Graças a Deus e com muito esforço e esmero conseguira salvar o pobre rapaz, de apenas vinte e um anos, que impactara o carro com um ônibus. Por pouco não o perdera.

Sentia-se tão bem quando conseguia salvar uma vida.

Erin deu um sorriso grato.

Saíra do ensino médio ainda muito menina, com dezesseis anos. Seus pais eram um casal de médico. Também haviam trabalhado no Santa Mônica até a chegada da tão almejada aposentadoria. Queria cursar Direito, para mais à frente ocupar o cargo de Delegada de Polícia Federal, através de anos de estudos, pois sabia que para ocupar um cargo de tão alto padrão não era tão fácil como, a princípio se podia imaginar, no entanto, sua mãe insistira para que cursasse medicina. De início não gostara muito da ideia, que em nada lhe atraíra, mas ali estava ela, trabalhando e amando a profissão que não fora uma escolha sua, no entanto, lhe caíra como uma verdadeira bênção. Amava ser médica e era uma profissional bastante conceituada e competente. Sua carreira era extraordinária.

Entrara na faculdade com dezessete anos e saíra com vinte e um. Fizera mestrado e doutorado. Com trinta anos, estava com um diploma bastante renomado. Através de os conhecimentos de seus

pais, logo conseguira um emprego no Santa Mônica e em outros dois hospitais. Todos particulares.

Hoje em dia era casada com o vice presidente da Buckholz'S, uma das empresas que mais lucrava, dentro do estado de Santa Catarina e, com quem tinha uma filha de três anos, chamada Melissa.

Durante sua adolescência vivera um período conturbado, com a pressão de seus pais em cima de si, por causa de seu namoro lésbico com uma das professoras da faculdade, que tinha o dobro de sua idade.

Em meio a uma noite de porre, com a pressão de seus pais e o fim de seu namoro com a professora, tinha saído para beber, seu pensamento era esquecer dos problemas e não ir para cama com um homem que conhecera em uma única noite. Para seu desespero, engravidara do homem que hoje era seu esposo. Ele assumiu a criança somente com a condição de um casamento, sob pressão de seus pais, casara-se com ele.

De início, foi tudo às mil maravilhas, mas depois sua vida virou um verdadeiro inferno matrimonial. Já não havia amor. Da parte dela nunca houvera. Ainda assim continuavam a viver, como se nada acontecesse. Ele queria uma esposa para exibir para a sociedade fútil, em meio à qual vivia. Isso era tudo.

Erin levou um copo com água à boca. Sorveu-o de uma só vez.

— E a pequena Melissa, doutora, como está? — Perguntou a cozinheira. Uma simpática senhora de seus cinquenta e tantos anos.

Erin sorriu, ao lembrar do rostinho angelical de sua garotinha. Os cabelos de Melissa eram tão ruivos quanto os seus. Assim como os pequeninos olhos verde água e a pele pálida. No entanto, os cabelos de Melissa eram longos e ondulados. Cachos lindos.

Quando lembrava daqueles olhinhos puxados.

Amava tanto sua garotinha.

Ela não tinha nada a ver com pai. Um homem de rosto quadrado, cabelos dourados e olhos castanhos. Ele era totalmente sem graça.

Ainda bem que não a procurava para fazer amor. Vinha alimentado de fora, como ele mesmo dizia.

Erin fazia pouco caso disso. Dava era graças a Deus.

Nem se lembrava da última vez em que estivera na cama dele.

Era quase um casamento de conveniência.

— Ela está bem, Claudete. Quanto mais o tempo passa, mais travessa fica a minha querida Melissa — Erin mexeu as mãos dentro dos bolsos de seu jaleco branco.

— O tempo passa tão rápido que às vezes nem se que nos damos conta — a mulher deu um sorriso singelo.

— Sim, Claudete. Essa é uma pura verdade. — Erin concordou.— E suas netas? São três, né isso? As pequeninas.

Erin vira as netas de Claudete apenas uma vez, quando dera uma passada no aniversário das trigêmeas. Três garotas negras, de cabelos escuros, lindíssimas. Isso já fazia uns dois ou três anos.

— Sim, doutora. Elas já não estão mais em tenra idade. Já são quase adolescentes. Daqui a pouco estarão por aí, badalando com os amigos.

Ambas sorriam.

— Acostume- se, Claudete. Isso é típico de todo adolescente. Raros são os que ficam em casa em dias de domingo.

— Verdade. Os pais é que se aguentem.

Erin colocou uma das mãos na testa e balançou a cabeça em negativa. Depois deu uma risada gostosa.

— Realmente, a preocupação é um dos piores problemas que atingem os pais, em relação aos filhos.

— As mães que o diga, não é, doutora? — A mulher encheu uma xícara de café e tomou um longo gole.

— Sim, Claudete. — Erin deu um sorriso mostrando os dentes brancos e perfeitos.

— E o seu esposo, o senhor Daniel, tudo bem?

Erin teve vontade de gritar que não! Infelizmente nada ia bem em sua vida de casada. Tinha dias que a vontade era de querer fugir de si, embora isso fosse um querer impossível. Ninguém podia fugir de si mesmo.

Mas não seria ético, sair por aí contando sobre sua vida pessoal para tudo e todos que desconheciam sua história.

Que seu marido era um “dinossauro”, sabia disso, entretanto, não era necessário espalhar isso para o mundo. Era um

“dinossauro” grande e ignorante.

Filho da mãe!

A pior qualidade de um ser humano era a ignorância. Abominava pessoas assim. Arrogantes e que não tinham modos de falar com quem quer fosse.

Arrogância somente gerava arrogância.

Nada mais!

Erin pensou, desgostosa.

Nem mesmo lembrava da última vez que tinha sorrido de verdade. Sido feliz.

Ainda bem que tinha sua menina Melissa para iluminar os seus dias de escuridão.

O sorriso angelical de Melissa era o sol num dia de tempestade. Era a cura para a dor e a alegria para a tristeza.

Quando soube que estava grávida jurou que odiaria a menina, mas quando a segurou nos braços pela primeira vez. Aquele ser minúsculo e indefeso, nunca mais quis soltá-la.

— Sim. Sim, Claudete. Tudo bem.

A mulher sorriu, colocando a xícara de café sobre a pia de inox.

— É sempre bom ter alguém que se preocupa com a gente e que nos quer bem. Ter alguém para quem voltar quando sair do trabalho. Alguém que esteja esperando ansioso por sua chegada. Seja sua chegada de um trabalho ou de uma viagem.

Erin pigarreou. Ouvia tudo em silêncio.

— Tenho certeza de que a senhora e o seu marido são muito felizes.

Erin quase engasgou. Arqueou as sobrancelhas, duas listras finas, lisas e ruivas.

Claudete não tinha a menor ideia do que estava dizendo, pensou consigo.

A porta foi aberta num barulho estrondoso. Erin se assustou com tamanha euforia da enfermeira, àquela hora da noite. Olhou o relógio, arrumado numa parede branca, da cozinha, já passava da 00:00h.

— Doutora Feller — a mulher chamou, afoita — tem uma paciente à sua espera. Ela está à beira da morte. Necessita de atendimento médico agora mesmo. Acidente de carro, a causa.

Erin jogou o copo em cima da mesa e correu, acompanhado a enfermeira. Ao chegar à sala de cirurgia lavou as mãos com álcool e soro, para então enluvá-las. Cinco enfermeiros a acompanhava. A passos largos foi até a mesa de cirurgia onde estava a paciente. Ela usava um vestido preto e justo, de mangas compridas, estava todo esfarrapado devido ao possível impacto. Os cabelos estavam lavados de sangue, assim como o rosto e o corpo. Parecia vir de alguma festa. Examinou a paciente com extrema cautela, antes de ousar fazer qualquer coisa.

— Ela está tendo uma hemorragia nasal. Altear a cabeça dela! — Erin falou e logo apertou as narinas da paciente durante uns 4 minutos — gaze, Rodrigo — pediu ao enfermeiro que de pronto a atendeu. Colocou a gaze no nariz da paciente e pediu que lhe trouxessem um bisturi. Precisava rasgar a roupa da mulher. Quando o fez, viu o quão machucado estava o corpo alvo. Havia um corte enorme na barriga chapada e outro perto dos seios rosados. Quando o sangue cessou das narinas da paciente, disse — coloquem os aparelhos nela!

Os enfermeiros logo começaram a colocar. A paciente precisava ser operada.

O monitor cardíaco começou a dar sinal. A pressão arterial da paciente estava diminuindo gradativamente.

— Nós a estamos perdendo! Precisamos reanima-la. Peguem o desfibrilador — quando um dos enfermeiros entregou o aparelho a Erin, ela logo se pôs a colocá-lo sobre o peito da paciente. Firme, deu o primeiro choque. O monitor estava a apitar. Indicando que a mulher estava morrendo. Ela estava, simplesmente, partindo dessa para outra. — Fique comigo, por favor, fique comigo! — Dito isso Erin deu um segundo choque. Sem sucesso, a paciente não retornou. — Fique, você não pode ir! Você é tão nova, fique! — Deu um terceiro e um quarto. Ouviu quando um dos enfermeiros disse que não havia mais jeito. — Eu não vou deixa- a ir!— disse com firmeza e quando deu um quinto choque a paciente retornou.

— Ela voltou! Ela voltou, doutora! — Gritou uma das enfermeiras.

Erin tinha visto.

Triunfou por dentro.

Depois de quase quatro horas de processo cirúrgico. A paciente passava bem, em relação ao estado crítico ao qual chegara no hospital. Havia tido duas hemorragias nasais seguidas. E uma parada cardíaca.

Mas ela agora passava bem. Era o que importava.

Os enfermeiros sorriram e Erin também.

Algumas horas depois soube que a mulher vinha de uma festa com os amigos. Duas mulheres e um homem haviam morrido fatalmente no momento do acidente. O carro havia se chocado contra um poste.

O nome da mulher a qual acabara de salvar a vida era Fabíola Buckholz, a filha do Senador Roberto Buckholz e da falecida empresária Fernanda Ribeiro Buckholz.

O senador agora estava verdadeiramente casado com outra mulher, há um ano. Casara-se depois de quase dez anos desde a morte da esposa.

Era aos Buckholz, que seu esposo servia como um cachorro, mas nunca havia ido naquela empresa, ou visto a filha dos Buckholz. Aquela era a primeira vez.

Cinco dias depois, no seu plantão, foi ao quatro da paciente. Ela dormia. Podia observá-la bem. O rosto era límpido e macio. A boca era rosada e bem delineada. Ela respirava profundamente. Os cabelos pareciam seda, de um tom castanho avermelhado. Ela era linda.

Erin caminhou e parou ao lado da cama. Segurou a mão branca e macia. Quando sentiu os nós dos dedos brancos enroscarem-se delicadamente em sua mão, quase desmaiou. Olhos arregalados, fitou os cobaltos e profundos da mulher, que estavam entreabertos.

Fabíola encarou a enfermeira, ou seria ela uma médica. Não pensava direito. Encarou os olhos verdes por um instante, depois desviou o olhar para a curta massa ruiva de cabelos, que se enroscava para dentro, em direção ao pescoço. Curto o suficiente para deixa-la sensual e na mediada certa para deixa-la profissional.

Fabíola fez um esforço para falar.

— Q...Que... Quem é...

Erin segurou as mãos dela nas suas.

— Por favor, não fale. Meu nome é Erin. Erin Feller. Eu atendi você quando chegou aqui em estado grave, há cinco dias.

Feller...Aquele sobrenome lembrava alguém, Fabíola pensou demoradamente. Erin Feller.

Fabíola suspirou fundo e soltou a mão de Erin, bruscamente.

Sem entender, Erin afastou-se. Talvez ela estivesse apenas delirando, pensou. Não podia estar ressentida ou chateada consigo mesma por causa da morte dos amigos, já que não sabia sobre estas.

— Sa...sa...saia daqui — a voz saiu quase que inaudível, no entanto, arrogante.

Erin não entedia as reações da mulher. Dos olhos azuis emanavam fúria.

Por um momento Erin pensou que talvez ela tivesse preferido a morte a viver. Mas não, não podia ser isso. Até poucos instantes as feições bonitas eram brandas, assim como os olhos.

Seria o seu nome a causa da raiva dela?

Mas como? Nunca havia feito nada a ninguém.

— Re...retire-se... daqui — fez um esforço e falou por entre os dentes.

Erin piscou, descontrolada.

O que era aquilo?!

Alarmou-se.

— Senhorita Buckholz, eu...

— Saia!

Quando Erin se retirou, o senador vinha chegando, um homem alto, 1,89 m, cabelos brancos e olhos ligeiramente azuis. Tinha um porte elegante, dentro daquele terno preto, pareado com sapato social, também preto. O rosto era afinado e afetuoso, em direção a Fabíola. A esposa do senador era quase tão alta quanto ele. Trajava uma calça branca de grife, cintura alta, uma blusa de mangas, laranja e extravagantes sapatos de salto marfim. Os cabelos soltos eram tão castanhos quanto os de Fabíola. Os olhos eram duas bolas avelãs, calorosas, ao fitar a enteada.

— Filha, — começou o senador — como você está?

Andréia ficou ao lado do marido e segurou a mão da enteada, com morosidade.

— Oh, querida, eu sinto muito — disse, ao olhar para o braço quebrado de Fabíola.

Fabíola fechou os olhos por uns instantes e quando os abriu vociferou:

— Eu quero me tirem deste hospital, agora e transfiram para outro! Não quero passar mais nenhum minuto aqui!

Capítulo 2

Cinco meses depois...

Centro, Florianópolis

O centro de Floripa era sempre lindo, embora muitas vezes a crueldade desmanchasse essa beleza.

Erin respirou fundo. Uma raiva cega e indignação lhe tomavam por dentro, como a noite, toma o lugar do dia.

Revolta!

Essa era a palavra que a resumia. Como eles puderam fazer isso? Como puderam tirar seu bem mais preciso? Sua filha.

Não podia lembrar. Não queria lembrar! Sacudiu a cabeça com força, numa tentativa de colocar para fora todos aqueles sentimentos frustrantes, de alguém que foi traído, apunhalado, covardemente, pelas costas.

Salvara a vida daquela mulher para que hoje ela lhe recompensasse assim.

Os dois, seu marido e sua rival, juntaram-se e depois de mancomunados haviam planejado sua queda. E planejado tão bem, que até a justiça caíra no golpe sujo, de Daniel Costa Covick e de Fabíola Buckholz. Como eles puderam fazer isso, atribuir-lhe uma culpa que não tinha? Tão injusto.

Um sentimento de decepção invadiu o peito de Erin, o coração pulsava forte.

As lembranças logo vieram à mente, invadindo-a como o vento invade uma janela.

“A guarda de Melissa Covick Feller, a partir de hoje, está sob a égide do pai, Daniel Costa Covick.”

As palavras da juíza ainda cortavam sua mente como uma adaga afiada.

Tão injusto! Tão injusto! Erin gritou dentro de si.

Aquela mulher lhe tomou o seu marido e ainda achou pouco tomou sua filha. Destruiu sua vida, destruiu completamente. Erin já não era mais a mesma mulher sorridente que fora um dia. Estava vazia. Vazia de sentimentos. Vazia de tudo.

O plano para que conseguissem a guarda da menina fora quase um plano de mestre. Todos as noites Daniel havia planejado tudo perfeitamente bem. Para então ir até a justiça dizer que sua esposa era uma drogada e que estava se separando dela por não aguentar mais as drogas que ela usava. Queria a guarda da criança, pois não deixaria a filha com uma mãe drogada, que não tinha nem condições de cuidar de si mesma quer dirá de uma filha. Ele lhe drogara!

Tão injusto! Maldito! Maldita!

Por que, meu Deus? Por quê?

E agora o desgraçado se fora, morrera, mas sua tormenta ainda vivia. Um demônio disfarçado dentro de um belo corpo, era assim que considerava Fabíola Buckholz. Não entedia as razões pelas quais aquela mulher tinha ódio de sua pessoa. A primeira vez em que a vira, fora naquele dia no hospital, não lembrava de tê-la visto em outro lugar. E agora sua filha estava sob tutela daquela Víbora. Daquele monstro.

Demônio sem chifres.

Erin tomou um copo com água e foi até o banheiro. Precisava tomar um banho e ir ao velório daquele homem que só lhe fez mal, junto com aquela cretina.

Tanto tempo já fazia que não via sua Melissa. Ela talvez já tivesse crescido alguns centímetros.

Cinco meses desde que não a via e parecia uma década. Só uma mãe sabe o quanto é doloroso, ficar longe de um filho.

Tomou um banho, colocou um vestido preto e um salto da mesma cor. Pegou os óculos escuros e sua bolsa de couro. Tinha certeza de que sua pequena Melissa estaria no velório do pai, que

morrera de câncer de garganta, apesar de todo o mal que ele tinha causado, não desejou jamais que ele tivesse uma morte tão horrenda. O câncer era mesmo amedrontador. Trinta e seis anos, Daniel tinha apenas. Tão jovem, Erin pensou.

Foi até o enorme espelho em sua suíte e ficou a fitar seu reflexo. Não era impressão sua. As curvas tão bem feitas de seu corpo estavam sumindo. Os quadris largos e a cintura fina já não eram mais os mesmos. As pernas grossas e bem torneadas já não eram mais as mesmas. Os seios ainda eram fartos, consistentes. O seu corpo. O seu tão formoso corpo estava se desfazendo pouco a pouco. Era preocupação, só podia ser.

O interfone tocou. Erin logo correu para tender. Com certeza era Leonel, seu namorado/amigo e sua grande amiga Marcelle, uma enfermeira que conhecera no hospital já há muitos anos. Quando abriu a porta, viu que eram eles mesmo.

Leonel estava elegantemente vestido em um terno preto. Os cabelos castanhos estavam penteados para o lado. O rosto quadrado e bonito não esbanjava qualquer expressão. Mas os olhos castanho-escuro eram reprovadores, Erin percebeu. Leonel não queria que ela fosse ao velório, a justiça a havia proibido de que chegasse perto da criança.

A estrutura alta de Leonel tomou o vão da porta, ele deu um beijo na bochecha de Erin, somente quando ele adentrou é que Erin pôde cumprimentar Marcelle.

— Olá, Marcelle. Como está? — Erin indagou abraçando a amiga.

— Oh, minha flor, estou bem. E você?

Erin revirou os olhos.

— Mais ou menos, digamos assim.

— Sei como é. — Marcelle disse tocando o ombro de Erin.

— Amor, você tem certeza de que quer ir a esse velório? — interveio Leonel, pesaroso.

Erin voltou sua atenção para o médico. Encarou os olhos dele com tamanha precisão.

— Sim, Leonel. Tenho — Olhou o relógio prata enroscado em seu pulso. — 15:30 h, precisamos ir. O velório será às 16:00. Faz-se necessário que cheguemos ao Jardim da Paz muito antes disso.

— Se tem certeza, então vamos. — Leonel passou como um foguete, por Erin, que logo o seguiu, juntamente com Marcelle.

— Erin? — Marcelle parou e segurou um dos braços dela, ao passo que Leonel se afastava.

Erin voltou-se para sua amiga.

— Sim, Marcelle.

— Amiga — Marcelle segurou-lhe o rosto com ambas as mãos — você não o ama, por que se submete a isso? Você já passou tanto tempo casada com um homem que não amava. Não se torture assim, Erin. Não vale a pena, minha flor.

Erin comprimiu os lábios. De todas as suas amigas, somente Marcelle sabia de seus sentimentos por mulheres.

— Ele é um porto seguro para mim, Marcelle. Eu não tenho mais ninguém.

— E os seus pais?

Erin sorriu sem vontade.

— Eles só viajam. Além do mais, eu já sou uma mulher adulta, Marcelle. Não uma criança.

Marcelle suspirou num sopro.

— Você não está sozinha, Erin. Você tem a mim, você tem às meninas. Sabe que sempre poderá contar conosco. Mas simplesmente ir para cama com alguém que você não gosta... Não vale a pena. Pense nisso.

— Eu sei, Marcelle, eu sei.

***

Linda e deslumbrante Fabíola descia de seu luxuoso carro preto. O Vestido ébano, de mangas, que lhe chegava acima dos joelhos era bastante colado ao corpo, composto na frente e com um grande decote em V nas costas. As curvas perfeitas estavam sendo delineadas pela justeza do traje. Os quadris largos eram perfeitos, sintonizando com a cintura fina e os seios médios. O salto preto com acabamento vermelho, que lhe moldava os pés alvos, era extremamente alto. Uns óculos preto lhe cobria os olhos. Os cabelos castanhos brilhavam sob a já fraca luz do sol.

Fabíola Buckholz era uma mulher sensual, linda e arrogante.

— Fabíola — um branquelo careca, alto, de terno e óculos preto, falou. Era um dos assessores do senador

— Diga. — Fabíola replicou sem se quer olhá-lo.

— A menina dorme — avisou.

— Acorde aquela pestinha e traga-a para mim — falou, áspera.

O homem se afastou e quando voltou trouxe consigo a menina, que esfregava os olhinhos, por causa do sono. A massa ruiva estava toda bagunçada. Os lacinhos pretos de cabelo, que faziam par com o vestido minúsculo e rodado, há muito já sumira dentro dos fios ruivos.

Fabíola revirou os olhos por trás dos óculos, tentou segurar a mão da menina, mas devido a sua altura, dentro daqueles saltos, não conseguiu.

— Vem, pestinha — segurou a menina nos braços.

— Fa...— a menina brincava com os cabelos de Fabíola.

— Quieta, fedelha — disse e encaminhou-se em direção à lápide em estavam umas poucas pessoas, inclusive seu pai e os assessores dele, nunca entendera por que seu pai necessitava de tantos assessores — para gastar o dinheiro público, claro — sua madrasta, alguns amigos, tanto do falecido, quanto dela também estavam ali. Alguns políticos também tinham ido, por consideração ao seu pai.

— Fá — a menina bateu com uma das mãos no peito de Fabíola, querendo sua atenção, logo em seguida apontou o pequeno dedo, um nozinho branco, para o caixão — Papai...Papai...dormindo é?

Fabíola revirou os olhos novamente. A menina era tão insuportável quanto o pai.

Que saco!

Inferno de menina!

Apenas se casara com Daniel Covick por uma coisa. Apenas por uma e havia conseguido.

O fato era que não estava nem um pouco ressentida pela morte dele.

Quando o caixão foi colocado na cova e a terra fora jogada por cima, Fabíola pôs Melissa no chão, já não suportava mais ficar com ela nos braços. Não nutria nenhum tipo de sentimento pela menina.

— Fique de olho na menina — disse, arrogantemente, para o assessor.

Melissa correu para longe do sepultamento de seu pai, não tinha nem noção de que seu pai jamais voltaria.

O assessor correu atrás da menina feito um louco.

— É a minha filha! É a minha Melissa. — Erin falou eufórica. Emocionada. O coração pulsava fortemente. — Eu sabia que a encontraria aqui.— Dito isso correu ao encontro da filha, depois de cinco logos meses. A saudade era grande de mais.

Como se tivesse marcado aquele encontro, Melissa se jogou nos braços da mãe.

— Oh, meu amor, você cresceu tanto, minha menina. Mãe. Eu sou sua mãe. Lembra de mim, pequena? — Erin abraçou a menina quase que desesperadamente e beijou-lhe a testa, depois as bochechas rosadas. — você cresceu tanto, minha pequena Melissa, tanto.

Melissa jogou a cabeça nos ombros da mãe, depois brincou com os cabelos curtos.

— Fá...Fá...

— O que foi, meu bebê?

O assessor se aproximou, expressão alarmada.

— Senhora, eu a aconselho a soltar a menina — disse ele, num tom de voz ameaçador.

— Ela é minha filha. Eu não vou soltá-la! — Erin falou, alterada.

— Eu vou lhe pedir, mais uma vez, senhora, solte a menina ou...

— Ou você vai fazer o quê?! — Leonel interveio avançando para cima do homem.

— Leonel, por favor — Marcelle puxou-o pelo braço.

— Senhora, solte a menina — repetiu o assessor, impaciente.

Antes que pudesse falar algo Erin a viu. Reconheceu-a de imediato, como não reconhecê-la? O jeito elegante e altivo de andar era amedrontador. Ela vinha acompanhada de três homens. Erin teve vontade de correr, mas sabia que se o fizesse seria presa. Abraçou forte sua filha. Nunca queria deixa-la partir. Mas ela partiria uma segunda vez, e sabia disso.

— Solte a menina, drogada! — Fabíola escarneceu.

— Ela é minha filha eu não vou soltá-la. Sua Víbora! Cretina!

— Solte a menina ou chamo a polícia e você vai presa. Sabe que tem restrições judiciais para que mantenha distância da menina. Solte-a.

— Não!

— Tirem a menina dela. — Fabíola ordenou — Andem! Tirem a menina dela! — Os assessores avançaram sobre Erin.

Leonel poderia fazer alguma intervenção, mas sabia, sabia desde o início que Erin estava errada e dera conselho a ela para que não se atrevesse a ir aquele velório. Mas ela era teimosa. Gostava de arranjar problemas.

— Minha filha! Leonel. — Erin gritou desesperada enquanto a sua filha era mais uma vez arrancada de seus braços.

Melissa começou a chorar. Erin também. Uma agonia estarrecedora.

— Não leve a minha filha, sua víbora!

Fabíola torceu o nariz, logo depois um ar de riso.

— Tirem essa louca, drogada, daqui do cemitério! Imediatamente!

— Não! Não! Minha filha não! — gritou aos prantos e jogou-se nos braços de Leonel. — Por favor, Leonel, faça alguma coisa. Você sabe que eu não sou drogada — pediu, lágrimas lhe escorrendo dolorosamente dos olhos.

— Víbora! — Marcelle gritou para Fabíola — Minha amiga não é drogada e nem louca, mas você é cruel, baixa e mau caráter,

— Não entre onde você não é chamada, sua hipossuficiente! Suburbana! — Fabíola desdenhou e deu as costas. Começou a caminhar. Podia ouvir os gritos desesperados da mãe da menina. Mas isso não a comoveu, nem um pouco.

Findo o velório, entrou no carro extremamente irritada. Hipócrita, mulher hipócrita! Aquela médica de quinta categoria e toda aquela gente chula que a rodeava.

— Fá...

Melissa balbuciou.

— O que é pestinha?

A menina sorriu, depois de muito ter chorado.

—Você é a cara da sua mãe, pirralha — Fabíola disse, olhando atentamente para as feições da menina.

— Mãe...mãmae...é, Fá?

— Eu não sou a sua mãe. Ela é tão assassina quanto o seu avô. Pirralha malcriada.

A menina sorriu novamente e esticou os braços em direção a Fabíola.

— Pra lá. Sai de perto de mim.

Melissa nada tinha do pai. Todos os seus traços de beleza eram da mãe. Erin Feller. Sentia uma dor no ego ao lembrar desse nome... Daquela mulher.

Mesmo que tivesse tomado tudo dela, por algum motivo, ainda não se sentia em paz, pensou esmurrando o banco do carro.

Lembrava-se nitidamente dos olhos verdes naquele dia no hospital. Da calma na voz. Do jeito caloroso como ela havia segurado sua mão.

E ela tinha muito mau gosto para homens. Daniel era um hipócrita ignorante, mas nunca deixara que ele fosse ignorante consigo, nem ele nem ninguém, ou não se chamaria Fabíola Buckholz. Aquele outro sem graça ao qual ela havia se jogado nos braços, procurando por conforto, era horrendo.

Sacudiu a cabeça.

Ela tinha péssimo gosto para homens.

Mas que inferno!

Esperava nunca ver aquela mulherzinha outra vez.

Pisou fundo no acelerador, quando o sinal vermelho abriu, saiu arrastando pneu, pelo asfalto.

Capítulo 3

Os sapatos de Erin tamborilavam no chão preto de mármore. Elaobservava cada detalhe da luxuosa entrada da Buckholz'S Corporação. Um hall de preto resplandecente em meio a um mar de sofisticação. Toda decoração do lugar remetia à contemporaneidade, Erin achou isso cômico, visto que a mulher que administrava aquela empresa era insensível e sem coração. Um verdadeiro demônio.

De frente para a entrada principal, em uma enorme porta de vidro, ficava a mesa da recepcionista. Do lado esquerdo, uma porta de elevador, cinza metálico, do outro lado, uma longa escadaria marmorizada. Olhou de relance para cima, o decorativo na cor vinho era estilizado em uma letra B de Buckholz'S, pequenas luzes que iluminavam o recinto eram colocadas em perfeita ordem, por cima da letra B, que quase tomava o teto.

Em algum lugar próximo da escadaria que dava para os vinte e dois andares acima, havia um centro de vidro com algumas revistas e enfeites. Três sofás, dois de cor preta e um de cor vinho, o rodeavam.

Erin caminhou até a morena de cara amarrada que falava ao telefone. Ficou um pouco distante até que ela desligasse o mesmo. Voltou seu olhar para os mutirões de carros que passavam lá no asfalto e pensou na vergonha que passara no cemitério, semana passada. Recordou daquela voz carregada de sotaque, proferindo palavras pouco amáveis e profanas. Lembrou-se também dos olhos cobaltos, naquele dia no hospital, eram dois poços cheios de ódio, desprezo.

No cemitério, destroçara-a verbalmente e depois de tê-lo feito, simplesmente, havia indo embora, levando sua filha, como se fosse dela.

Balançou a cabeça em negativa. Falaria com Fabíola Buckholz porque queria de volta a guarda de sua filha.

Não era uma drogada, como ela e o seu falecido ex-marido haviam acusado.

Contrataria um dos melhores advogados de Florianópolis, mas conseguiria de volta a guarda de Melissa.

— Em que posso ser útil? — Perguntou a recepcionista, de modo impessoal, interrompendo os pensamentos de Erin.

Quando Erin se voltou para a mulher, percebeu que ela lhe analisava as roupas. E, pelo olhar castanho, havia sido aprovada em seu traje. Usava uma saia bege, social, na altura dos joelhos, um sapato vermelho de salto e uma blusa social, salmão. Uma bolsa de couro vermelho acompanhava sua indumentária.

— Eu gostaria de falar com a senhora Fabíola Buckholz — Erin disse, simplesmente.

—Seu nome? — indagou a recepcionista, com um leve arquear de sobrancelhas.

— Erin Feller.

A recepcionista clicou num dos botões do telefone, Erin ouviu quando ela citou seu nome e após citá-lo sua expressão séria se transformou em espanto.

— Senhora Feller, a Senhora Buckholz está em uma reunião e provavelmente terá reuniões o dia todo. Ela pediu para que voltasse outro dia.

Erin respirou fundo.

Como assim voltar outro dia?! Que sandice era aquela?!

Não tinha tempo de voltar outro dia. Trabalhava. E tinha a plena certeza de que se voltasse outro dia ela não lhe atenderia de igual forma.

Cuidadosamente, Erin caminhou até aqueles sofás, acomodou-se sobre um e pegou uma das revistas arrumadas sobre a mesinha de centro de vidro fumê. Leu e releu os jornais e revistas. Talvez sua espera fosse inútil. Fabíola poderia simplesmente não sair por aquela porta de elevador. Poderia passar diretamente para o térreo, pegar seu carro esportivo e partir para casa sem nem ao menos ter de passar por ali. Um sentimento frustrante invadiu a mente de Erin com força. A insegurança lhe tomando o peito. Mas tinha de

esperar, não poderia desistir assim, era por Melissa e faria isso por ela. Sabe Deus onde estava sua filha agora.

Duas horas se passaram. Erin olhou para seu relógio de pulso, depois para um que havia numa parede. Seus pés já estavam começando a doer, dentro daqueles saltos. Era inútil.

Sua espera era inútil.

Olhou mais uma vez para ambos os relógios, exatamente três horas e quinze minutos haviam se passado. O desespero a tomou por dentro. Não conseguiria falar com a mulher. Talvez ela já tivesse mesmo até ido embora e ainda estava ali, feito uma palhaça, esperando. Pessoas passavam para lá e para cá, lançando em sua direção olhares profanos, questionadores, sem contar a recepcionista. Mulher esnobe. Isso porque não era a dona da empresa, somente a recepcionista.

Não havia qualquer motivo para que Fabíola passasse por ali, quando descesse de seu reinado, de cima para baixo, onde os pobres mortais habitavam, bem abaixo dos ricos e poderosos, como ela.

Insatisfeita, Erin colocou-se de pé, foi nesse exato momento que a porta do elevador abriu. Viu-a de imediato. Como não vê-la. Alta, sofisticada, dentro daquela saia preta e daquele blazer da mesma cor. Ela estava acompanhada por uma comissão de executivos e executivas e seus subordinados. Conversava seriamente com uma mulher. Erin sentiu seu coração bater forte e as pernas temerem. Os efeitos que Fabíola causavam em si eram colaterais.

O olhar azul dela encontrou o verde de Erin. E por algum motivo havia uma fúria cega neles. Faiscavam como o fogo faísca, mas então ela apenas passou direto para a saída, como se Erin não a estivesse esperando ali por quase quatro horas, com fome, com cede, cansada, pés doendo.

Erin engoliu em seco. Não podia deixa-la ir. Jogou a revista no sofá e correu atrás dela. Mas logo foi impedida por dois homens, antes que pudesse chegar até a “deusa mortal.”

— Desgraçada, fale comigo! Fale comigo!

— Senhora, acalme-se, por favor — pediu um dos homens.

— Eu quero falar com essa víbora — sibilou, furiosa.

Cercada por seu séquito, Fabíola continuava andando.

— Senhora, eu peço que mantenha a calma. Erin se debateu.

— Eu quero falar com essa mentirosa, imunda! Olhe para mim! Covarde. — Erin gritou quase sem fôlego.— Inútil. — Num gesto rápido, pegou a bolsa e jogou em direção a Fabíola, por pouco não bateu nela.

Furiosa, Fabíola parou, diante de tamanho escândalo nos pavimentos de sua empresa. Olhou para a bolsa vermelha jogada ao chão e teve vontade de pisar em cima, de esmagar, mas sua ética profissional não deixou que fizesse isso. Aplanou-se e pegou a bolsa do chão. Quando se voltou para Erin, lançou um olhar devastador. Fuzilou-a.

— Tirem suas mãos desta mulher, para que não se sujem.

A expressão de Erin passou de alteração para indignação.

— Com você é que se sujam. Você é imunda, não eu!

Fabíola entregou a bolsa de Erin a um dos seus súditos.

— Muito bem, vou falar com você — disse, friamente, parada de frente para Erin.

Erin se acalmou e foi até o segurança pegara a bolsa, colocando-a de volta no ombro. Quando levantou o olhar se deparou com todos olhando para si, reprovadamente. Não se importou, já conseguira a atenção da deusa Buckholz.

Fabíola adentrou para o elevador e esperou até que a médica viesse ao seu encontro. Observou-a.

Por que sentia algo estranho dentro de si sempre que olhava para aquela mulher? Durante todos esses cincos meses de encontros e desencontros?

Era ódio. Ódio e algo mais.

Erin adentrou para o Elevador e viu quando Fabíola apertou o botão com força desnecessária, como se quisesse quebra-lo. Ela nem se quer a olhou. Mantinha a postura inflexível de sempre.

De esguelha Erin olhava para ela, mas o rosto bonito e fechado apenas fitava a porta cinza metálico, como se esta fosse uma miragem.

Por que ela era tão fria? E por que tinha tanta raiva de si? Não entendia.

A postura dela era extremamente alinhada. A arrogância estava estampada em seu belo rosto, para qualquer um quisesse vê-la.

— Por quê me olha assim, de soslaio. Acha que não estou vendo? — Fabíola disse ainda sem olhar para Erin, que logo sentiu o coração disparar, ao ouvir a voz dela.

— Não é para você que estou olhando.

Fabíola deu uma risada áspera.

— Sei. Não há mais ninguém neste elevador, doutora. Seja um pouco mais inteligente. Já basta a quantidade de imbecis que existem neste mundo.

— Aonde estamos indo? — Erin perguntou, tentando mudar o rumo da história.

— Você quer falar comigo, não? Se não, clico no botão e descemos novamente. Então você some da minha frente e nunca mais quero vê-la de novo — disse, fitando a porta. Jamais esperou uma atitude escandalosa daquelas vinda de uma mulher tão bem estudada. Onde estariam os bons modos dela? Deixara a educação em casa? Não, por que só podia.

— Bem, sim.

Não posso imaginar o que seja.

— Eu acho que você pode sim teimou Erin.

Fabíola altivou a cabeça, odiava que alguém discordasse dela. E então, aquela mulher pequena, de 1,63 m, o fazia. Ela, com certeza, não tinha pudor.

A porta do elevador abriu.

Erin deu de cara com um sofisticado apartamento.

Fabíola tinha um apartamento ali, na cobertura da empresa? Bem, provavelmente, sim. E o apartamento era lindo, por sinal. Totalmente preto e branco. Pisou no porcelanato que cobria o chão e pôde se ver.

Fabíola caminhou até a sacada, compassadamente, de costas, disse:

— Muito bem, comesse a falar. Tenho coisas a fazer e não posso perder o meu precioso tempo com você.

Erin deu uns passos à frente e pensou por onde começar. Pelo começo era sempre a melhor opção, mas o fato era que não tinha um começo.

— Senhorita Buckholz, eu preciso que você me deixe ver a minha filha...

Fabíola quase gargalhou, sem acreditar no que ouvia. Mexeu a cabeça para lá e para cá, enquanto fitava os carros que passavam lá em baixo.

— E por qual motivo eu faria isso? — Indagou, fria como gelo.

— Porque você aquele cretino a tiraram, injustamente, de mim.

— Fabíola se voltou para ela.

— Você sabe muito bem que não tinha condições de criar a menina, não sabe, por causa de seus vícios?

Erin cerrou os olhos. Irada, avançou contra Fabíola, de mão erguida.

— Nada disso doutora. — Fabíola segurou a mão de Erin com força. Não ouse fazê-lo.

— Eu quero ver a minha filha.

— Então procure a justiça e tente conseguir a guarda da menina de volta!

Erin soltou bruscamente e afastou-se de Fabíola, repugnada. Como alguém podia ser tão descarada? Perguntou-se.

— O que você e o Daniel fizeram comigo foi uma covardia. Como puderam, meu Deus, ser tão cruéis? E Você sabe que eu não uso drogas!

— Tente dizer isso para a justiça. — Fabíola disse, cínica.

— Porque você fez isso comigo? Eu salvei sua vida.

— Salvou porque era o seu trabalho. Não fez mais do que sua obrigação.

— Eu deveria tê-la deixado morrer!

Fabíola passou as mãos pelos cabelos e jogou a cabeça para trás, encarando-a.

— E por que não o fez?

— Porque eu não sou igual você.

— E como é que eu sou? — Fabíola perguntou avançado em direção a Erin.

Quando deu por si, Erin estava de costas na parede.

Ela estava avançando. Avançando como uma tigresa feroz, Erin se apavorou.

— Você não presta e não se aproxime de mim. Fique onde está, agora mesmo.

— Eu estou em meu apartamento, tenho o direito de andar por onde eu quiser. — Fabíola rebateu.

Erin pensou tristemente que ela tinha razão.

— Sim, você tem razão. Esse é o seu apartamento — disse aflita.

— Já acabou o que veio fazer aqui? Fabíola deu mais um passo à frente. — Não tenho mais tempo olhou a hora no relógio.

— Senhorita, eu...faço qualquer coisa, mas me deixe ver a minha filha — pediu quase que implorando.

Os olhos de Fabíola estavam pecaminosos.

Estava tão próxima da doutora que podia inalar o cheiro suave dela. Por que inferno ela tinha de ser tão sensual?

Fabíola olhou para Erin de cima a baixo, esta se sentiu desnuda sob os olhos sedutores da empresária. O seu peito estava arfando dentro da blusa salmão.

Erin encarou a boca de Fabíola, mas logo tirou a vista dali.

— Muito bem. Você fará qualquer coisa?

Erin se manteve silente por uns instantes.

— Sim...— confirmou num fio de voz.

— Venderia seu corpo para mim?

Erin arregalou os olhos.

— Como assim, em que sentido, vender meu corpo?

— Você entendeu, não vou repetir. Não se faça de idiota.

— Eu não estou à venda, menos ainda o meu corpo. Por quem me toma? Acho que sou alguma prostituta? — Perguntou, indignada.

— Você disse que faria qualquer coisa.

— Qualquer coisa menos isso. Faça outra proposta.

— Não tenho outra proposta. Além de seu corpo, não há nada de valor que você tenha, que eu possa ter interesse — disse, orgulhosamente.

Erin se esquivou da empresária.

— Eu tenho namorado. E, eu não gosto de você.

— Isso não me importa. E quem disse que para ir para cama com alguém precisava haver amor ou mesmo gostar, doutora. E

amor é uma palavra que não existe em meu vocabulário, gostar tampouco.

— Você é um monstro.

— E dos piores que existem, no entanto, tenha cuidado com as palavras. Agora diga-me, aceita a minha proposta?

— Nunca!

— Muito bem, então se retire do meu apartamento. Só perdi meu tempo com você. Não me apareça aqui outra vez ou sairá daqui com a polícia.

— Você não tem o direito de tomar minha filha assim — alterou-se.

— Tenho, você sabe. Sabe que eu posso qualquer coisa.

— Você jamais terá o meu corpo!

Fabíola trincou os dentes. Aquela mulher ousava em subestimar sua paciência.

— E você jamais terá sua filha de volta! — Lembrou-a. Foi até o elevador e apertou o botão. — Pode ir — disse de cabeça erguida. — Saia daqui agora!

Erin encarou-a, indignada. Falaria com o seu advogado, mas teria a guarda de sua filha.

Caminhou até o elevador e passou pela endemoniada.

— Fique sabendo que isso não ficará assim. Falarei hoje mesmo com o meu advogado.

— Faça como quiser. Já são quase cinco meses que você tenta, não? Você já sabe, o único modo de ver sua filha é aceitando a minha proposta.

Erin olhou para ela, de cara feia.

Calculista! Clicou no botão do elevador.

A porta se fechou.

Estava longe da vista daquele monstro.

Vender seu corpo. Quase não podia acreditar numa barbaridade dessas.

Onde já se viu?

Em que mundo Fabíola Buckholz vivia? Ela achava que o dinheiro poderia comprar tudo?

Estava enganada então.

Capítulo 4

Domingo.

Em sua escrivaninha Fabíola analisava um contrato de compra e venda, quando ouviu um forte barulho vindo da sala de estar. Parecia um barulho de um vidro quebrando.

Tirou os óculos de leitura e gritou:

— Lia!

A babá apareceu de imediato.

— Sim, Fabíola? — Perguntou parada à porta.

— Que barulho foi esse?

— Eu não sei, mas estou indo olhar agora.

Fabíola levantou-se, furiosa, da cadeira. Jogou os papéis com força para o lado.

— Eu pago a você para quê?! Diga-me?! Vociferou. Pegue suas coisas e saia de minha casa, está demitida. Eu não necessito de pessoas irresponsáveis.

A babá tentou explicar.

— Mas, Fabíola, eu...

— Não quero saber de explicações. Pode ir. Passe na empresa segunda-feira, para assinar sua carteira e pegar o dinheiro.

Bruscamente, passou pela babá e foi até a sala de onde o barulho viera. A primeira coisa que seus olhos viram foi as gotas de sangue no seu tapete branco e felpudo.

A peste da menina tinha se cortado, isso era quase uma certeza.

Passou apressada pelo seu jarro chinês, que havia sido fatalmente destruído, de cima de seu centro de sala.

— Melissa! Melissa! Onde você está?! Apareça pestinha!

Fabíola procurou a casa toda, quando passou pela escadaria da sala ouviu um barulho vindo da porta que havia debaixo dela,

onde ficava um pequeno quatro.

Quando abriu a porta, viu os dois dedos da menina cortados.

Suspirou de raiva. Não tinha cabeça para cuidar daquela menina. Não tinha mesmo. A babá era uma irresponsável.

— Venha aqui, Melissa — pegou a menina pela mão, ela logo começou a chorar.

Fabíola caminhou direto para a cozinha.

— Denise! — Gritou para a cozinheira.

— Sim, Fabíola.

— Preciso de ajuda com os dedos desta pestinha.

Denise já era uma senhora de meia idade. Cabelos grisalhos, pele esbranquiçada e pequeninos olhos escuros.

— Meu Deus! O que foi isso?! — Perguntou, surpreendida.

— A irresponsabilidade dos meus empregados! Foi isso! Bando de incompetentes. Lave as mãos dessa menina com soro. Vou ligar para o Gustavo, ver se é necessário uma análise médica nesses dedos cortados. Se for, peço para que ele venha aqui.

Melissa estava aos berros.

Fabíola revirou os olhos. Não tinha mai s paz.

Ligou para o médico e apenas recebeu instruções de que deveria lavar o corte com soro, passar um spray e logo em seguida fazer um curativo. A lesão fora pequena.

Amanhã teria de contratar outra babá. Mas que inferno! Esta já seria a quinta babá, dentro de um mês.

Odiava gente irresponsável. Abominava.

Será que era tão difícil encontrar alguém que fizesse as coisas certas, como deveriam ser feitas? Voltou para a cozinha.

Venha! Eu mesma vou dar banho em você hoje dito isso pegou a menina nos braços. Quando ia passando pela sala o telefone tocou.

—Denise.

— Sim, Fabíola.

— Atenda esse telefone. Diga que não estou. — Subiu as escadarias e foi diretamente para o quarto rosa, de Melissa.

— Fá...desculpa, por favor... — fez biquinho.

— Não fale comigo. Você só apronta. Por sua causa tive que demitir quatro, empregadas. Quatro! — Foi até o guarda-roupa rosa

e abriu-o com força. Pegou um vestido e uma calcinha e jogou— os na cama. Colocou Melissa nos braços e rumou para o banheiro. Enquanto a água morna enchia a banheira, tirou a roupa da menina.

— Fá... Melissa levantou a mão.

— Se está doendo é porque você procurou por isso.

Melissa fez biquinho e começou a chorar.

Fabíola passou as mãos pela cabeça. Já não suportava mais.

***

— Erin, por favor, minha flor, você não pode, simplesmente, se trancar em casa. Hoje é domingo, vamos à praia. Somente as amigas, nada de namorados. — Marcelle insistiu.

Erin não sentia a menor vontade de sair. Essa que era a verdade.

Mas também não podia viver somente em casa.

— Está bem, Marcelle, você venceu. Vamos à praia.

— Essa é a minha amiga. — Marcelle disse abraçando Erin.

— Vou pegar minha bolsa e rapidinho já volto.

— Vá, querida. Essa sua amiga aqui esperará você o tempo que precisar.

Quando Erin voltou Marcelle estava com uma taça de vinho quase seca.

— Você está sóbria, Marcelle? — Brincou Erin.

— Sóbria toda, amiga!

A campainha tocou.

Erin foi atender, quando abriu a porta, teve uma surpresa.

— Chegamos! —Disse uma das três mulheres.

Eram as amigas de Erin, Juliana, Kátia e Adriana.

— Pronto, a equipe das amigas está toda reunida! Vamos, pessoas lindas. — Kátia dançou no meio das meninas e arrancou a taça com vinho da mão de Marcelle.

Erin sorriu, mesmo que estivesse triste as meninas a alegrava.

— Vamos meninas! — Chamou Juliana.

— Vamos! Quem vai dirigindo?! — Perguntou Adriana.

— Você, Adriana, já que perguntou — disse Marcelle.

Todas gargalharam e encaminharam-se para o carro.

— Para que praia nós iremos? — Adriana quis saber.

— Campeche!

Escolheu Kátia. Todas concordam?

— Sim!!!

Houve um "SIM" concomitante.

— Não — interveio Erin. — É melhor irmos ao Jurerê internacional. Vamos à praia de lá.

— Tudo bem. Jurerê, então Marcelle concordou.

Para Marcelle, Erin sempre dava a palavra final.

— Qual música as damas gostariam de escutar? — Indagou Adriana.

— Cold War Kids/First! —

A música agitada logo começou a tocar!

***

— Não, papai, eu não vou sair para jantar algum! — Fabíola falou ao telefone.

— Filha, estamos comemorando a minha vitória, pelas eleições.

— Eu já estou cheia do senhor e desses seus políticos corruptos!

— O que é que você tem, Fabíola?! — Estranhou o senador, do outro lado da linha. — Diga as razões pelas quais você fala assim com o seu próprio pai?

— Nada, papai! Eu não tenho absolutamente nada!

— Tudo bem. Não quer vir, certo. Depois não diga que não a convidei.

Fabíola revirou os olhos.

Como se fizesse questão de ir àquele jantar cheio de mentirosos. O senador, seu pai, era outro. Políticos que subiam em cima de um palanque para mentir. Muitos corruptos. Odiava essa classe, embora seu pai fizesse parte dela.

— Tá, papai. Já entendi. Vou desligar.

— Tudo bem. Tchau, filha.

— Tchau! — Bateu o celular na mesa e olhou pelo enorme vidro que tomava uma parede inteira de sua sala.

Fitou o mar ao longe, por um instante.

Seria bom ir respirar uma brisa marítima.

Teria de levar consigo a pestinha.

— Nando! — Chamou o motorista, que estava na cozinha.

O homem logo veio.

— Sim, Fabíola.

— Apronte-se. Vamos à praia. Você vai cuidar da menina.

O homem pigarreou.

— Cuidar...da...pequena Melissa?

— Por algum acaso tem outra menina aqui nesta casa? — perguntou. — Sim. A Melissa. Ela mesma. — Passou pelo homem como um furacão. Subiu alguns degraus e parou. — Esteja pronto quando eu descer. Pegue todas as cadeiras de praia e guarda sol. O lanche da pirralha também — continuou a subir.

— Sim, Fabíola.

Nando se afastou, resignado. Sua patroa era uma droga de mulher arrogante. Insuportável. Nem ela mesma se suportava.

Fabíola foi até seu quarto, colocou um biquíni estampado e vestiu um camisete branco, por cima. Pegou os óculos, o chapéu e calçou uma sandália de dedo. Pronta, caminhou para o quarto de Melissa, que estava brincado com suas bonecas.

Vestiu um biquíni rosa-bebê, na menina e colocou um minúsculo camisete rosa por cima do biquíni. Calçou uma sandália nela e pôs um chapéu por cima da massa ruiva.

— Nando! Nando — desceu as escadarias gritando e puxando a mão de Melissa.

Nando apareceu.

— Já estou pronto, Fabíola.

— Se está, então, vamos. — Largou a mão de Melissa. — Pegue a pirralha.

Capítulo 5

O sol da tarde de domingo irradiava no céu azul e branco, majestosamente.

O brilho esplêndido iluminava a terra e seus habitantes.

Naquele dia praia estava cheia, mesclando pessoas e raças de diferentes lugares.

Acomodada em uma cadeira de praia Fabíola olhava na direção de Melissa e Nando, que vinham do mar, onde estiveram mergulhando há pouco.

Nando se aproximou e colocou Melissa numa minúscula cadeira, ao lado de Fabíola, depois se acomodou.

— Muito boa a água salgada, Fabíola, não vai? — Nando falou puxando assunto com sua patroa.

— Você sabe muito bem, Nando, que eu só tomo banho de praia quando o sol se põe. Então, não faça perguntas idiotas.

Nando ficou desconfiado.

Fabíola virou o pescoço e olhou para Melissa.

— Dê água a menina, não vê que ela está com cede?

Nando se sobressaltou. Pegou uma mamadeira com água de coco e entregou a Melissa.

Agora serviria de babá.

Que coisa não?!

— E a Lia, Fabíola?

— O que tem ela?

— Não vai mais trabalhar conosco?

— Não. De pessoas irresponsáveis já basta as que têm na minha empresa. Não vou admitir isso também na minha casa. De forma alguma.

— Humm Nando virou o rosto para o outro lado.

— Por que a pergunta?

— Não. Por nada.

Quando Fabíola virou para o outro lado, quase não podia acreditar no que via.

Piscou os olhos três vezes por detrás dos óculos escuros.

Os olhos as vezes eram errôneos.

Fitou o corpo de Erin. Ela usava um biquíni preto e laranja, destacando-se na pele alva. Sorria e abraçava as amigas. Ela parecia feliz.

Um sentimento se irritação invadiu o corpo de Fabíola.

***

— Volta lancha, vamos? — Marcelle disse se acomodando numa cadeira ao lado de Erin.

— Prefiro tomar um chopp — Juliana sorriu.

— Eu também disse Adriana, servindo— se uma água de coco gelada.

— Ninguém vai querer me acompanhar? — Marcelle indagou. — Kátia, Erin, só me restou vocês.

—Outro dia, Marcelle, mas eu tenho certeza de que a Kátia vai aceitar ir com você.

Kátia sorriu quando Erin disse isso e lhe deu uma tapinha no ombro.

— OK, Erin, está perdoada — Kátia disse, levantando.

Erin sorriu

—Vão lá, meninas, divirtam-se. — Erin desejou.

— Mas não se afoguem! — Gritou Juliana e lançou um olhar atrevido para o salva vidas, um loiro alto e charmoso. — Deixem que eu mesma me afogo — falou em polvorosa, encarando o salva vidas.

Erin e Adriana sorriram.

— Nós entendemos a referência — ambas disseram para Juliana.

As três caíram na gargalhada.

— Meninas, vocês não prestam pra nada?! — Juliana se serviu de uma dose de energético.

— Nem um pouco. — Adriana concordou.

— E o trabalho no SINE, Adriana, como vai? — Erin quis saber, servindo-se de uma água com gás.

— É sempre tranquilo, por lá. Perrengue deve ser no hospital.

Erin balançou a cabeça concordando.

— É... Digamos que... Às vezes.

— E a Donatela, ainda no seu pé por causa do Leonel?

Erin passou a mão pelos olhos.

Donatela era uma médica que também trabalhava no Santa Mônica e, era ex namorada de Leonel, seu atual namorado.

Donatela era mesquinha, insuportável, não gostava de ver ninguém feliz ao redor. Ela e a dama Buckholz formavam uma bela dupla de idiotas arrogantes.

— De vez quando ela solta umas indiretas para mim, mas você sabe, Adri, eu não dou a mínima para Donatela. Não há motivos para que eu desça à sarjeta feito ela. E você e Jordan, firmes no noivado? — Adriana jogou a cabeça para o lado sorrindo.

— Firmes e fortes disse feliz.

— Fico feliz por você, Adri, nada melhor do que está com alguém que nos faça bem, que nos ame.

Juliana pigarreou.

— Bom, meninas, hoje é domingo, portanto, devemos nos divertir e não falar em trabalho. — Interveio Juliana. — Já Basta a semana inteira de trabalho. Eu e a Erin dentro dos hospitais e você a semana inteira no SINE, não Adri? E mais, vocêS sabem que eu estou solteira já há alguns meses...Então...

As meninas sorriram.

Juliana era louca.

Também era médica.

— Que alguns meses o quê, Ju? — Erin gargalhou. Não faz nem duas semanas que você mesma acabou com o seu namoro de três meses.

— Verdade, Ju. — Adriana concordou com Erin.

— É que se eu passar de cinco meses com uma pessoa enjoo — sorriu. — Não se esqueçam de que próximo domingo faremos a comemoração da Kátia lá no clube Vogue.

— Eu estou lembrada e muito bem lembrada Revelou Adriana, tomando outro longo gole da água de coco gelada.

— Também não esqueci. — Erin afirmou sorrindo.

***

Fabíola ficou a observar a alegria de Erin e das amigas.

Mas logo acabaria com essa alegria dela. Levantou e pegou Melissa nos braços.

— Nando, arrume tudo e leve para o carro.

— Já vamos para casa?

— Lógico!

— Certo.

Nando se propôs a arrumar as coisas, enquanto Fabíola se afastava com a Melissa nos braços.

Não podia imaginar aonde ela estava indo. Talvez afogar a menina, maluca do jeito que era, pensou ele.

Ah, temperamento viu, o de sua patroa.

Erin sorria, mas logo o seu sorriso se dessfez, quando avistou sua filha nos braços da empresária. Olhou para os dedos de Melissa e viu o curativo molhado.

Assombrou-se!

O que tinha sido aquilo? Estaria sua filha sendo espancada?! Não!

Fabíola percebeu que a médica havia visto a ela e a menina. Era por isso mesmo que havia passado por ali. O sorriso faceiro num instante se desfez, pensou Fabíola, sentido-se vitoriosa.

Erin caminhou atrás da empresária. Coração pulsando forte, em seu peito.

Quatro meses e o advogado só havia lhe dado respostas nada confortantes. Teria de contratar outro advogado com mais competência e que corresse com voracidade, para cima de seu caso.

Necessitava de um profissional que tivesse avidez e não morosidade. Se bem que a justiça do país também não ajudava de forma alguma. Isso era tão revoltante.

— Espere! — Erin gritou.

Fabíola continuou a andar como se ninguém a tivesse chamado.

Havia conseguido o que queria. Ela já estava feito uma louca, atrás da menina.

— Fá... — Melissa olhava em direção a mãe.

— Quieta. — Fabíola disse voltando a cabeça da menina para frente, para que ela não ficasse a olhar a mãe e depois cair nos berros.

— Espere! — Erin gritou mais uma vez.

Fabíola continuou a andar a passos largos.

Erin correu e acompanhou-a.

Fabíola voltou para ela. Rosto fechado. Olhos cerrados.

— Você sabe que não pode se aproximar da menina. Por que não o faz, então? — Perguntou massacrante.

— Eu quero ver o que aconteceu com o dedo da minha filha! — Falou, alto.

— Tenha ética, doutora. — Fabíola fez uma careta. Nobre do jeito que era, abominava escândalos em público. — Onde estão os seus bons modos?

— Com você eu não tenho que ter bons modos! — Exclamou furiosa e avançou para tocar a menina, mas Fabíola se afastou. Não deixou.

—Você não vai tocá-la. — Replicou.

Erin se desesperou.

— Eu só preciso ver os dedos da minha filha.

Fabíola segurou a mão de Melissa e levantou-a.

Pronto, pôde ver os dedos de sua filha. Você tem uma proposta doutora, pense nela.

— Eu jamais, eu jamais venderei meu corpo a você!

— Então não vai ver sua filha. — Dito isso Fabíola se afastou, rebolando.

Enquanto a empresária se afastava, Erin sentia seu coração se partir. Sua filha nem mesmo chorava por estar longe da mãe.

Colocou as duas mãos na cintura e fitou o céu.

Marcelle vinha chegando.

— O que houve, Erin?

— Nada, Marcelle — sacudiu a cabeça.

— Você está alterada — percebeu.

— Eu vi a minha filha, Marcelle — disse, com lágrimas nos olhos. — Ela estava com a mão machucada. — Marcelle abraçou a amiga.

— Talvez você devesse procurar outro advogado. O doutor Teles é pouco eficiente quando se trata de guarda de crianças, Erin.

— Eu vou procurar, Marcelle.

— Dizem que o doutor Murilo Gasparini é um ótimo especialista nesse assunto.

— Já ouvi falar sobre ele.

— Procure-o amanhã — aconselhou Marcelle.

— Eu preciso ir para casa.

— Erin, querida...

— Por favor, Marcelle.

Marcelle abraçou Erin.

Eu não advogo para você, porque você sabe, não sou especialista nesta aérea. Faz pouco tempo que deixei o hospital, mas, estou me especializando.

***

Fabíola deu banho em Melissa e deitou-a na cama.

Quando tomou banho e acomodou-se, viu a menina parada à porta com um ursinho vermelho na mão.

— O que é?

A menina correu até a cama box e subiu. Jogou-se em cima de Fabíola e abraçou-a. Fabíola virou o rosto.

— O que é pestinha?

— Fá... — Deitou a cabeça no peito de Fabíola e logo adormeceu. Melissa não tinha medo de Fabíola, apesar de toda rigidez, a criança podia sentir que não era maltratada.

Fabíola revirou os olhos.

Agora serviria de babá.

Observou enquanto a menina dormia. Passou uma das mãos pela massa ruiva e espessa e fechou os olhos.

Nem sempre era fácil ser gentil, conviver de modo brando, com outras pessoas. As vezes era necessário ocultar o perfume da bondade. Esconder as rosas e mostrar somente os espinhos.

Ao invés de ser dócil, era necessário ser amarga.

O mundo dos homens era assim, ou você pisa ou era pisado. E se perguntava por quê? Talvez porque o passado fosse o maior mestre que uma pessoa poderia ter. Uma lição da qual ninguém jamais se esquecia. Embora o passado estivesse sempre presente no mesmo distante lugar, ele era sempre lembrado.

O que se vive não se esquece, não se desfaz. Por algum motivo, por alguma razão, as coisas que marcam o passado de alguém, como a força de furacão, sempre viveriam, mesmo no passado, ainda estariam presentes.

E era com a dor, não? Com as decepções de perder alguém que se ama, por erros de outras pessoas, por erros de incompetentes, que mais se aprendia. Com a dor de ter passado por um momento terrível, de atos brutais.

Todas as cenas lhe cortavam a mente como um bisturi de cirurgião.

Aquele dia e aquela noite. Tudo fora ocultado, como se a maldade daqueles atos profanos nunca tivesse existido.

Provavelmente, todos já se esqueceram, mas não ela, pensou.

Olhou para a menina. Ela tinha o sangue dele e mãe dela também tinha.

Docilidade e fragilidade eram algo que não estavam em seu patamar de vida.

Abriu os olhos e fitou o lustre da suíte, lá no teto branco.

Essa era sua personalidade, deu um sorriso perverso, jamais iria mudar.

Jamais!

Capítulo 6

Segunda-Feira

Erin estacionou seu carro frente ao escritório Gasparini Advogados Associados.

Pegou a bolsa marrom e direcionou-se até a mesa da recepcionista.

— Bom dia, o doutor Murilo Gasparini, se encontra? Erin perguntou.

— Ele está atendendo a um cliente, posso comunica-lo de que o espera, pode ser? Indagou a recepcionista, num sorriso simpático.

— Sim, pode ser Erin sorriu de volta, para ela.

— Qual o seu nome, senhora?

— Erin Feller.

A recepcionista sorriu.

— Certo, vou avisá-lo.

Erin assistiu e foi se acomodar em um dos sofás de espera, para clientes.

Passados pouco mais de dez minutos viu que um homem baixo, de terno bege, saía de uma sala no meio do corredor ao lado direito da mesa da recepcionista.

O advogado caminhou em direção a Erin.

— Olá, senhora — estendeu a mão para Erin.

Ela levantou.

— Olá, doutor.

— Tudo bem disse ele simpático.

— Tudo

— Bem, vamos à consulta? — Fez um gesto para que Erin passasse à frente dele e caminhasse para o corredor em que ficava a sala

Erin assentiu e saiu caminhando à frente do homem, que vinha atrás pisando duro, no chão coberto por um porcelanato técnico oliva

Ao chegar à sala acomodou-se numa cadeira de frente para a do advogado

— Doutor, o assunto é sobre a guarda de minha filha.

***

Após ter deixado Melissa na escola, Fabíola rumou direto para a empresa. Deixou o carro no estacionamento e adentrou para o elevador, seguiu para o último andar.

Tinha uma reunião marcada para as 10:00 h, já eram 09:57 h.

Os executivos com certeza já estavam todos à sua espera.

Estava para fechar um contrato com os italianos, de uma umas ações que queria adquirir num banco da Grécia.

Investir dinheiro em bancos era sempre bom. Eram as empresas que mais lucravam dentro de um ano.

A porta do elevador abriu, Fabíola saiu e passou por várias mesas que ficavam seus funcionários. Pôde sentir olhares vindo de todas as partes, mas continuou a seguir seu destino.

Quando chegou a sua sala, jogou a bolsa em cima da mesa de carvalho e foi até onde estava sua assessora.

— Jaqueline.

A loira ergueu a cabeça.

— Sim, Fabíola?

— Ligue para o SINE, eu preciso de uma nova babá, urgentemente. Dê o endereço de minha casa, eu mesma vou fazer a entrevista com a babá.

Jaqueline se alarmou.

Cinco babá dentro de um mês?!

— Pode ser qualquer dia, Fabíola?

— Você sabe que não tenho tempo para fazer uma entrevista qualquer dia, Jaqueline. Não vê que as reuniões e as viagens tomam boa parte do meu tempo?

A loira ficou desconcertada.

— É. Eu peço para que marquem a entrevista para amanhã?

— Faça isso.

— Que horas?

— 16:00h — disse e se foi.

A loira assentiu e logo pegou o telefone.

Fabíola sumiu em meio ao longo corredor e foi para a sala de reuniões.

Outra babá! Outra babá!

Sacudiu a cabeça chateada.

Esperava, sinceramente, que a nova babá durasse. Melissa era um cãozinho de travessa. Virava a casa de cabeça para baixo, a pestinha. Quebrara seu jarro chinês que adquirira num leilão da China, quando esteve a passeio por lá ano passado e bagunçara todos os seus livros de contabilidade. Odiava que fizessem bagunça em sua biblioteca particular.

***

Erin ouviu fortes batidas na porta de seu apartamento. Não imaginava quem pudesse estar com tanto alvoroço batendo à sua porta.

Foi até lá e abriu-a.

— Adri? O que houve? Que escândalo é esse? — Perguntou, sorrindo. — Adriana puxou Erin para o sofá.

— Eu acho que você vai gostar desta notícia que tenho para dar!

Erin arqueou as sobrancelhas.

— Fale, Adri, está me deixando nervosa — verticalizou a cabeça e passou as mãos uma na outra.

— Veja! Adriana entregou um papel para a amiga.

Erin leu o que estava escrito, atentamente.

— Eu? De babá?

— O que me dizes?!

Erin levantou.

— É lógico que Fabíola não irá me aceitar de babá. Isso é impossível — passou uma das mãos pela testa, levantou-se e andou de um lado para o outro.

— Não custa nada você tentar.

— Entrevista amanhã às 16:00h?

— Isso mesmo. Na casa da víbora.

— Eu não sei, não, Adri suspirou.

— Amiga, talvez leve mais tempo do que você imagina, para conseguir a guarda da menina de volta — Pense bem.

Erin caminhou até a cozinha.

— Você quer um vinho?! — Gritou de lá.

— Vinho aceito. — Adriana sorriu.

— Venha para cá, Adri!

— Já estou indo.

Adriana caminhou até a cozinha e acomodou-se à mesa. Pegou a taça de vinho que Erin enchera para ela e tomou um gole.

— Quando apareceu essa vaga, Adri?

— Hoje mesmo. Quando atendi o telefone a primeira coisa que pensei foi em você.

— Oh, Adri. — Erin esticou os braços e segurou as mãos de Adriana nas suas. — Você é maravilhosa. Todas vocês. — Sorriu.

— Você merece, minha amiga. Tudo de bom. Tenho certeza de que conseguirá a guarda da Mel de volta — confortou.

— Vamos pensar positivo.

— E vamos pensar positivo sobre amanhã também. Brindemos? — Adriana ergueu a taça.

— Brindemos.

— Só há um problema, Erin.

— Qual?

— Como é que você vai conciliar o trabalho de babá com os seus três empregos nos hospitais?

Erin ficou silente. Pensativa.

— Mas somente é na parte da tarde, não?

— Bem, sim, mas você trabalha durante dois dias a tarde, no hospital.

— Darei um jeito.

— E um domingo, sim, um domingo, não, a babá terá de trabalhar.

— Não importa, só o que importa mesmo é a minha filha, Adri.

— E o que disse o advogado? Você foi lá esta manhã.

— Sim. Ele pegou o caso, vai analisa-lo. Dizem que é um ótimo profissional nesses casos de guardas.

— Tenho certeza, minha amiga, de que tudo vai dar certo.

Erin ficou feliz. As meninas eram sempre tão positivas.

— Pessoas resilientes, era exatamente do que precisava. Pessoas que vissem uma saída, ainda que parecesse não haver nenhuma. Pessoas que olhassem pelo lado bom das coisas e não somente pelo lado mal. A vida já era tão cheia de altos e baixos, então, precisava de pessoas que sorrissem da dor e não somente se deixassem senti-la.

— Sim, Adri, tudo vai dar certo.

— Adriana se colocou de pé.

— Erin, querida, já estou indo. Você trabalha hoje à noite?

— Sim, Adri.

— Bom, querida, então vou deixar você descansar. Daqui a pouco é hora de você ir trabalhar.

— Eu acompanho você até à porta.

— Tchau, amiga, tenha uma boa noite de trabalho.

— Obrigada, Adri.

Adriana sorriu e despediu de Erin com um abraço caloroso.

***

Donatela viu quando Erin passou com um Jaleco branco, calça branca e um sapato baixo da mesma cor. Os cabelos ruivos estavam amarrados num minúsculo rabo-de-cavalo.

Levantou-se de onde estava sentada em sua sala e acompanhou Erin.

— Erin, boa noite — disse numa voz de deboche.

Erin se voltou para loira alta e cínica. Os olhos castanhos eram dois poços de inveja.

— Boa noite, Donatela — disse, simplesmente, e voltou-se para a frente.

— Aonde vai com tanta pressa?

— Trabalhar, Donatela.

Donatela sorriu, cinicamente.

— E a luta pela guarda de Melissa, como está? Já são quase cinco meses que você tenta, é isso? Ou estou confundido?

Por um momento Erin se perguntou por que ela queira saber sobre a guarda de sua filha, já que não fazia diferença alguma para ela. Sem contar na raiva que ela sentia por ter perdido o Leonel.

— Muito bem.

— Hum, é contra o advogado de Fabíola Buckholz que você luta? — Indagou com certa ironia. Conhecia muito bem Fabíola. Desde a faculdade, quando cursaram juntas um período de administração. Mas logo desistira, administração era um curso de muitas contas. — Eu acho muito difícil, um advogado simples ganhar a causa.

Erin fuzilou-a com o olhar.

— A competência está na perspicácia, no interesse, na estratégia, e não na quantidade de anos que um profissional trabalhe na área. Olha se você me der licença eu preciso ir trabalhar — disse com firmeza.

Donatela cerrou os olhos e sorriu sem vontade.

— Claro. Toda licença você tem.

Enquanto Erin se afastava, Donatela a olhava de cara feia. Trincou os dentes, de raiva. Erin tinha tomando o seu namorado. O homem que amava. Mas conseguiria ter Leonel de volta.

— Pobre Erin.

— E essa cara de ódio, Donatela? — Perguntou Rodrigo, primo de Leonel.

Donatela voltou para o homem alto, de cabelos castanho-escuro e olhos da mesma cor.

— Nada, Rodrigo! — Saiu em disparada, deixando o médico sozinho.

— Boa noite, Rodrigo. — Leonel cumprimentou, tocando o ombro do primo.

Rodrigo fez cara feia antes de voltar para Leonel. Tinha raiva do primo por nunca ter tido o que ele teve. Era órfão, Leonel, não. Nunca tivera as mulheres que amava, porque Leonel fizera questão de tomar isso de si. Leonel sempre tivera tudo. Amor e carinho de mãe, tudo o que queria tinha. Rodrigo sacudiu a cabeça em um leve

gesto indignado. E ainda tinha tomado de si, Donatela, para depois trocá-la por Erin.

— Boa noite, Leonel — disse, sem sorrir.

— Você viu a Erin? Preciso falar com ela.

— Olha, cara, se eu fosse você procurava. Porque no meu bolso ela não está.

Leonel balançou a cabeça.

— Obrigado pela educação de sua parte.

Dito isso, Leonel se afastou.

Rodrigo olhava em sua direção com uma ira cega.

Um dia, Leonel, eu vou fazer você pagar por tudo, pensou. E quando esse dia chegasse, seria um dia bem memorável.

Capítulo 7

Fabíola foi até a cozinha.

— Denise? — Chamou.

— Sim, Fabíola?

A mulher logo veio ao seu encontro.

— Uma babá ficou de vir aqui fazer uma entrevista. Atenda à porta quando ela chegar e a leve até a minha biblioteca. Entendido?

— Sim, Fabíola.

— Eu vou tomar um banho e ficarei lá esperando, caso ela chegue depois das 16:00 h, não deixe que entre. — Ordenou.

A mulher assentiu.

Fabíola deixou a cozinha e foi diretamente para o quarto, pelo mini elevador que havia próximo da escadaria. Passou pelo quarto de Melissa e viu que a menina dormia. Vagarosamente, fechou a porta do quarto, para que ela não acordasse, caso isso acontecesse a bagunça estaria feita na casa.

Encaminhou-se para o seu quarto e tomou um banho.

Colocou um vestido preto, sem mangas, e uma sandália de dedo, com pequenas pedras de brilhante.

Perfumou-se e desceu para sua biblioteca.

Esperava, sinceramente, que a babá não se atrasasse. Se tinha algo de que gostava em seus empregados era a pontualidade.

***

Erin olhou para a mansão de condomínio.

Era uma belíssima casa branca, de dois andares, bem localizada e requintada.

Havia ainda na porta branca, de entrada, dois pés de coco e entre estes uma pequena escadaria e som ambiente no jardim. Ao lado direito de ambos os pés de coco ficava a garagem.

O acabamento da mansão era impecável, observou Erin e perguntou-se, por um instante, por que Fabíola necessitava de uma residência tão grande. Pelo pouco que sabia o senador não morava com ela. Se ela gostava de mulheres, então por que casar com Daniel? Ou seria ela bissexual?

Esse questionamento de Erin pairou no ar.

Com uma dose de nervosismo lhe tomando o corpo direcionou o carro para o lado da casa e não à frente, já que a casa era de esquina. Tomou uma profunda respiração e desceu do carro, em seguida travou. Esperava ver Melissa. Esse pensamento a alegrou. Mas logo sua alegria se esvaiu, quando pensou no encontro que teria com Fabíola.

Céus, pensar na arrogância dela. Sacudiu a cabeça. Caso começasse a pensar iria embora dali naquele mesmo instante.

A passos lentos caminhou até a escadaria. Antes de tocar a campainha olhou para a rua numa tentativa desesperada de querer fugir dali para bem longe. Tinha ousado aparecer naquela casa somente porque o seu amor por Mel era mais forte do que qualquer outra coisa existente no mundo, ou não teria ido. Não teria ido de forma alguma. O processo estava em andamento, no entanto, muito moroso.

Erin deu uma olhada de relance para o céu e tacou o dedo na campainha. Esperou um momento. Ninguém saiu. Que suspense. Orava para que não fosse Fabíola que viesse atende-la. E para que o sistema de monitoramento das câmeras não tivesse sendo assistido por Fabíola.

Dificilmente ela viria. Com certeza, era um empregado que atenderia.

Tocou novamente na campainha. Esperou mais um momento e a porta foi aberta. Erin se deparou com uma senhora de meia idade.

A mulher sorriu para Erin, de modo simpático.

— Veio para a entrevista com a senhorita Fabíola? — Perguntou, eficiente.

Erin sentiu o coração falhar por instantes. A voz lhe fugiu por um espaço de tempo. As mãos suaram. O corpo tremeu.

— Sim — apenas respondeu.

— Eu sou a Denise — estendeu uma das mãos para Erin, que a segurou.

Denise se afastou da porta para que Erin pudesse entrar.

Erin se viu dentro da luxuosa casa decorada com toques modernos e mobília lindíssima.

A mulher olhou para Erin.

— A senhorita tem preferência por elevador ou escada?

Erin pensou que quanto mais retesasse o encontro com Fabíola, melhor.

Sorriu sem vontade.

— Eu prefiro a escada.

— Claro — Denise sorriu e se pôs a subir a escadaria.

— Faz muito tempo que a senhora trabalha aqui? — Erin puxou assunto, esfregando as mãos uma na outra.

— Sim, bastante tempo já. Uns vinte, vinte e um anos. No entanto, para a senhorita Fabíola trabalho somente há três anos. Trabalhei para os antigos donos. Quando ela comprou esta casa decidiu me deixar aqui.

— Hum. Que bom.

A mulher pigarreou.

Erin viu que ela parou de frente para uma porta branca, de maçaneta dourada, logo em seguida bateu à porta.

— Fabíola?

— Só um momento, Denise. Estou ao telefone.

— Certo. — Denise disse voltando-se para Erin. — Quando ela acabar de falar ao telefon, de certo chamará a senhorita. Boa sorte.

Denise fez menção de se afastar.

Erin a chamou de volta.

— Denise?

— Pois não?

— A menina, onde está?

— A pequena Melissa dorme. Ela chega cansada da escolinha disse e sorriu.

— Ela está bem?

— Sim, está. Só é muito travessa. Esses dias ela se cortou em um pedaço de vidro, depois de ter jogado o vaso chinês que a senhorita Fabíola adquiriu num leilão da China. A pequena jogou o jarro no chão. Provavelmente.

Erin jogou a cabeça para o lado e sorriu. O machucado daquele dia havia sido por isso. Menos mal.

— Entre. — Fabíola disse com voz grave, interrompendo a conversa de Erin e Denise.

— Pode ir, senhorita. Boa sorte mais uma vez.

Erin deu um sorriso nervoso.

— Obrigada, Denise.

O coração acelerado, Erin tocou a maçaneta da porta.

Um silêncio amedrontador pairou no ar.

É por Melissa. É por ela. Eu tenho de fazer isso. Com a coragem lhe faltando e o amor por Mel lhe encorajando, entrou. Observou a biblioteca de canto a canto. A parede era, praticamente, feita de livros arrumados em prateleiras. Havia uma escrivaninha bem de frente para à porta, e algumas cadeiras e vasos de chão, com flores artificiais. Havia, numa das paredes, um enorme quadro com a foto de Fabíola, o senador e uma mulher de seus quarenta e tantos anos. Naquela fotografia Fabíola era mais nova e sorria. Parecia feliz. Com certeza a senhora da foto era a mãe, pois as feições eram idênticas às de Fabíola.

Fabíola estava sentada numa enorme cadeira de couro preto, de costas.

Erin deu graças por não ter dado de cara com ela.

Vagarosamente, Erin a viu girando a cadeira para frente.

Erin sufocou o nervosismo

Ela estava com um braço recostado na cadeira, a cabeça inclinada para o lado esquerdo e dois dedos encostados na fonte, como que segurando a cabeça.

Erin viu que ela passou a língua pelos lábios pintados de vermelho. Cerrou um pouco os olhos e ficou em silêncio, apenas a observá-la.

A empresária teve vontade de dar uma tremenda gargalhada de ironia.

Fitou a médica de cima a baixo. Ela usava uma alpercata laranja, plataforma, fechada na frente e aberta atrás. Uma calça cigarrete de cor branca e uma blusa sem magas, de seda, cor laranja claro, bem colada ao corpo, em perfeita forma. Os cabelos estavam soltos. Ela usava um batom suave e ela era...

Interrompeu os pensamentos.

— Imagino que você tenha ousado vir aqui pelo simples fato de ter aceitado a minha proposta, suponho — disparou.

Erin olhou boquiaberta, para empresária.

Voltou-se para a porta e trancou-a. Abaixou a cabeça por um instante enquanto segurava a maçaneta e fechou os olhos. Quando voltou para Fabíola disse:

— Pior é que não.

— Pior é que não — repetiu. — Como assim, pior é que não? — Indagou, levantando.

Erin viu o momento passar à sua frente como um filme. Ela rodeou e estava de pé, poderosa, encostada à mesa de escrivaninha. Mãos cada uma para um lado, segurando firme, a madeira marrom. Olhou para a sandália de dedo, com pequenas pedras de brilhantes, as unhas quadradas e bem feitas eram pintadas de vermelho. Encarou as pernas alvas e roliças. Subiu o olha para o vestido justo e preto que chegava na altura dos joelhos e passou pelos quadris largos. Seu olhar encontrou o dela. De um azul vivo. Avassaladores. Prepotentes.

Não podia se render.

Entregar-se aos caprichos daquela mulher. Ela lhe havia causado tanto mal. Passara noites e mais noites, chorando, sentido a falta de Melissa. A dor do abandono e da traição. Só quem passa por essa dor é que sabe. Você nunca sentirá a dor, se ela não for sua.

— Na verdade, estou aqui para a entrevista — assumiu altiva.

Fabíola piscou, perplexa.

Tinha as feições de quem não acreditava no que acabava de ouvir.

— Para entrevista, você? — Apontou para Erin, ligeiramente franzindo o cenho.

— Eu mesma — disse com tamanha altivez. — O nervosismo já evapora. Fabíola parecia mais baixa. Observou.

— Não me faça rir, doutora. — Você é uma médica. Coloque-se no seu lugar.

— O meu lugar é ao lado de minha filha! — Gritou.

— Não fale alto nesta casa. Respeite a casa dos outros. — Esbravejou.

Erin viu a empresária se aproximar. Deu um passo para trás e bateu as costas na porta. Observou-a. Ela estava quase de seu tamanho agora. Fitou-lhe o queixo. A boca bonita, lábios carnudos. Pareciam feitos à mão.

Fabíola fechou os olhos e inalou o cheiro suave de Erin. Espalmou as duas mãos na porta e Erin se viu presa nos braços daquela tigresa rebelde. Paralisou totalmente.

— Você me parece deliciosa — sussurrou ao ouvido de Erin, por entre os cabelos ruivos. — Eu quero você. — Aceite a minha proposta disse num tom quase silente. — Você vai aceitar a minha proposta? Eu quero você em minha cama. — Sussurrou ainda mais baixo.

Imediatamente, Erin sentiu vontade de abraça-la, arrepios simultâneos lhe percorreram a pele. Sentiu vontade de beijar aquela boca. Mas não o faria. Não cederia. Sentiu o cheiro da empresária por um instante. Sentiu o cheiro inebriante lhe roubar os sentidos e razão, mas, o seu objetivo era conseguir o emprego e não vender o seu corpo, mesmo que se sentisse irremediavelmente atraída por aquela mulher.

— Não! — Erin disse e esquivou-se dela. Deu mais um grito de NÃO para si do que para Fabíola.

Fabíola ficou de costas para Erin, por um espaço de tempo. Dentes cerrados. Sentiu cada célula do seu corpo clamar pelo dela. Sempre tivera tudo o que queria, desde de sua subida para o reino dos poderosos. E agora, no entanto, aquela infeliz estava lhe contrariando descaradamente.

Ninguém nunca tinha ousado contrariar suas opiniões, mas ela fazia.

Desgraçada.

— Veio fazer entrevista para o emprego de babá, então? — Fabíola indagou com voz controlada, sem deixar transparecer a raiva que lhe corroía por dentro.

— Sim. — Erin respondeu.

Fabíola pensou que ninguém melhor do que a médica cuidaria da menina. E se ela queria ser babá, então ela seria babá.

— Não entendo como uma mulher que trabalha em três hospitais irá conciliar um emprego de babá. — Caminhou e sentou-se volta na cadeira de couro. — Erin observou-a por um instante.

O olhar dela agora estava duro.

Abriu a bolsa e tirou de dentro o papel que Adriana lhe dera.

— Aqui diz que serão somente às tardes, de segunda a sábado, um domingo, sim, um domingo, não.

Fabíola colocou um dedo sobre os lábios.

— Se eu soubesse que iria me deparar com você hoje teria aumentado este horário no outro instante. — Revelou arrogantemente. — Vou deixar você em experiência por apenas um mês. UM. Se você ousar fazer qualquer bobagem, prepare-se para ações que terá de enfrentar na justiça ameaçou. — Deixe sua carteira e vá — Segunda-feira você começa às 13:30 h em ponto. Uma falta, emprego perdido. Pode ir.

Erin deu um sorriso iluminando.

Ela havia aceitado!

Deixou a casa da empresária com uma felicidade imensa lhe invadindo o peito. Pena não ter visto sua filha, lamentou-se. Bom, mas o que importava era que "coração de pedra" havia aceitado que fosse a babá. Isso era um milagre. Motivo de muita comemoração.

Assim que entrou no carro, pegou o celular e ligou para Marcelle.

— Alô.

— Marcelle.

— Erin, querida. Tudo bem contigo?

— Tudo sim! Marcelle, você está livre hoje à noite?

— Para você sempre estou livre. — Marcelle disse sorrindo do outro lado da linha.

Erin sorriu. Às vezes Marcelle dizia cada coisa estranha.

— Acha que as meninas também estarão?

— É provável. Se quiser posso checar com elas

— Seria bom.

— O que haverá, hoje à noite?

— Vamos a um barzinho. Consegui o emprego para cuidar da Mel!

— Ohhhhhh!!!! Céus, que bom! — Marcelle comemorou. — Então vou ligar para as meninas.

— Está bem, Má, beijos. A gente se fala.

Capítulo 8

Uma música baixa, sertaneja, tocava num barzinho que ficava de frente para o mar. Dia de semana havia poucas pessoas por ali.

Somente Marcelle e Adriana haviam ido. Kátia e Juliana não estavam livres.

Erin ergueu a taça com chopp, Adriana e Marcelle fizeram o mesmo.

— Brindemos, então? — Perguntou Erin. — Pelo dia de hoje.

As meninas sorriram

— Brindemos, amiga. Você merece toda felicidade do mundo — disse Adriana.

— Tenho certeza de que logo conseguirá a guarda da nossa querida Mel. — Marcelle colocou o braço por cima do ombro de Erin e beijou-lhe a face calorosamente.

Erin olhou para Marcelle e sorriu.

— E como foi na casa da empresária, ou melhor, da víbora?

Erin gargalhou e a imagem poderosa de Fabíola lhe veio à mente. Lembrou daquela boca. Do cheiro bom dela. Nossa, gostaria muito de pensar que ela era apenas a sua rival, mas não, de repente batia aquela louca vontade de aceitar a proposta dela. Será que ela era tão fria na cama como era fora dela? Não provavelmente. Ela devia ser quente. Pôde sentir o desejo dela, quando inalou o seu cheiro. A voz carregada de desejo ardente, era quase uma loucura boa. Pensar que também queria Fabíola, lhe fazia sentir frustrada. Por demais.

— [...] domingo, não é Erin?

Erin sacudiu a cabeça e olhou para Marcelle.

— Quê? Como?

— Estava viajando, Erin? — Adriana disse sorridente.

— Pelo jeito, sim. — Marcelle alisou o braço desnudo de Erin.

— Não, meninas, eu estava pensando umas coisas aqui. Mas nada demais.

— Sei — desconfiou Marcelle fazendo um gesto de cabeça.

— Sério, não acreditam em mim? — Erin encheu um copo com cerveja e sorveu-o.

— Penso que você estava a pensar no Leonel — revelou Marcelle.

Erin deus graças a Deus por ela pensar isso. E sorriu.

— Talvez — mentiu.

— Semana que vem sairei do Sine — comentou Adriana.

— Mas por que, amiga? — Marcelle quis saber.

— Como acabei meu curso de técnica de enfermagem pedi para que a minha querida amiga Erin arranjasse uma vaga para mim lá no hospital.

— Uau! Mas que bom. Nem me contaram — cobrou Marcelle.

— Oh, Marcelle, desculpe. Passou despercebido. Você sabe, ultimamente, ando com os nervos à flor da pele. — Erin massageou um dos braços de Marcelle.

— Estão perdoadas.

— Amigos de verdade sempre serão capazes de se perdoar. — Erin tomou outro longo gole da cerveja gelada.

— Você começa na segunda, Erin?

— Sim, Adri, na segunda.

— Voltando à primeira pergunta: como foi na casa da empresária?

— Oh, sim, bem.

— Alguém vai querer uma porção de camarão? Marcelle levantou.

— Sim, seria bom. — Erin disse

— OK. Então farei o pedido.

Marcelle se afastou.

— Oh, Adri, eu pensei que ela ia me expulsar da casa — gargalhou. — Mas não, por um milagre ela aceitou. Às 13:30 h, estarei lá, na segunda

— E o seu trabalho, vai pedir demissão, de certeza? Você não vai mais poder trabalhar à tarde.

Erin apertou os lábios

— Vou pedir demissão de um dos hospitais. É uma certeza. Ficarei somente em dois.

— Oh, querida...

— Pelo menos não é por um motivo fútil. É a minha Mel.

— Sim. Justo. Você conseguiu ver a Mel?

— Infelizmente, não. Não vejo a hora de chegar segunda.

— Amiga, logo chegará. Acalme-se. Controle essa sua ansiedade.

Ambas sorriram.

— Aqui está a porção de camarões.

— Ah, sim, pensei que a senhorita tinha ido pescar os camarões. — Adriana brincou. Marcelle sorriu e Erin também.

— Meninas, eu vou aqui na esquina buscar minha sobrinha.

— Sua sobrinha? — Indagou Erin

— Sim, minha sobrinha. Veio passar uma dias aqui em Floripa comigo. Acabou de chegar Do Espírito Santo e me ligou dizendo que tinha chegado lá em casa e eu não estava. Pedi que ela viesse ao nosso encontro.

—Claro, sem problemas, Marcelle. Queremos conhecer sua sobrinha. — Erin disse, simpática.

— Já volto Marcelle avisou e foi até onde estava sua sobrinha. Olhou para a moça de dezenove anos, recostada num carro amarelo. Ela tinha cabelos longos e escuros. A pele era clara. Os olhos eram castanhos e pequenos. Usava um camisete jeans, um short preto, curto, de couro, e uma rasteirinha de couro marrom, toda fechada.

— Ana! — Marcelle abraçou a sobrinha.

— Pensei que esperaria por você até a 00:00h.

— Nossa, é assim que a minha sobrinha mata a saudades? — Marcelle perguntou com as duas mãos na cintura.

— Tá, tia, desculpe. E o bar onde fica?

— Logo ali. — Marcelle apontou e começou a caminhar com a sobrinha.

Ana observou a mulher de cabelos ruivos, sorrindo. Ela jogava a cabeça para um lado de um jeito maravilhoso. Suave. Apaixonante. Aquelas imagens passavam na mente de Ana como se em câmera lenta.

— Por favor, diga-me que você está com aquelas duas ali, tia. — Ana apontou para Erin e Adriana.

— Com elas mesmas — Marcelle se tocou. — Não, não, não, Ana — a Erin, não. — Marcelle percebeu o olhar de flerte que sua sobrinha lançava para Erin.

— Erin, o nome dela? — Ana sorriu — Gostei dela. Uma gata.

— Não, Ana. Erin está passando por momentos conturbados. Sem contar que você só tem dezenove anos, ela tem trinta e poucos, já.

— Ai, tia e quem disse que idade ou tamanho é documento? Ela gosta?

Marcelle encarou a sobrinha.

— Sim. Ela gosta, mas não ouse ir com seus flertes baratos para cima dela. É a minha amiga. Gosto muito dela

— Ok. Não vou fazer nada que ela não queira.

— Não fale nada do que lhe contei. Ela não é assumida.

— Melhor. Escondido é mais gostoso.

Marcelle olhou para a sobrinha, com cara de indignação.

Ambas alcançaram a mesa.

Brevemente Ana cumprimentou Adriana. Avançou para Erin e segurou a mão, apreciou as unhas de Erin, pintadas de um esmalte laranja. Depois deu um beijo bem colado na face dela.

Inocentemente, Erin olhava para a sobrinha de Marcelle sem entender o que estava acontecendo. Ela não passava de uma menina em comparação à sua idade. Se bem imaginava certo, a garota estava dando em cima de si abertamente.

Céus!

Que situação constrangedora.

Antes que a memorável noite acabasse, Ana flertaria com Erin.

***

Leonel levantou da cama como se arrependido do que fez.

Passou as mãos na cabeça e foi até a janela.

— Donatela, nós não vamos mais transar — disse.

Donatela levantou desesperada.

— Como assim, nós não vamos mais transar?! O que houve com você.

Leonel sacudiu a cabeça. Voltou-se para Donatela.

— Eu amo a Erin.

Donatela respirou fundo. O peito nu arfando de raiva. Ele a amava! Amava. Amava a maldita. Sentiu vontade de esganá-lo.

Nojento. Imundo!

Ele só queria transar. Só queria uma boa noite de transa.

Infeliz!

— E por que você transou comigo? Acha que sou seu brinquedo? Para que quando sua namoradinha sair com as amiguinhas dela você me usar a hora que bem entender?

— Donatela, entenda. Eu amo a Erin.

Donatela avançou furiosa, sobre Leonel.

Bateu os punhos no peito dele.

— Eu sou o seu brinquedo, seu idiota, é isso? Cachorro! Cafajeste!

Irada, vestiu a roupa e saiu.

Leonel sentou na cama e cobriu o rosto com ambas as mãos.

Arrependeu-se amargamente por ter traído Erin.

Rodrigo entrou.

Cara cínica. Sorriso de deboche.

— Vejo que o seu brinquedo saiu furioso daqui.

— Rodrigo, se você puder me dar licença. Não estou bem — Leonel se irritou com o primo.

— Mas a transa estava boa? — Indagou por entre os dentes. Odiava Leonel com todas as suas forças.

— Leonel foi até a porta.

— Deixe-me só, Rodrigo. E não ouse contar nada para a Erin ou você vai se ver comigo — ameaçou.

— Eu não vou falar nada, por Donatela, e não por você, primo.

Rodrigo saiu do quarto, furioso. Esmurrou a parede e quando entrou em seu próprio quarto fechou a porta com uma batida forte.

***

A escuridão tomava conta da suíte de Fabíola.

O recinto estava completamente obscurecido.

Podia-se ouvir o silêncio.

O ar condicionado gelava o quarto impedindo que o calor entrasse.

Fabíola mexia a cabeça gradativamente. Mexia o corpo todo, debatia na cama. Rolava para lá e para cá, mas não acordou.

— Não! Não faça isso comigo! Por favor eu imploro. Não! Mamãe! — Fabíola gritou em desespero.

Era sempre o mesmo pesadelo e sempre a mesma última palavra: mamãe.

Levantou bruscamente da cama. O corpo todo suado. Tossiu e passou uma das mãos pela testa onde o suor escorria. Deixou seu corpo cair novamente no colchão macio. Ficou a fitar a escuridão.

O passado insistia em estar presente.

As lembranças estavam ainda mais fortes.

Suspirou.

Uma raiva comumente tomava seu corpo. Fechou os punhos e bateu-os sobre o colchão. Levantou-se da cama e foi até a janela de seu quarto. Ficou a fitar a rua deserta, do condomínio, por um bom tempo. Já passava das 03:00 h da matina. Perdera o sono totalmente. Tinha noites que nem mesmo conseguia pregar o olho. Seu pai, infelizmente, seguia a vida dele como se o passado nunca tivesse existido. E por quê?! Para evitar escândalos na droga de política dele.

Segurou firme a parte inferior da janela.

Fechou os olhos.

Infeliz.

Tinha sido tão difícil conviver consigo mesma durante todos esses anos. Mas tudo passa. Nada na vida era para sempre. Momentos de horror, de tensão, de felicidade, todos eles passavam.

Todos momentâneos e ilusórios.

Agora era uma nova mulher. Sim, estava totalmente renovada. Que ninguém entrasse em seu caminho com maldade e destruição na mente, pois seria destruído antes mesmo de ousar cometer qualquer ato.

Afastou-se da janela

Foi até o banheiro.

A luz ascendeu.

Lavou o rosto.

Olhou-se no espelho demoradamente. Fechou os olhos, abriu. Suas pupilas estavam dilatadas.

Tinha dias que andava tão fora de si. Tão sem saber aonde ir, que só se sentia bem quando gritava com alguém. Quando achava

alguém para descontar sua fúria. Pensou em Erin e agora parecia ter achado a presa perfeita para devorar e destruir.

Afastou-se do espelho.

Saiu do banheiro, a luz logo se apagou.

Deitou novamente na cama.

Esperava que os pesadelos do passado não viessem lhe atormentar a mente mais naquela noite.

Capítulo 9

Erin saiu correndo do hospital já passava do meio dia.

Não chegaria a tempo na casa de Fabíola de jeito nenhum.

O problema era o trânsito.

Correu para o carro, logo o ligou e partiu.

Assim que chegou ao apartamento, tomou um banho, um vestido de algodão, soltinho de cor branca e uma sandália rasteira, fechada. Almoçou e rumou para o Jurerê Internacional.

Estacionou o carro frente à casa e andou para a porta. Coração transbordava de alegria só de pensar em ver Melissa.

Tocou a campainha, Denise veio atender.

—Olá, Denise. Tudo bem, querida? — Erin cumprimentou a mulher.

— Olá, senhorita. Vejo que conseguiu.

Erin sorriu.

— Sim, consegui.

— A pequena Melissa parece muito com a senhorita.

— Ela é a minha filha, Denise. —Erin revelou surpreendida por Denise não saber.

Denise colocou uma das mãos na boca, surpresa

Deu um passo para trás.

— Céus! E a senhorita Fabíola lhe deu o emprego?

— Bem, sim.

— Só sendo um milagre — Denise disse. — Entre senhorita.

— Apenas, Erin, Denise.

Denise sorriu.

— Erin.

— Onde está a Melissa? — Erin quis saber.

— Dê! — Melissa gritou perto do sofá. Dando a resposta que Erin precisava.

Erin olhou apaixonadamente para a filha. Melissa estava toda lambuzada de chocolate líquido. O vestido branco estava marrom.

Erin sorriu.

— Melissa — chamou. — Venha aqui, meu bebê.

Melissa ficou parada por um instante, depois correu para os braços da mãe Erin abraçou a filha calorosamente. Beijou-lhe o rosto.

— Eu sou a sua mãe, Mel.

— Mãe — a menina repetiu, balançado a cabeça.

— Sim, meu amor. Mãe. Eu sou sua mãe.

Denise ficou a observar a mãe e filha. Não entendia por que sua patroa havia tirado a menina da mãe e, pelo pouco que sabia, também o marido. Tinha noites que ouvia, quando ia à cozinha tomar água, o choro de sua patroa. Uma vez já tivera de acordá-la de um pesadelo. Ela estava aos berros. Mas o bom é que ela moderou o temperamento e deixou ao menos que a mãe da menina cuidasse dela. Tirar um filho de uma mãe sem propósito algum. Triste isso. Denise balançou a cabeça.

—Erin, vou lhe mostrar a casa. A senhorita Fabíola disse que não era para entrar na biblioteca dela ou no quarto. São lugares proibidos.

Erin voltou para Denise imaginado que, talvez, Fabíola guardasse segredos maquiavélicos naqueles dois lugares. Pelo menos naquele dia em que foi à biblioteca não vira nem um cadáver ou mesmo alma penada, além dela. A presença dela foi pior do que ter visto esses dois.

— Sim, claro, Denise. — Erin disse sorrindo e passou uma das mãos na face de Melissa.

A menina abraçou o pescoço de Erin com força.

— Oh, bebê...

— Ela é linda — Denise passou uma das mãos nas pernas de Melissa.

Erin olhou para filha com muito amor.

— Sim. Ela é. — Concordou. — Trabalha somente você, Denise, aqui?

— Não. Tem a faxineira, com quem divido o quarto. Tem o Nando, motorista. — Somos só nós três. A senhorita Fabíola gosta muito de silêncio.

— E a relação dela, como era com o Daniel?

Denise especulou a casa, checando se não havia ninguém por perto. Viu que não.

— Eles dormiam em quartos separados.

Erin jogou a cabeça para trás, estranhando, e ao mesmo tempo com uma pontinha de alegria.

— Nossa, em quartos separados?

— Sim tentava ser ignorante com ela, quando chegava da empresa, mas a patroa é feroz. Muito geniosa. Gritava com ele e dizia que ia expulsá-lo da empresa. Aí ele baixava a crista.

— Ela é mesmo, genista. Eu sou prova viva disso — sorriu.

— Sei como, Erin. Mora muito longe daqui?

— Perto do centro.

— Mas a senhorita é médica, não?

Erin fez um gesto de cabeça, concordando

— Sim, Denise. Amanhã pedirei demissão de um dos meus empregos.

Denise olhou para Erin com cara de ressentida.

— Eu sinto muito.

Erin passou uma das mãos pelo braço de Denise.

— Não sinta, Denise.

— Deve ter sido difícil para a senhorita ficar longe da pequena.

Erin lembrou das noites de tristeza.

— Sim, muito difícil — falou, melancólica.

— Mas o bom é que a senhorita está com ela, agora

Erin percebeu que a mulher continuava a chama-la de senhorita

— Sim, Denise. É ótimo.

Denise mostrou toda a casa a Erin, o último cômodo foi o quarto de Melissa, pelo qual Erin se apaixonou perdidamente.

— Já que terminamos as apresentações com a casa vou deixa-la cuidar da menina. Vou aprontar o jantar. A senhorita Fabíola janta sempre às 19:00 h.

Dito isso, Denise se afastou.

Parou à porta e disse:

— Senhorita, depois seria bom colocar o seu carro na garagem.

— Oh, Sim, Denise, vou dar um banho na Mel e já desço para colocar.

— Denise sorriu e se foi.

***

Às 17:09 h Fabíola deixou a empresa.

Quando tomou o elevador e chegou no estacionamento o motorista já a esperava, recostado no carro.

— Vamos, Nando.

Fabíola se acomodou no banco e jogou a bolsa para o lado.

O seu celular tocou, num gesto rápido olhou quem era, viu que era o banqueiro da Grécia.

— Alo disse ela — voz séria e começou a tratar de assuntos executivos.

Depois de uma meia hora desligou o celular.

— O que espera, Nando. Por que ainda não ligou este carro?

— Pensei que fosse para esperar você acabar de falar ao telefone.

— Eu mandei você esperar? Então ligue logo este carro e vamos para casa.

Nando ligou o carro e partiu.

***

Erin deu banho e comida a Melissa, depois de ter brincado com a filha o dia inteiro, colocou-a na cama.

Olhou a hora e viu que o horário de ir para casa havia chegado.

Tão rápido, pensou desgostosa.

Ainda hoje teria de ir trabalhar a noite inteira.

Erin deu um beijo na testa de Melissa Olhou amavelmente para a filha. Ela parecia um anjinho dormindo.

Deixou o quarto, desceu pelo elevador, passou pelo *living*, por um espaço gourmet e chegou até onde estava Denise

Denise a viu de pronto.

— Já vai, senhorita?

— Sim, Denise, chegou a hora. Mas amanhã estarei de volta.

— Tenha uma boa noite, senhorita.

— Igualmente, Denise.

Erin deixou a cozinha e foi diretamente para a garagem, às pressas. Quando cruzou os vão da porta seu corpo chocou exatamente com a última pessoa do mundo que deveria ter se chocado. Erin levantou o olhar. Desconcertada. Viu que o rosto de

Fabíola não exibia qualquer expressão. Mas os olhos dela encaravam sua boca numa fixação estranha e sedutora. Por um momento Erin pensou que ela fosse beijá-la, mas não. Ela apenas jogou os cabelos para o lado e se afastou.

— É bom olhar por onde anda da próxima vez. Se você for tão retardada assim na direção é um perigo à humanidade, então. — Fabíola retrucou e se pôs a entrar para a casa.

— Perigo à humanidade é você com essa sua arrogância. Hipócrita.

— Fabíola voltou para Erin e puxou-a pelo braço.

— Eu sou um perigo à humanidade?

Erin sentiu a respiração dela perto de sua boca.

— Sim, você é — confirmou.

Sem nenhum aviso, dominadora e exigente, rapidamente, Fabíola a beijou com paixão e depois de tê-lo feito largou o braço de Erin.

Viu que a boca da doutora estava vermelha.

Segurou o maxilar de Erin e apertou, forçando-a olhar para si.

— Pois eu acho que você adora esse perigo que sou — disse, eletrizante e entrou.

— Eu odeio você! — Erin caminhou para o carro, trêmula, e rumou para casa.

***

Estavam na sala do hospital Santa Mônica, Juliana, Rodrigo e Leonel.

O hospital pertencia, em sua maior parte, ao pai de Leonel

— Eu ainda não consigo acreditar que a Erin é minha namorada.

Rodrigo gargalhou, quando Leonel falou isso.

Leonel olhou o primo, com raiva.

— Algo errado, Rodrigo? Perguntou, furioso.

Rodrigo arqueou as sobrancelhas, num gesto irônico.

— Não, Leonel, nada.

Juliana ficou a observar a rivalidade dos primos. Sabia da raiva que Rodrigo tinha de Leonel.

— Como eu dizia, Juliana — voltou sua atenção para Juliana — é inacreditável que Erin esteja decidida a pedir demissão do hospital para ir trabalhar como babá justo na casa daquela, mulher.

Donatela ouvia a conversa atrás da porta

Ao ouvir isso entrou rebolando e deu uma volta em meio à equipe formada pelos médicos.

— Como é? Não, espera — fez um gesto escandaloso com as mãos. — É isso mesmo que ouvi, Leonel? A Erin está de babá na casa de Fabíola Buckholz, para cuidar da filha? E vai pedir demissão do hospital? — Gargalhou.

— Qual é a graça, Donatela? — Juliana se estressou com a loira.

Donatela abriu a boca e revirou os olhos.

— Nenhum, Juliana, que possa interessar a você.

— Todo trabalho é digno — replicou Juliana, de cara feia.

— Não digo pelo trabalho, digo pela humilhação que Fabíola a fez passar. Tomo-lhe o marido e ainda por cima, a filha. Olha, eu tenho que rir

— Rir por que? Você é uma insensível. Só quer ver a queda dos outros. Sua puxa tapete — Juliana falou, alto.

— Ju, tem uma paciente que necessita de análise médica — Kátia avisou interrompendo as hostilizações.

Juliana deixou a sala, bruscamente, acompanhando Kátia.

Rodrigo fez o mesmo.

Donatela olhou para Leonel com cara de safada, Leonel percebendo disse:

— Vamos trabalhar, Donatela.

Capítulo 10

A manhã de outono, na quinta-feira de setembro, estava maravilhosa.

O outono era uma estação sempre tão majestosa, igual à primavera e o verão.

O inverno tinha a tendência de dias tristes e reflexivos, observou Erin, enquanto fitava da janela do terceiro andar do hospital Che Guevara algumas folhas, que caíam livremente das árvores e o vento as levava Deus sabe onde.

Faltavam apenas duas horas para deixar o hospital, ir para casa, tomar um banho e partir para ver sua Mel. Já estava morrendo de saudades dela. Fora tantos meses. Meses tão amargos. Sentira-se tão amargurada e vazia aquele tempo todo. Mas agora, estava bem melhor.

Fechou os olhos por um segundo.

Fabíola fora tão mal.

Por que ela havia sido tão mal? Ainda estava sendo. A mulher era terrível.

Erin passou as mãos pela face.

— Doutora Feller, o paciente já está à sua espera para ser operado.

Avisou uma enfermeira.

Erin voltou-se para a mulher.

Sorriu.

— Eu já estou indo.

— Claro, doutora.

Erin caminhou até a sala de cirurgia.

Chegando lá se pôs a fazer o processo cirúrgico num paciente. Acidentes e mais acidentes. Eram as principais causas. Quase todos os dias, no hospital, deparava-se com uma causa de cirurgia por acidentes em BR. Pessoas que bebiam e depois tinham a insanidade de ousar entrar num carro e dirigi-lo. Perdiam o controle, matavam crianças que estavam inocentemente brincando em calçadas, matavam idosos, matavam jovens, muito triste de se pensar.

Saiu do processo cirúrgico bem mais atrasada do que pensara.

Viu que eram quase 15:00 h.

Céus, estava bastante atrasada. Ainda bem que Fabíola trabalhava na empresa à tarde, ou então tudo desmoronaria ao seu redor. Exigente do jeito que Fabíola era, ninguém mais seria

Entrou no carro e pegou o trajeto direto para casa da empresária. Tinha uma mochila com roupas, no carro, sempre andava bem prevenida, imprevistos sempre aconteciam. Quando fosse dar banho em Melissa aproveitaria e tomaria banho também, já que a banheira do quarto de Melissa era mais para um adulto que para uma criança de quase quatro anos.

O celular de Erin tocou.

Era, Marcelle.

Enquanto o sinal vermelho fechou, Erin aproveitou para atender.

— Oi, Má!

— Erin, querida. Ganhei a causa trabalhista, lembra?!

Marcelle gritou de felicidade ao telefone.

Marcelle era advogada. Já há um ano e cinco meses vinha batalhando nessa grande causa que lhe renderia um bom dinheiro, já que se tratava de uma causa contra uma empresa de grande porte.

— Lembro sim, Má, que bom. Fico muito feliz por ti.

— Obrigada, Erin. Então, como combinado, sábado à tarde todo mundo lá em casa, para o churrasco, já que domingo à noite você trabalha. Tudo certinho?

— Tudo certinho. — Erin confirmou entre sorriso exausto.

— Está indo para a casa da víbora?

— Sim, Má.

— Marcelle gargalhou do outro lado.

— Tenha cuidado com aquela mulher, Erin. Ela é perigosa.

— Sei que sim, Má.

O sinal abriu.

—Vou desligar, beijos e bom trabalho.

— Beijos.

Erin acelerou mais o carro.

Quando chegou ao condomínio passou direto pela frente da mansão e colocou o carro na garagem.

Fora do carro, suspirou, abriu a porta traseira, pegou a mochila preta do banco e trás e caminhou para dentro da mansão. Quando passou por dois cômodos e chegou aos pés da escadaria se deparou com Fabíola descendo do alto, com Melissa nos braços

Erin praguejou em silêncio.

O que ela fazia em casa?

OK. A casa era dela e tinha todo o direito de estar em sua própria casa, mas pelo que sabia, Fabíola sempre trabalhava de manhã e à tarde.

Erin teve certeza de que aquilo era provocação. Era uma afronta a si.

Maldita.

Fabíola olhou a hora no relógio prata enroscado em seu pulso esquerdo. Delicadamente, colocou Melissa no chão, a menina, animada, logo correu parar os braços da mãe.

Fabíola observou a médica enquanto ela beijava o rosto da filha. Estava toda descabelada. Calça branca de linho, camiseta de uma azul-claro e um sapato branco, baixo. Trazia uma mochila nas costas e parecia exausta. Com certeza não pedira demissão de nenhum dos empregos. Mas ia resolver isso no outro instante. Conhecia o dono do Che Guevara. Sabia que o homem embora rico era muito afoito por dinheiro. Com certeza se lhe oferecesse uma boa quantia e indicasse uma médica bem mais qualificada do que doutora Erin, ele aceitaria manda-la embora. Pensou perversa.

— Vejo que chegou na hora de voltar para casa já. — Fabíola desdenhou.

— Fabíola, eu tive que fazer...

Fabíola ergueu a mão

— Eu não quero saber de suas explicações idiotas. Eu quero apenas que cumpra com o seu horário de trabalho. Sua carteira está assinada de 13:00h às 17:00 h, portanto, trate de cumprir com o seu horário ou mandarei você embora. — Falou, aborrecida.

Erin olhou para Melissa, que mexia em seus cabelos.

Fechou os olhos por um instante.

Logo abriu.

— Eu cumprirei — disse num suspiro.

— Assim, espero.

Erin observou enquanto Fabíola se afastava com seu rebolado sensual, dentro daquele vestido branco, nada folgado.

Arrogante!

Prepotente!

Erin teve vontade de gritar, mas não o fez. Preferiu evitar uma discussão com aquela mal amada.

Segurou firme em Melissa e adentrou para o elevador. Clicou no botão aquele logo tratou de leva-la para o piso superior.

Chegou ao quatro de Melissa escolheu uma roupa para ela e retirou de dentro de sua mochila uma roupa para si própria

Caminhou para o banheiro desnudou Melissa e desnudou-se também. Adentrou para a banheira e tomou banho junto com a filha.

Era tão bom entrar na água depois de um cansativo dia de trabalho. Nada melhor do que sentir o corpo leve, limpo, macio, perfumado.

Saiu da água, vestiu a menina e se vestiu.

Estava com fome.

Talvez Denise lhe pudesse fazer uma caridade e lhe oferecer algo para comer.

Deixou o quarto com Melissa nos braços e direcionou-se para a cozinha.

— Senhorita, Erin, pensei que não viria hoje! — Exclamou Denise, com toda simpatia possível.

Erin sorriu e acomodou Melissa numa cadeira da mesa, que havia sido feita própria para ela.

— Oh, Denise. Se eu faltar um dia perco o emprego.

— Eu sinto muito. A senhorita parece cansada.

Erin sacudiu a cabeça.

Jogou-se numa das cadeiras da mesa.

— E estou mesmo cansada, com fome...

Denise colocou ambas as mãos sobre as bochechas.

— Oh, senhorita, eu posso lhe preparar uma refeição.

— Seria, bom, Denise.

A mulher logo tratou de colocar sobre a mesa, uma lasanha, salada e um recipiente comprido e roliço, com suco natural de

maracujá

Logo se pôs servir à Erin.

— Obrigada, Denise.

— Por nada, senhorita.

Denise preparou uma mamadeira com leite e entregou a Melissa. A menina logo começou a saborear o líquido.

—Está boa, a lasanha? — Quis saber Denise, sorridente.

Erin voltou a atenção para ela.

— Excelente! Você quem fez Denise?

Fabíola observava tudo de longe.

— Oh, não! Foi a senhorita Fabíola.

Erin largou o talher.

— Ela cozinha?! Inacreditável.

Fabíola jogou os cabelos para o lado e direcionou-se ao seu escritório. Acomodou-se à macia e espaçosa cadeira de couro e discou um número de telefone

— Eu gostaria de falar com o doutor Franco Beirelles

— Quem deseja? — Perguntou uma voz do outro lado da linha.

— Fabíola Buckholz.

—Vou passar imediatamente para ele, senhorita.

Fabíola percebeu que a voz da mulher suavizou, ao citar seu nome.

— Fabíola! Querida, tudo bem? — Falou o homem, elegantemente.

— Tudo, Franco. Tenho um assunto para lhe falar. Você tem tempo?

— Claro. Sou todos ouvidos

— Eu quero que você demita a doutora Erin Feller do seu hospital. — Foi direto ao ponto. Sem rodeios.

Houve uma longa e silenciosa pausa

— Como assim, Fabíola? Erin é uma excelente profissional. Não posso demiti-la. Isso é impossível.

— Não tem nada de impossível. Se eu depositar em sua conta, amanhã mesmo, 50 mil reais. O que me diz?

O homem demorou a responder. Era demais para ele não aceitar a proposta por causa de uma funcionária.

— Franco? Aceita a proposta? Não tenho tempo a perder. Profissionais bem mais qualificados estão batendo às portas de hospitais. Você logo arranja outro.

— Proposta aceita.

— Amanhã mesmo quero que você a demita e então irei depositar o dinheiro em sua conta. Tenha uma boa arde.

— Igualmente, Fabíola. Amanhã mesmo irei demiti-la pessoalmente.

Fabíola sorriu com sarcasmo e desligou o telefone. Queria só ver, o disparate da doutora, amanhã, quando ela chegasse em sua casa. Com certeza se soubesse que foi sua adorável e amável pessoa quem fez isso, iria ficar ainda com mais raiva.

Capítulo 11

Erin abriu os olhos e espreguiçou-se na cama box.

A realidade logo lhe caiu.

Era mais uma longa manhã de trabalho.

Levantou-se, arrumou a cama, separou uma roupa e foi até o banheiro.

Tomou um banho demorado.

Após o banho colocou a roupa, organizou os cabelos, perfumou-se, tomou o café da manhã e se dirigiu ao hospital.

Começava no Che Guevara às 08:00 h em ponto.

Assim que chegou ao hospital estacionou o carro e entrou.

— Doutora Erin? — Falou, uma morena alta.

— Sim, Tatiana? — Erin se voltou para ela.

— O doutor Franco quer falar com você — avisou.

— Ah, obrigada, Tatiana. Ele está na sala?

— Sim

Erin sorriu e caminhou até a sala de seu superior.

— Franco, bom dia — disse, acomodando-se numa cadeira.

— Bom dia, Erin. Tudo bem? — Ele estendeu uma das mãos para cumprimentá-la.

— Sim, tudo, Franco. Algo errado?

A expressão do homem estava sombria.

Depois de alguns instantes ele começou.

—Erin — começou ele, seco — de antemão, você é uma excelente profissional. Durante todo esse tempo que trabalhou aqui no Che Guevara nunca recebi reclamações sua, sempre foi uma profissional prestativa, mas quero dizer que hoje, infelizmente, pela falta de recursos no hospital, nós estamos reduzindo o nosso quadro. — Passou a língua pelos lábios. — O Che Guevara não necessita mais de seus serviços.

Erin estranhou a atitude de Franco. Se soubesse que ia ser mandada embora do Che Guevara não teria pedido demissão do hospital Santa Marta. Teria ficado com o emprego no Santa Mônica e no Santa Marta.

Que coisa!

Mas tudo bem. Já que não necessitavam mais de seus serviços, que assim fosse, então, pensou tristemente. Daqui a pouco corria o risco de ficar sem emprego nenhum.

— Sem problemas, Franco. — Sorriu desgostosa.

O homem se pôs de pé.

— Eu sinto muito, Erin — disse ele, pesaroso.

— Não se preocupe, Franco. Alguém sempre tem que sair por baixo.

— Você pode levar sua carteira ao RH do Che Guevara, próxima segunda.

— Claro. Eu já vou indo.

—Tenha um bom dia, Erin. Desculpe qualquer coisa. Quando tudo melhorar, com certeza, o Che Guevara estará de portas abertas, se você quiser voltar, claro.

Erin apenas assentiu e retirou-se do hospital.

Que desculpa mais esfarrapada, Franco lhe dera. Achou que ele fosse um homem bem mais inteligente. É lógico que o motivo não era redução de quadro. O motivo era outro. Dirigiu para o escritório de Marcelle. Chegando lá estacionou o carro e desceu dele.

— Olá, Gabriela, tudo bem? — Erin cumprimentou a recepcionista.

A mulher de seus trinta e tantos anos, sorriu.

— Sim, doutora Erin. E com a senhora?

— Bem. Doutora Marcelle se encontra?

— Sim, sim, está na sala dela. — Pode ir lá. Quer que eu a acompanhe?

— Não, Gabriela, eu vou, querida. Obrigada, tá?

— Não por isso, doutora. — A recepcionista sorriu.

Erin foi até a sala de Marcelle e bateu à porta.

— Entre. — Marcelle disse.

— Olá, Má — entrou fechando a porta.

— Erin, meu anjo — Marcelle levantou para cumprimentar a amiga, segurou-lhe os ombros e observou-lhe a face — o que houve? Você parece frustrada.

— Erin deu um logo suspiro de resignação.

— Eu não pareço, eu estou, Má — admitiu sentando numa cadeira.

Marcelle sentou ao seu lado.

— Não me diga que essa tristeza toda tem relação com a Mel?

— Não dessa vez, Má.

— O que houve, então? — Quis saber, preocupada.

— Eu perdi o meu emprego no Che Guevara. Franco disse que estavam reduzindo quadros, mas imagino que o motivo real não era este — supôs.

—Oh, Erin, querida. Não sei nem o que dizer a você. O pior é que você pediu demissão do Santa Marta também.

— Pois é.

— Mas não se preocupe, tenho certeza de que logo você arranja outro.

— Eu já deveria ter aberto um consultório para mim.

Marcelle sorriu.

— Isso é verdade. Mas não fique assim, você ainda tem o emprego no Santa Mônica e Leonel jamais deixará que ninguém tire você do hospital.

Erin balançou a cabeça.

— E o churrasco no sábado, tudo certinho?

— Certíssimo.

— Cada um vai levar um prato?

— De forma alguma, eu mesma irei bancar tudo. Mas, não se acostume, não é todo dia que um advogado ganha uma boa causa.

Ambas sorriram.

***

Fabíola saiu pela porta do elevador, quando esta abriu caminhou até a mesa da recepcionista.

— Brenda, eu não vou mais voltar a trabalhar esta tarde. Portanto, todas as correspondências que chegarem não mande lá para cima, mande-as diretamente para mim. — Ordenou.

A recepcionista logo balançou a cabeça.

— Sim, Fabíola, pode deixar comigo.

— Pode deixar comigo — repetiu e fez um gesto fulminante para a recepcionista. Trate de fazer seu trabalho direito. Ouvi rumores de que você anda atendendo mal as pessoas que aqui entraram e vive olhando roupas e mexendo em redes sociais e etc.

— Não, Fabíola — negou alarmada — eu não.

—Não quero saber! Espero que eu não a encontre fazendo nada disso. Ou você já sabe que o seu destino será a rua.

A mulher ficou em silêncio. Nervosa, atônita.

— Certo, Fabíola.

—Você já sabe.

Fabíola se afastou.

Nando já a esperava com o carro à frente da empresa. Melissa estava sentada no banco de trás, numa cadeirinha.

— Fá! — Gritou Melissa, num sorriso, quando viu Fabíola.

Fabíola passou diretamente para o banco da frente e acomodou-se ali.

Não olhou para a menina, mas viu através do espelho que Melissa olhava em sua direção. Olhos verdes penosos. Lembrou-se da mãe dela. Melissa parecia ser tão frágil quanto a mãe. Em todos os seus traços. Mas não estava a fim de ser afetuosa, amável com absolutamente ninguém.

— O que espera, Nando?

O motorista olhou para Fabíola, alarmado.

— Não, Fabíola, eu só estava limpando o vidro.

— Você teve o tempo inteiro para limpar este vidro. Vamos embora. Em casa você limpa.

— Certo.

Nando logo se pôs a apertar os cintos e dirigiu para casa.

***

Erin deixou Melissa brincando e decidiu ia à cozinha tomar um copo com a água.

A tarde estava quente, embora houvesse ar condicionado em boa parte da casa.

Viu que a porta do escritório de Fabíola estava aberta. A desgraçada já estava ali, para atentar o seu juízo.

Quando passou pela frente, ouviu:

— Vejo que veio cedo hoje — disse, sarcástica, com um olhar ao mesmo tempo sedutor, para Erin.

Erin voltou o olhar para ela e viu que ela estava sentada à mesa de escritório, naquela grande cadeira de couro, como sempre.

Erin altivou a cabeça.

— Sim, vim — respondeu com raiva, remexendo a cabeça.

— Não entendo por que tão cedo — a voz era grave, profissional, sensual, provocava.

— Isso não interessa a você — replicou.

— Tenha um pouco mais de respeito com sua patroa — ironizou.

Erin gargalhou irritada.

Você não é a minha patroa. Nem jamais será! Tenha juízo! — Falou de modo escandaloso.

— Sou e você sabe. Mas creio que o motivo de sua chegada prematura tenha sido por outro motivo. Seria o seu emprego no — deu pausa — Che Guevara? — Supôs irônica.

As feições de Erin mudaram. Ela cerrou os olhos, respirou fundo e entrou como um furacão para o escritório. Espalmou as duas mãos na mesa e olhou bem para Fabíola, sua face estava vermelha.

— Você não presta! — Gritou por entre os dentes. — Mau caráter!

— Sério, que eu não presto? — Fabíola segurou o maxilar de Erin e apertou de leve. — Levantou-se sorrindo e jogando a cabeça para o lado. Foi até à porta e fechou. Erin pensou que fosse ser devorada por aquela mulher.

Ela estava vindo.

— Não! Não se aproxime de mim — esticou os braços num gesto como se quisesse parar Fabíola.

— Eu quero você. Eu não sei por que teve que ser logo você — Fabíola segurou-lhe as mãos e apertou-as, forçou-a tocar seus seios — gosta disso, doutora — gosta de tocar meus seios? Diga que você gosta — falou rouca. Olhava para Erin de cima. Autoritária porque queria que Erin dissesse que a queria — diga que você me quer — apertou ainda mais as mãos de Erin contra seus seios — olhar para você me dá um tesão enorme — desceu a mão e deu uma pegada nas partes íntimas da médica, que soltou um gemido baixinho. Erin sabia que a desejava com a mesma intensidade.

— Fabíola, pare por favor — Erin encarou a empresária, olhos entreabertos, lábios convidativos. Estava com as mãos impulsivas para abraçar Fabíola pela cintura.

— Parar por quê? Eu sei que no fundo você não quer que eu pare — disse, baixinho, ao ouvido de Erin e beijou os fios ruivos de cheiro suave.

Erin viu que não havia para onde correr. A não ser que pulasse a mesa de escritório.

Fabíola encostou o corpo no de Erin. Com uma das mãos segurou a cabeça.

Erin inclinou o corpo para trás e pôde senti-la ainda mais.

Fabíola estava sedutoramente avassaladora.

Erin sentiu uma deliciosa sensação, enquanto o corpo de Fabíola tocava o seu. O pior era que a mesa atrás de si ajudava os corpos a ficarem mais colados.

— Não — Erin protestou num tom de voz quase silente, mas Fabíola já lhe beijava a face, deu uma mordida não dolorosa em seu queixo, lentamente desceu para o pescoço, deu beijos leves, duradouros e intensos ao redor do pescoço e clavícula. Pressionou os lábios contra a pele sensível da médica, sem qualquer espaço para o ar escapar. Manteve a boca relaxada e demorou alguns segundos assim, explorando o pescoço de Erin com certa e calorosa morosidade, foi quando Erin ouviu Melissa gritar, chamado.

— Mãe!

Um desejo insano consumindo o seu corpo, esquivou-se da empresária.

Perto da porta disse:

— Não me toque outra vez.

Fabíola voltou-se furiosa para ela.

— Sai daqui — gritou, fazendo um gesto com a mão.

Quando Erin deixou o escritório Fabíola caminhou até a porta e fechou-a numa estrondosa batida. Logo em seguida jogou-se na cadeira e se recompôs pouco a pouco do desejo que tomava cada célula viva de seu corpo.

Erin encontrou Melissa no corredor e segurou a filha nos braços.

Fechou os olhos por um segundo.

Teve certeza de que Fabíola Buckholz, não era tão fria na cama, como era fora dela.

Desgraçada!

Ela era...simplesmente a queria...Estava num tremendo beco sem saída era isso. Porque Fabíola não prestava para nada. Sabia muito bem disso. Ela mesma deixara claro naquele dia que não sentia nada, que não gostava, que não amava. E, por si só, podia ver que cada palavra dela era verdadeira, a prova disso? Estava no emprego que havia perdido logo cedo.

Que situação, céus, pensou aflita.

O pior era que a maldita estava vindo todas as tardes, agora, para casa, de certo, lhe atormentar o juízo.

A mulher não tinha senso de humor de forma alguma.

Só queria usar seu corpo e pronto. Pior de tudo, quisera comprar seu corpo.

Erin sacudiu a cabeça.

— Mãe?

Melissa chamou.

— Oi, meu bebê. O que houve?

Erin perguntou carinhosa.

A menina sorriu

— Mamãe agora está aqui com você.

Beijou carinhosamente a face da filha.

Capítulo 12

Assim que Erin chegou ao Trindade, o bairro em que Marcelle residia, estacionou o carro à frente da casa, em que havia mais cinco carros estacionados, provavelmente, eram os carros das meninas, adentrou para uma enorme casa amarela de portas marrons, dois andares.

Passou pelo portão e já podia ouvir o barulho do som vindo de um pequeno salão de festas, em que também tinha uma piscina, uma churrasqueira e uma mesa de sinuca.

Erin observou que Ana, a sobrinha de Marcelle, estava, novamente, com um olhar estranho para si.

Um olhar de flerte.

Ela tocava violão e muito bem, por sinal.

Incomodou-se.

Fez que não viu.

— Chegou ela! — Marcelle gritou vindo na direção de Erin, com um copo de cerveja na mão.

— Meu amor. — Leonel gritou da piscina e soltou um beijo para Erin.

Erin apenas sorriu para ele.

— Marcelle, querida, desculpe o atraso.

— Que nada, Erin. Venha. Sirva-se.

Quando Erin jogou os cabelos curtos para o lado Marcelle viu a marca no pescoço dela quase na nuca. Ficou boquiaberta. Tinha certeza de que não foi o Leonel quem tinha feito aquilo. Erin uma vez lhe dissera que não gostava dessas marcas

Adriana estava na piscina com o noivo, e Leonel. Os três conversavam alegremente. Um garçom, contratado por Marcelle tratava de assar a carne e servir a bebida.

Juliana e Kátia conversavam e sorriam com Ana.

— Vejo que já estão todos aqui.

Ana entregou um copo com cerveja a Erin.

— Oi, Erin — disse num sorriso sorrateiro.

— Olá, Ana, tudo bem contigo? — Erin se acomodou ao lado dela.

— Tudo sim. Você está linda — Ana passou o olhar pelas pernas desnudas de Erin e pela blusa de alça, branca.

— Obrigada, você também. — Erin falou a verdade. Ana era muito linda.

— Alguém quer vir dar um mergulho na piscina? A água está uma delícia! — Adriana falou num grito, de dentro da água. — Venham, meninas — insistiu.

— Não, Adri, depois iremos — respondeu Juliana, sorridente.

— E a nossa pequena Mel, como está? — Indagou Kátia, levando um espetinho com carne à boca.

— Muito bem, Kátia. Estou super feliz por poder, enfim, estar perto de minha filhota. Foram tantos meses —esboçou um sorriso de extrema felicidade e sorveu um gole de cerveja.

— Ai, eu fico tão feliz, amiga, por ti — Kátia disse

— Todas nós ficamos, Juliana — sorriu.

— Eu soube que você perdeu o emprego no Che Guevara. — Comentou Kátia

Erin deu um longo suspiro de resignação. Lembrou-se de que havia sido Fabíola que muito provavelmente com todo o dinheiro que tinha havia comprado o mau caráter do Franco. Mas preferiu não comentar nada disso com as meninas. Lembrou também do corpo de Fabíola pressionando o seu contra à mesa de escritório, o que não ia negar, foi gostoso senti-la. Apesar de ela não prestar para nada. A mulher era um poço de maldades. Mas a desejava. Isso era até um pecado, no entanto, não podia controlar. Desde o dia em que segurara a mão dela no hospital não conseguira esquecer seu rosto, mas junto com o belo rosto vinha também a perversidade dela.

— Sim, Kátia. Perdi realmente. Juro que se eu soubesse não teria pedido demissão do Santa Marta.

— Pois então, Erin, isso é o que ferra — Kátia falou com uma dose de revolta.

— Mas está bom. Pelo menos ainda tenho o meu emprego no Santa Mônica.

— Pois é, de lá você não sai, amiga Juliana — sorriu.

Erin também sorriu.

— Pensei que a Donatela tinha sido convidada — comentou Erin.

Juliana fez cara feia.

— Aquela mau caráter? Nunca, nunquinha.

— Vi a Donatela poucas vezes — começou Marcelle. — Mas já não gostei dela. Ainda mais depois do que vocês me contaram sobre a fulana.

— Esses dias ela estava lá no hospital, rindo.

Kátia beliscou Juliana para que ela não dissesse nada para não magoar Erin.

— Ai!!! — Juliana deu um grunhido e olhou para Kátia que fez sinal para que ela parasse.

— Mas o que houve, Ju? — Erin olhava séria, para a amiga.

— Nada, Erin. Acho que a Kátia deve ter me furado com o palito de espeto, sem querer, não é, Kátia?

— Ah, sim, sim Kátia gargalhou.

Erin se pôs de pé.

— Marcelle, eu vou tomar uma água — avisou.

Marcelle voltou sua atenção para Erin.

— Quer que eu vá buscar para você, Erin — ofereceu-se.

— Oh, não, Marcelle, eu posso ir pegar, querida — sorriu e afastou-se.

Ana levantou.

— Eu vou ao banheiro.

Marcelle olhou para a sobrinha, boquiaberta.

— Tenha cuidado, — Ana — avisou Marcelle, pensando em Erin.

— Cuidado com o quê, exatamente, tia? — Ana falou sem vergonha

Marcelle percebeu que Juliana e Kátia olhavam para si.

— Para não cair lá no banheiro. A cerâmica está molhada e quando está assim fica muito lisa.

— Não se preocupe, tia — piscou um olho para Marcelle. Com esse tipo de cerâmica eu me entendo que é uma beleza. — Ironizou.

Erin tinha acabado de colocar o copo no armário quando sentiu uma presença atrás de si. Voltou-se. Deu de cara com Ana.

— Ana — disse sem jeito.

— Eu preciso falar com você, Erin.

Erin piscou.

— E...Falar sobre o quê, Ana?

Ana se aproximou mais.

— Falar que eu estou a fim de ti, Erin. Não consigo tirar você da minha cabeça desde que te vi pela primeira vez. Você é linda — falou quase que em um sussurro.

— Obrigada, Ana. — Erin pensou num jeito de sair dali. Mas que menina!

— Você sabe o motivo por que eu disse que você é linda? — Perguntou Ana, bem próxima de Erin.

— Oi? Como assim, Ana? — Erin fingiu não entender.

— Eu estou a fim de você, Erin — disse novamente.

Erin ficou pasma.

Sem saber o que dizer.

— Ana, eu tenho namorado.

— Você não gosta dele

Céus!

Como é que ela sabia? Oh, não! Marcelle havia dito.

— Que história é essa, Ana?

— A tia Marcelle comentou comigo, sem querer — deu uma risadinha.

— Ana, você não comentou com as meninas, né? — Perguntou assustada.

— Claro que não.

— Menos mal.

Erin aliviou.

— Eu quero um beijo seu.

— Não Ana, eu não posso. — Pensou em Fabíola.

— Por quê? — Ana aproximou mais de Erin

— Porque não.

— É só um beijo, Erin. Beijos não arrancam pedaços — tocou a mão de Erin.

— Ana, por favor. Só um beijo.

— Você é muito nova para mim.

— Eu já sou de maior. É só um beijo, Erin. Eu não vou pedir mais nada a você — falou quase que implorando.

Erin fechou os olhos e sentiu a boca suave de Ana na sua. A imagem de Fabíola lhe invadiu a mente com força.

Afastou-se de Ana.

— Não, Ana, eu não posso. — Desculpe. Você é linda, mas eu não posso.

Ana sorriu.

Ficou cabisbaixa.

— Eu entendo. Tudo bem. Você é muito cheirosa. Seu cheiro é suave, gostoso. Seu jeito de andar de sorrir.

— Você é controlada. Diferente de todas que já conheci. É calma. Está sempre na sua. Eu gosto de mulheres assim. Brandas.

Erin deu um sorriso agradecido, para Ana.

— Obrigada, Ana.

— Se algum dia você resolver me dar uma chance estarei prontamente esperando — piscou um olho.

Erin assentiu.

Assim que Erin e Ana voltaram para onde todos estavam Marcelle chamou Erin para um canto afastado.

— Erin o que é isso em seu pescoço? — Perguntou séria, mas o seu modo era engraçado.

— Isso o quê, Marcelle? — Erin de fato não vira a marca pelo simples fato de estar quase na nuca. Sentira um minúsculo incômodo, quase que despercebido.

— Essa marca que está em seu pescoço. E se o Leonel vir isso? Eu tenho certeza de que não foi Leonel quem fez isso. Você sempre disse que nunca gostou dessas marcas.

Diante de Marcelle, Erin ficou envergonhada e com raiva de Fabíola.

— Eu devo ter batido em algum lugar, Má. Uma parede — falou, sem graça.

Marcelle não era boba.

—A parede que você bateu foi a boca de Fabíola, Erin — Marcelle falou, decepcionada. Você transou com ela, Erin? Você sabe que Fabíola não gosta nem dela mesma, imagine de você. Aquela mulher é a maldade em pessoa, Erin, pelo amor de Deus. Pense bem. Fabíola é mal. Ela é prepotente. Ela gosta de estar sempre por cima. Pisa em qualquer um, Erin. Você sabe, minha flor — terminou de falar quase sem fôlego. Erin ficou vermelha de vergonha.

— Não. Eu vou matar aquela desgraçada! — Vociferou. — Ela vai ver só quando eu chegar à casa dela amanhã.

— Você já se perguntou porque ela faz isso com você? Já se perguntou o motivo? Você salvou a vida dela, Erin e o troco que ela lhe deu foi roubar sua filha, eu não vou falar do Daniel, ele não prestava.

— Eu já procurei saber com todos os empregados da casa, procurei respostas pela casa, mas não há nada que possa me dar a resposta que quero. Eu não tenho contato com a família dela. Somente Fabíola pode me dar respostas, Má — falou, insegura.

— Certo, sua vida e a de Fabíola está girando em torno de um verdadeiro mistério, que eu espero que você desvende. Vamos maquiar essa mancha. E mantenha o Leonel bem longe, isso seria frustrante, para ele.

***

Donatela parou o carro frente à mansão de Fabíola. Desceu do veículo e logo correu para a porta. Tocou a campainha.

Denise veio atender.

— Pois não? — Denise disse quando abriu a porta.

— Fabíola se encontra?

— Da parte de quem? — Denise quis saber. Sabia que Fabíola não recebia visitas sem antes lhe avisar. A não ser que fosse o senador, sua madrasta, seus avós ou tios.

— Donatela Albuquerque.

— Só um momento.

Denise se afastou e quando voltou disse:

— Entre.

Donatela entrou e acompanhou Denise até uma área de lazer.

Viu que a filha de Erin brincava numa piscina de criança, que quase não tinha água, para não afogá-la. Fabíola estava numa cadeira, deitada. Óculos escuro no rosto, cabelos soltos com gotas de água escorrendo por eles e um biquíni branco, deixado as curvas bem feitas e delicadas à mostra.

— Fabíola — Donatela se aproximou.

Fabíola levantou.

— O que traz você aqui, Donatela? — Perguntou franzindo as sobrancelhas.

— Nossa, Fabíola — Donatela sentou numa cadeira ao lado de Fabíola. — Vim fazer uma visita a você.

— Imagino — Fabíola disse sem tirar os óculos dos olhos.

— É a menina da doutora Feller? — Perguntou olhando para Melissa.

— Sim — Fabíola respondeu bruscamente.

Donatela sorriu.

— Enquanto você cuida da menina ela está se divertindo com os amiguinhos drogados e o namoradinho, num churrasco. Bebendo e sorrindo horrores.

A expressão de Fabíola mudou de repente.

Ficou furiosa por dentro. Ou seria ciúmes daquela infeliz?

Não deixaria que Donatela percebesse isso.

— Pouco me importa, Donatela — deitou bruscamente na cadeira de piscina.

— Era para ela está aqui, agora, não? Pelo que sei ela está trabalhando como babá da própria filha, para você — ironizou.

— Sim, está. E muito me admira essa sua conversa barata sobre aquela médica — falou orgulhosa.

— Eu sei que você não gosta dela e nem eu tampouco, Fabíola — desdenhou.

Fabíola cerrou os olhos.

— Não estou entendendo, Donatela, onde você quer chegar — falou tom de irritação.

Donatela jogou a cabeça para o lado.

— Eu quero chegar aonde você também quer, Fabíola. A queda de Erin Feller.

Fabíola não entedia a raiva de Donatela pela médica.

— E por que você tem tanta raiva da médica? O que ela te fez?

— Porque ela não presta. Usa drogas, dorme com muitos homens e roubou o meu namorado, principal motivo — fez um gesto de nojo com a boca.

Fabíola revirou a cabeça indignada com o que ouvia, mas já sabia que Erin não usava drogas, há muito tempo. Ela nunca usara.

— Como assim, dorme com muitos homens? — Indagou com raiva.

— Ela tem cara de sonsa, mas de sonsa não tem nada. Namora com o Leonel, mas as próprias amigas cometam que ela não sabe viver com um homem só.

— Prostituta! — Fabíola sibilou furiosa e Donatela teve vontade de rir. Estava conseguindo o que queria. Logo mais a queda de Erin seria um ricochete mais do que espetacular.

— Confesso que fiquei boquiaberta, quando eu soube. Ademais, ela agora está apenas com um único emprego, pois pediu demissão do Santa Marta e foi mandada embora do Che Guevara — falou sarcástica.

Fabíola olhou Donatela.

— Ela pediu demissão do Santa Marta?

— Sim e foi mandada embora do Che Guevara. Isso é ótimo não, Fabíola.

— Sim. É. — Fabíola concordou. Agora se você me der licença, Donatela, estou se saída, tenho um jantar com o meu pai esta noite.

Fabíola caminhou bruscamente para a piscina pegou Melissa e adentrou para a casa.

Irada, estava.

Dormia com muitos homens!

Raiva!

Quando Erin chegasse em sua casa amanhã, ela iria ver só. Aquela qualquer.

Donatela gargalhou quando Fabíola saiu.

Logo, logo, iria ter Fabíola como sua aliada.

Aí sim, a queda da doutora Feller, aconteceria e Leonel seria só seu.

Ninguém melhor do que a poderosa empresária Fabíola Buckholz, para ter como sua aliada.

— Erin, querida, prepare-se, porque sua vida está apenas no início da destruição. — Disse Donatela, em voz alta, já que ninguém podia ouvi-la. Levantou da cadeira e direcionou-se para saída. Felicidades transbordando por dentro.

Capítulo 13

No caminho para o hospital Erin pensava na noite passada. Não conseguira fazer amor com Leonel. Não deixou que ele a tocasse. E quando ele foi embora de seu apartamento, extremamente irritado, jogou-se na cama e passara boa parte da noite pensando em Fabíola Buckholz.

Na maldita empresária.

Esses pensamentos eram um perigo mortal para si e dos grandes.

Apavorou-se.

Como podia desejar tanto alguém que só lhe causara mal?

Isso não podia acontecer. Mas estava, de fato.

Na entrada do Santa Mônica, Erin encontrou Juliana.

A loira bonitona vinha toda de branco, sensual.

Erin esperou até que ela lhe alcançasse.

— Oi, Ju, querida, bom dia! — Erin abraçou a amiga.

— Bom dia, Erin, você como está, bem? — Juliana perguntou afetuosa. Erin era a mascote amada das meninas.

— Muito bem.

— Não teve nenhum pesadelo ontem? — Juliana brincou.

— Claro que não — sorriu.

—Maravilhoso o churrasco do sábado, não estava?

— Muito. — Erin concordou.

— Bom dia senhoritas. — Rodrigo cumprimentou dando um sorriso falso.

— Bom dia, Rodrigo — disse Erin.

— Bom dia, bonitão — Juliana disse sem qualquer constrangimento.

Rodrigo sorriu e se foi a passos largos para dentro do hospital.

— Hãnn — Erin pigarreou.

Juliana olhou para Erin com cara de santa.

— Amiga, o que houve?

Erin fez um gesto de rendição com ambas as mãos.

— Eu não falei nada.

Juliana piscou.

— Ele é lindo, não é, Erin. Fala aí.

Erin observou Rodrigo por um instante.

— Sim. Ele é — concordou sincera.

— Eu estou completamente a fim dele. Pena que ele gosta da imbecil da Donatela. Faz tudo por ela. Só falta morrer — Juliana admitiu frustrada.

Erin acariciou o ombro da amiga.

— Não fique assim, Ju. Uma hora sua hora chega — Juliana olhou para Erin com cara de triste.

— Erin, você sempre tão maravilhosa, minha amiga.

Erin sorriu.

Ambas adentram para o hospital

***

Sentada na cadeira principal da sala de reuniões Fabíola observava, silenciosamente, todos os seus subordinados.

Sua empresa estava crescendo cada vez mais. Tanto nacionalmente quanto internacionalmente.

As repercussões internacionais estavam saindo muito bem.

Isso era ótimo.

A fortuna Buckholz, estava avaliada em muitos milhões. Sorriu por dentro. Era mais um ano que estava indo embora. Estava tendo tudo que queria, menos uma coisa, desanimou-se com esse pensamento, mas sem necessidade de preocupações, em breve teria o que desejava. Seu dinheiro sempre pudera comprar tudo o que desejou, não seria diferente com aquela medicazinha de quinta.

A reunião estava sendo travada justo para tratar do faturamento líquido que empresa teria.

Fabíola voltou a atenção para a contadora, uma das sobrancelhas erguidas de modo autoritário.

— Flávia, teu orçamento vaticinado igualou com o orçamento do Leandro? — Quis saber.

— Sim — disse a contadora.

— É o líquido?

— Sim, Fabíola, o líquido — confirmou o contador Leandro.

Fabíola se pôs de pé.

— Muito bem, reunião acabada.

Os funcionários assentiram.

— Fabíola. — Chamou a contadora.

— Pois não, Flávia. — Fabíola arqueou uma das sobrancelhas.

— Eu queria falar contigo, a sós, se possível.

—Venha até a minha sala. — Disse, séria e saiu. Caminhou até a sala e a contadora caminhava atrás.

Fabíola sentou e esperou o que a contadora tinha a dizer.

— Fabíola eu queria pedir dois dias de folgas. É que a Fátima está completando ano, então combinei com o meu esposo de irmos a um hotel fazenda, passar dois dias.

A contadora implorou em silêncio para que sua chefe deixasse.

— Eu vou lhe dar as folgas, Flávia. Agora por favor, quando houver essas viagens, avise-me um mês antes. — Falou, bruta.

A contadora sorriu, feliz.

— Sim, Fabíola, obrigada.

Fabíola deu de ombros e a mulher se retirou.

***

Erin ficou brincando com Melissa até tarde, deu banho nela, deu janta e colocou-a para dormir, quando deu por si, já eram 22:03 da noite. Ainda bem que não trabalhava hoje, pensou feliz. Estar com Melissa não tinha palavras que descrevesse o sentimento de felicidade que sentia.

Foi até a cama de Melissa, protegida nos dois lados, para que ela não caísse e beijou a testa da filha. Pegou a bolsa, apagou a luz do abajur e deixou o quarto.

Quando desceu as escadarias, ouviu um forte barulho em cima da casa. Correu até a sala de estar. Através do grande vidro, viu que chovia granizo.

— Oh, céus, não! Justo umas horas dessas, já tarde da noite?

Lamentou-se.

Passou tão apressada, para ver o que estava havendo na rua que não viu Fabíola sentada no sofá, com uma taça de vinho nas mãos

A luz da sala estava tênue, ocultando boa parte dos móveis mais escuros.

Fabíola ficou em silêncio, enquanto observava a silhueta da médica abraçada ao corpo e alisando os próprios braços, preocupada em ir para casa.

— Tinha de estar chovendo granizo justo hoje? — Erin falou num fio de voz, depois de fitar as pedras de gelo caindo no asfalto.

Fabíola soltou uma gargalhada terrivelmente sensual.

— Já passa das 22:17, doutora. Vai ficar perigoso uma mulher sair por aí sozinha, altas horas da noite.

Erin riu sem vontade.

— Nossa e você se importa? Jura?! Até parece. Insensível e fria do jeito que é.

— Na verdade eu não me importo nem um pouco. Se você morrer, se você estiver viva, para mim tanto faz — deu de ombros num gesto orgulhoso. Creio que seja melhor você se acomodar e aguardar a chuva passar. Quem sabe assim não muda de ideia e aceita a minha proposta — completou sarcástica.

Erin voltou para ela revoltada.

— Como assim sua proposta?!

— Ora, você me ouviu, doutora. Não se faça de virgem escandalizada.

Fabíola fez questão de deitar por completo no sofá. Vestia um short de dormir curtíssimo, de cor preta e uma blusa de alça de cor branca.

Erin passou os olhos de relance pelo corpo sensual da empresária.

Ela era irresistível.

Praguejou mentalmente.

A infeliz era perfeitamente desejável.

E esse seu pensamento era deplorável, pensou censurando a si mesma.

— Se quiser pode deitar aqui comigo.

Erin quase não podia acreditar no que ouvia.

— Nunca! Prefiro dormir no chão ou sair nessa chuva de granizo.

— Muito bem, você decide. Eu estou bem acomodada e vou dormir — falou debochada.

— Você é um monstro.

— Acredite, doutora, há monstros bem piores do que eu por aí.

Erin deixou a mochila escorregar por seus braços e cair no chão, ficou a observar a rua, enquanto centenas de pedras caíam do céu, quebrando-se em inúmeros pedaços.

Aquelas chuvas de granizo eram horrendas.

Passados alguns minutos, Erin sentiu uma poderosa sombra atrás de si. Sabia muito bem quem era que estava ali. Podia sentir o cheiro dela. O cheiro do vinho.

Fabíola abraçou Erin por trás e com uma das mãos afastou os cabelos curtos. Lambeu o lóbulo da orelha de Erin e beijou o pescoço suavemente.

Erin sentiu o desejo aflorar em seu corpo causando arrepios na pele.

Fabíola pressionou bem o corpo nas costas de Erin. Com uma das mãos desabotoou a calça da médica e ficou a alisar a calcinha, deslizando a mão por ali e por entre pernas, onde definitivamente Erin desejava o toque dela. Aquela posição vulnerável não envergonhou a médica, que incansavelmente arqueava para trás, completamente entregue.

— Você está muito molhadinha — Fabíola sussurrou, rouca, ao ouvido de Erin. — Do que você gosta? A ideia de que estamos fazendo isso aqui? Ou de eu tê-la observado há pouco enquanto você pensava em fazer amor comigo?

Erin nada disse, pois ficou com medo do que poderia ser a resposta. Perdeu o fôlego, quando Fabíola deslizou uma das mãos para o seu sexo mais uma vez. Todo o corpo enrijeceu, depois estremeceu com força. Erin arqueou o corpo e Fabíola lambeu o pescoço dela, depois beijou. Erin respirou, suspirou, de modo agonizante. Fabíola sentiu seu corpo reagir ao dela de forma incontestável.

Erin queria tanto se entregar a ela. De corpo, alma e coração, mas sabia que Fabíola era mal. Perversa. Fria.

Fabíola voltou Erin para si e, lentamente, colou sua boca a dela. Deixou as línguas dançarem, lenta, deliciosamente num beijo gostoso. Extorquiu a língua de Erin com voracidade, faminta. E as bocas já estavam tão coladas que pareciam ter nascido grudadas uma na outra. A língua da empresária viajava pela boca da médica. Viajava num gesto lento, calmo. E um silêncio reinava aliado daquele adorável e tão caloroso beijo.

Erin sentiu o gosto do vinho e também chupou a língua da empresária, com as duas mãos, segurou o cabelo dela.

As línguas dançavam, paulatinamente, como numa dança antiga há muitos séculos revivida.

— Isso é tão gostoso — Fabíola abriu a blusa e segurou a cabeça de Erin contra seu seio — eu quero que você sugue os meios seios. Bem gostoso...faça-o — pediu num murmuro excitado.

Foi o que Erin fez, beijou toda a região e sugou um dos seios de Fabíola, enquanto com a mão massageava o outro. Depois deu suaves mordidinhas nos bicos rígidos.

Fabíola soltou um gemido baixinho e afundou as mãos nos cabelos da médica.

—Isso, Erin. Assim está ótimo — disse, com voz ofegante e puxou Erin para uma parede concreta que não fosse aquele vidro. Colou novamente sua boca a dela. Explorou a língua da médica como se quisesse devorá-la.

— Você vai fazer amor comigo na parede? — Erin perguntou, vermelha, pelo sentimento avassalador que sentia, queimava de vontade de sentir mais. Querendo que Fabíola lhe satisfizesse logo de uma vez. Querendo sentir o corpo dela no seu. Com uma mão nada boba, Erin acariciou o sexo da empresária, que logo segurou a mão da médica, para que ela continuasse com os movimentos em seu sexo.

— Sim, aqui mesmo — tirou a blusa de Erin e deixou-a só de sutiã. Voltou a beijá-la.

Se alguém de fora presenciasse aquele beijo, decerto pensaria que ambas as mulheres estavam completamente apaixonadas e não que eram inimigas mortais.

Enquanto Fabíola seguia beijando Erin, espalmou as duas mãos nas nádegas da doutora, de modo a juntar mais os corpos um

no outro.

— Erin — Fabíola rodopiou e trocou de posição com Erin. Recostou-se na parede e desceu a calça de Erin antes de voltar e pressioná-la novamente em seu corpo. Abriu mais as pernas para que Erin pudesse se posicionar ali. Segurou firme a bunda da médica e gemeu ao senti-la. Estava completamente molhada. Beijou a boca de Erin novamente, enquanto os corpos sedentos se movimentavam.

Erin interrompeu o beijo com um gemido.

— Não. Não. Não.

A empresária se indignou.

— Você está dizendo não para você ou não para mim? — Fabíola perguntou chateada.

— Para nós duas.

Afastou-se.

— Por que você se nega? — Fabíola sentia o corpo pulsar. Erin também.

— Porque você só quer me usar.

Fabíola saiu de perto de Erin e acomodou-se de volta no sofá.

— Você dorme com muitos homens e não quer se deitar comigo por quê?

Erin ficou furiosa.

— Que história é essa de que eu me deito com muitos homens? Você enlouqueceu? De onde tirou isso?

— Não se faça de santa. Porque de santa você não tem absolutamente nada. Nem a cara.

— Eu não preciso me fazer de santa para você. E se eu me deitasse com muitos homens, com mulheres, com qualquer pessoa, isso não era da sua conta. E outra, NÃO DEIXE MARCAS EM MEU PESCOÇO! — Soletrou as últimas palavras. — Ninguém nunca deixou marcas em meu pescoço, você vem deixar!

Fabíola trincou os dentes de raiva.

Erin observou que a chuva de granizo havia parado. Vestiu a roupa, entorpecida de desejo, pegou a bolsa do chão e foi direto para a garagem.

Dirigiu para casa.

Chegou, tomou um banho e foi tentar dormir.

Capítulo 14

Sentada à sua escrivaninha Fabíola analisava os e-mails que seus subordinados haviam mandado.

Discou o número do telefone de sua secretária.

— Alô — disse a mulher do outro lado da linha.

— Bruna?

— Pois, não, Fabíola — disse a secretária.

— Eu quero que você mesma se encarregue de fazer a entrevista com a nova secretária. O pessoal do departamento ficou de manda-la aí hoje às 15:00h

— Pode deixar comigo, Fabíola. Eu farei.

—Bruna, a minha viagem para a Grécia, está tudo ok?

— Sim, Fabíola. Tudo ok. O seu jatinho particular entrará em manutenção dentro de dois dias antes de sua viagem.

—Você me enviou um e-mail, sobre a THEAKIS Corporação, o nome do empresário é Andréas Theakis, sobre umas ações, não entendi muito bem, sobre o que se trata? O e-mail estava totalmente obscuro, havendo margem para contradição — quis saber.

— É uma empresa da Grécia, pretende oferecer umas ações a Buckholz, com um preço atenuante. Daí enviei pra ti. Mas logo mais envio em anexo. O empresário gostaria de marcar uma reunião contigo aqui no Brasil

Fabíola passou uma das mãos pelos cabelos.

Mande para mim, em anexo, o mais rápido que você puder, se eu tiver interesse, pedirei para que você marque uma reunião com o empresário, já que estarei em território grego.

— Sim, Fabíola, farei o possível. Ainda hoje mando pra ti.

— Certo. Aguardarei.

Ao desligar o telefone Fabíola ouviu barulhos vindos da *living*.

Levantou. Tirou os óculos de leitura e deixou o escritório. Chegando à living, rescotou-se de braços cruzados, na escadaria, perto do elevador que dava para o piso superior. Viu que Erin brincava com a filha.

Melissa rolava por cima da mãe e sorria.

Por um instante Fabíola sentiu uma pontinha de ciúme invadir o peito.

Pisando duro, como se quisesse quebrar o piso de sua sala, passou por Erin e Melissa, sentiu o olhar da mãe e da criança sobre si. Mas não olhou para elas de jeito nenhum. Deu mais alguns passos e ouviu risadas.

Parou bruscamente e disse:

— Qual é o motivo das risadas?

— O meu é Melissa — Erin logo respondeu.

Fabíola cerrou os olhos.

Voltou a caminhar em direção à área de lazer.

Tirou a roupa e ficou só de biquíni, deixando de fora as curvas definidas, dentro daquele pouco tecido azul. Passou protetor solar, para proteger a pele dos raios da tarde.

Acomodou-se numa espreguiçadeira, ao redor da piscina. De óculos escuro nos olhos, fechou-os, cruzou as pernas e colocou um dos braços por cima da testa.

Ultimamente andava tão cansada. Eram tantas coisas todos os dias, na empresa. Tantas reclamações, tantas fofocas mesquinhas, tanto vai e vem, que tinha horas que dava vontade de mandar todo mundo para o inferno. Um querendo ver a queda do outro para chegar no pódio, porém, o pódio, nem sempre era para todos.

***

— Senhorita Erin — Denise chamou, vindo da cozinha.

— Pois não, Denise — Erin sorriu com Melissa por cima de si.

Denise sorriu ao olhar para mãe e filha. Tão lindas.

— A senhorita gosta de torta de limão? — Perguntou a cozinheira, de modo singelo.

— Muito, Denise. Uma das minhas tortas prediletas.

— Venha provar um pedaço da que eu fiz, então. — Convidou Denise.

Erin se pôs de pé.

— Claro, Denise — disse, simpática, e acompanhou Denise até o espaço gourmet.

— Mãe — Melissa queria ir para o chão.

Erin colocou-a no chão.

Melissa se afastou.

Erin saboreou a torta que Denise lhe servia. A torta sem sombra de dúvidas estava uma delícia.

— Você nunca pega folga, Denise? — Erin puxou assunto.

Denise sorriu

— Sim, senhorita. Todos os domingos. Um sábado sim e outro sábado não.

— Hum...entendi. É ótimo folgar, não é, Denise?

— Sim, apesar de eu gostar muito de estar aqui. — Erin se surpreendeu.

Ela gostava de trabalhar com a arrogante da Fabíola. Incrível.

Erin se pôs de pé, tirou o pirex da mesa e levou-o até a pia.

— Senhorita Erin, pode deixar que eu lavo — interveio Denise.

Erin voltou sua atenção para ela.

— Nossa, não, Denise. Querida, pode deixar que eu mesma lavo. É só um prato.

Denise assentiu.

Assim que acabou de lavar o prato Erin afastou da pia. Olhou para um relógio, que havia numa parede da cozinha.

— A torta estava uma delícia, obrigada, Denise. Você cozinha maravilhosamente bem. — Agradeceu e elogiou.

Denise sentiu feliz com o elogio.

Erin se despediu dela e afastou-se. Pegou a bolsa e procurou por Melissa. Quando chegou à área de lazer viu que a menina dormia por cima do peito de Fabíola. Melissa tinha o costume de dormir em cima do peito, Erin pensou. Desde que nascera, Melissa sempre fora assim.

Erin pensou três vezes antes de ir até Fabíola. Mas não podia simplesmente ir embora sem se despedir de Melissa.

A passos lentos caminhou até Fabíola.

Fabíola viu através das lentes escuras dos óculos, Erin de pé. Mas fez de conta que não estava vendo.

Erin, indecisamente, inclinou-se e beijou a cabeça de Melissa.

Fabíola pôde inalar o cheiro suave que emanava dos cabelos dela. Quando Erin ia se afastando Fabíola disse:

— Próxima semana estarei viajando à Grécia — o tom de voz era baixo, no entanto, não deixava de ser arrogante. — Erin deu de ombros. — A menina vai comigo — completou já imaginado o piti da doutora.

— Quanto tempo você vai passar lá com a minha filha? — Perguntou tristemente.

Fabíola ficou silente.

Depois de alguns segundos falou:

— Quanto tempo "nós" vamos passar lá. Você como babá da menina deve ir junto ou você acha que eu vou cuidar da menina? Sem falar que estou pagando a você justo para isso: cuidar da menina.

Erin fez cara feia.

— Você sabe muito bem que não estou aqui pelo seu dinheiro — vociferou.

— Isso não me interessa nem um pouco, se estar aqui por dinheiro ou não.

—Você fala como se eu estivesse aqui por causa do seu dinheiro. Se não fosse por Melissa eu jamais pisaria aqui — Fabíola sorriu sem querer.

— Se você não estivesse trabalhando aqui eu jamais deixaria sequer que você ousasse colocar um pé em minha residência.

Por um momento Erin teve vontade de perguntar a ela o porquê de tanta raiva, mas não o fez, conteve-se. Ela dificilmente diria. Mas quando a guarda de Melissa estivesse de volta sob sua égide, jamais veria Fabíola ou cruzaria o caminho dela de novo. O advogado dissera que a audiência de guarda já estava para ser marcada e, com grandes chances de obter sucesso.

— Quer saber, fique discutindo sozinha. Você não presta — Erin se irritou.

Fez menção de se afastar, mas a voz de Fabíola novamente a deteve.

— Tome as providências antecipadamente no seu trabalho, para quando chegar o dia da viagem não haver qualquer imprevisto,

ou você já sabe: Demita.

— Você é a pessoa mais desprezível que já conheci em toda minha vida.

Fabíola fez cara de deboche.

— Tenho certeza de que um dia você mudará de opinião.

Erin sacudiu a cabeça.

Achando impossível mudar de opinião a respeito de Fabíola.

— Concernente ao seu respeito? Duvido!

— Seu " duvido " pouco me importa. Agora você já pode deixar a casa, sua hora já deu.

Erin sabia que ela a estava expulsando.

— Insensível! — Erin gritou.

Fabíola se irritou, com o grito da médica.

— Respeite o sono de sua filha, você não está vendo que ela está dormindo, mal educada!

— Eu vou falar baixo por respeito a minha filha e não porque você está mandando. Você não manda nem em si mesma!

A empresária encarou a médica, fuzilando-a.

— Você sabe que eu mando, Erin, você sabe que eu mando em muita gente — a fim de irritar ainda mais Erin, Fabíola disse. — Mando inclusive em você que é minha empregadinha.

— Em mim nunca! Nunca você vai mandar!

— Você que acha, doutora

— E só para você saber, o dinheiro que você me pagar todo mês eu vou doar para caridade.

Fabíola levantou os óculos e encarou Erin, os olhos estavam inexoráveis.

— Como se mil e duzentos reais me fizessem falta. Você é tão hilária, doutora — disse balançando a cabeça.

— E você é tão cínica — rebateu e retirou-se. Caminhou diretamente para a garagem. Tudo de que precisava era tomar um banho e dormir. Viajaria para a Grécia com Fabíola. Já podia até imaginar o disparate que seria aquela viagem.

Capitulo 15

Assim que passou pelo portão de embarque Erin sentiu a brisa forte, que tomava a pista de pouso e decolagem do aeroporto. Seus cabelos estavam amarrados. Usava trajes bem casuais, ao contrário de Fabíola, que estava em trajes bem sociais. Erin vestia uma calça flare, uma blusa de seda, de alça, cor amarela e uma alpercata plataforma, bege. Trazia consigo uma mala pequena, de rodinhas e uma bolsa de lado, de couro bege, em combinação com a alpercata.

Olhou para o luxuoso jato executivo no qual Fabíola poderia viajar tranquilamente do Brasil para a França, para a Grécia ou Nova York, para se reunir com seu séquito de sócios, em grandes reuniões de negócios.

Erin observou a empresária atentamente, em seus mais minuciosos detalhes. Ela trajava uma saia azul escuro, que lhe chegava à altura dos joelhos, um blazer da mesma cor com uma blusa preta por dentro, uma sandália preta de salto moldava os pés bonitos. Os cabelos estavam soltos, esvoaçando com o vento. Uns óculos escuros ocultavam-lhe os olhos. Erin deu graças por também estar de óculos escuros assim não corria o risco de cruzar o seu olhar com o dela.

Fabíola estava muito linda. Havia ao lado dela, uma mulher, muito elegante, de cabelos escuros e pele negra, era muito alta também, quatro homens e a aeromoça. Com certeza dois deles eram os secretários de Fabíola, os outros dois eram o comandante de voo e copiloto.

Erin desviou o olhar para Melissa, que usava um minúsculo vestido verde, rodado, e uma sapatilha dourada.

Erin sorriu ao ver a filha.

— Fá! — Melissa pulou de felicidade ao ver a mãe. — Mãe! — gritou olhando para Fabíola.

Fabíola olhou de cara feia para Melissa e viu quando Anica, sua secretária, soltou a mão de Melissa, a menina correu disparada para os braços da mãe.

Um dos homens ajudou Erin com a mala.

Todos adentraram para o jato, que era divido em três partes, a do piloto, a primeira classe e a segunda classe. Uma porta bege separava a primeira classe da segunda, esta era menor que aquela.

Na segunda classe, onde ficariam a secretária e os outros dois secretários de Fabíola havia quatro poltronas enormes e confortáveis. O recinto de segunda classe era bastante agradável.

Os secretários se acomodaram.

Na parte da frente da aeronave, onde haviam sido removidos assentos fora criado uma chama de sala de jantar e lounge executivo. O espaço acomodava até seis passageiros e tinha área de trabalho e até zona de descanso. O interior do jato esbanjava requinte e sofisticação, com o que de mais avançado a tecnologia aeronáutica oferecia. Não era por acaso que costumavam ser associados, indevidamente, à ostentação, sobretudo, por aqueles que perambulava as cabines durante poucos minutos, corroborando a tese de que a aviação privada se resumia a luxo e suntuosidade.

Todavia, não se podia negar que o conforto e a modicidade da primeira classe eram pensados para agradar o mais exigente dos passageiros, um desses passageiros era Fabíola Buckholz.

Erin observou dois sofás de cor prateada e algumas almofadas azuis por cima, no recinto de primeira classe havia um enorme centro quadrado, em meio aos sofás, em cima do centro havia algumas revistas, em cada ponta do centro, ficavam duas poltronas. Enfeites com flores arrumados em cima de balcões davam um toque suave ao ambiente. O chão do jato era como se fosse forrado por uma pele de tigre branco.

Agora, ter de passar tantas horas ali com Fabíola seria castigo, Erin pensou.

Quando o comandante desejou boa a viagem à tripulação e o jato executivo levantou voo, depois de um longo e torturante tempo de horas e horas, Erin levantou e foi ao toalete, ficou por um bom tempo se olhando no espelho, não queria olhar para Fabíola. Saber

que a queria era mais do que frustrante. De porta do toalete abriu, Erin voltou-se e viu que era Fabíola.

—O que quer? — Perguntou alarmada ao olhar para a fisionomia de Fabíola e seu porte alto tomar o vão da porta.

Fabíola entrou e travou a porta.

— Terminar o que começamos naquela noite. — Disse e avançou sobre Erin. — O que quero na verdade é o seu corpo — sussurrou no ouvido da médica E Passou uma mão pela face dela acariciando.

Erin sentiu o coração acelerar. Também queria a desgraçada. Era demais.

— Fabíola, Não. Alguém pode nos...

Fabíola segurou a cabeça de Erin e beijou-lhe a boca, depois o pescoço. Tirou a blusa e o sutiã da médica e apreciou os mamilos rosados, antes de passar a língua por cada um deles, depois chupá-los.

— Você é deliciosa, como pensei — Fabíola disse e beijou novamente a boca de Erin, fazendo-a abrir a boca para que pudesse explorar sua língua.

Ouve-se uma batida na porta.

— Senhoritas! Preparem-se, estamos entrando em ponto de pouso — avisou.

Olhos fulminantes de desejo Fabíola tirou a cabeça do vale entre os seios de Erin e disse:

— Mas que droga! Eu não posso nem me divertir um pouco!

Erin se indignou

—Você acha que sou brinquedo, para você dizer que não pode nem se divertir pode?! — Respirou fundo.

Fabíola jogou a cabeça para o lado e sorriu, cínica.

— Sim, é um brinquedo maravilhoso — ironizou e saiu do toalete.

— CRÉTINA!

Fabíola voltou-se para ela.

— Eu sei treplicou —piscou um olho de modo galante e balançou a cabeça com um ar de riso. — E eu acho que é por esse motivo que você estava gemendo agora há pouco. Se você quiser posso fazê-la gemer ainda mais gostoso.

Erin cerrou os olhos.

— Pervertida!

Fabíola lançou um olhar tremendamente sedutor.

— Eu não sou pervertida! Eu sou gostosa e eu sei, doutora, que você é uma gata felina pronta para devorar esta gostosa que está em sua frente — piscou novamente.

— Você...Não vou deixar que me toque de novo. Ouviu bem?!

— Sim, doutora, já ouvi. Centenas de vezes, sempre a mesma história. Saia da mesmice por favor — fez um gesto orgulhoso com uma das mãos.

—Você não tem moral!

Fabíola gargalhou.

— Eu, ao contrário de você, tenho um código conduta moral em minha vida cotidiana, não ando por aí me deitando com qualquer um, agora já você anda por aí, deitando-se com tudo e todos — desdenhou e segurou o braço de Erin.

— Larga o meu braço, além de ignorante é agressiva também?! Você é louca. De onde tira esses absurdos de que me deito com tudo e todos?! — Perguntou furiosa as únicas pessoas com quem havia se deitado na vida fora o seu grande amor de adolescência, a professora, Leonel e o hipócrita do Daniel. Não podia imaginar de onde Fabíola estava tirando aquela história toda. Sentiu os olhos encher de lágrimas.

— Erin... — Fabíola fez um gesto com as mãos.

—Você sente prazer em me machucar, por quê?! — Chorou desolada. — Por quê?! —Perguntou, chorando. Os olhos ficaram vermelhos de raiva, porque amava Fabíola, mas Fabíola lhe odiava.

— Eu não quis fazer isso.

— Não quis?! Você nunca quer nada, além de me machucar! — Chorou. O peito arfante raiva e indignação. — Sai da minha vida, Fabíola. Sai da minha vida.

Fabíola a abraçou contra a vontade.

— Eu não quis fazer isso com você. — Beijou-lhe a face e os olhos.

Erin ainda chorava.

— Sai de perto de mim. Você só me causa dor. — Recompôs-se. — Quem disse a você que eu me deito com muitos homens?

Erin estava vermelha de raiva.

— Contenha-se! Você não tem educação, doutora?

— Dane-se a educação!

Ouve-se novamente uma batida na porta, interrompendo o teor da discussão.

— Eu já ouvi, comandante! — Fabíola gritou, olhando para a porta.

— Sim, senhorita o homem afastou da porta alarmado com o grito.

Melissa acordou.

Erin vestiu rapidamente, saiu do toalete e caminhou até a filha, passando por Fabíola, brusca.

Fabíola arqueou as sobrancelhas.

— Eu sou sua patroa ou você esqueceu? — franziu o cenho com ar de deboche. — Não me subestime, Erin, ou assim que pousarmos mando você de volta para o Brasil sem nem ao menos pensar duas vezes. Se tem algo que não admito é que os meus empregados me afrontem!

Erin se alterou.

Encarou a empresária, olhos irados, faces rubras.

— Eu não sou sua empregada. Saiba bem disso! Não vou obedecer a você nem aqui na Grécia nem no Brasil! Ou qualquer outro lugar do mundo! Toda poderosa! — Ganou.

— Mãe! Mãe! — Melissa chamou e beijou a face de Erin.

Fabíola virou a cara, maxilar enrijecido de raiva.

A médica ousava subestimar sua paciência.

Assim que Fabíola, Erin e Melissa se prepararam, o jato pousou num aeroporto de pequeno porte, em Atena.

Fora do jato, o banqueiro grego, Andreas Petrakivis, esperava por Fabíola

Ele tinha vindo pessoalmente, recebe-la.

O banqueiro tinha uma estrutura alta e um físico atlético. Seu porte era alinhando e altivo. Os cabelos eram negros e lisos, num corte à última moda do ano. Um homem muito charmoso. Ele usava um terno preto, assim como os quatro homens que o rodeava.

— Andreas Petrakivis pousou os olhos em Erin, e Fabíola, esperta, percebeu o olhar de flerte do banqueiro. Uma dose de ciúmes se apossou de seu corpo. Com raiva, colocou-se na frente de Erin e direcionou-se a Andreas.

Andreas cumprimentou a todos e foi todo galanteador para o lado de Erin. Fabíola irritou-se.

Erin percebendo sorriu e segurou firme a mão do banqueiro só por afronta a Fabíola.

Capítulo 16

Na manhã do dia seguinte Erin tentou levantar da cama, mas não conseguiu.

Suas forças pareciam ter sido sugadas até a última gota.

Sentia uma forte dor de cabeça, dores no corpo. Como médica sabia que estava doente e necessitava de repouso e remédios.

— Mãe Melissa chamou do chão.

Erin olhou para a filha.

Melissa estava só com uma calcinha de cor branca e toda lambuzada de chocolate líquido. Os cabelos estavam totalmente desalinhados e a boca suja.

— Mel, venha para a mamãe — Erin chamou, com voz arrastada.

A porta do quarto abriu.

Um cheiro delicioso, de perfume, pairou no ar.

Fabíola olhou para Melissa e se assombrou com tamanha sujeira que estava a menina.

Melissa sorriu quando viu Fabíola parada à porta.

— Faaa!Faaa! — Gritou e começou a dançar batendo os braços como um pássaro novo aprendendo a voar. Depois começou a rodopiar dando pulinhos.

Fabíola mirou Erin e trancou a porta.

Erin olhou de volta para Fabíola, para a roupa amarela, um conjunto de saia e blazer, com uma blusa branca por dentro deste. O salto era preto. Impecável. Os lábios pintados de vermelho e o queixo protuberante e erguido, como de praxe.

— Eu posso saber por que você ainda está deitada umas horas dessas — perguntou rudemente olhando a hora no relógio de ouro em seu pulso. Você é a babá ou eu?! — Questionou.

— Faaa!!!

Melissa gritava, correndo pela suíte inteira.

— Olhe a situação de sua filha — apontou para Melissa. — Isso são modos se cuidar de uma criança?!

Erin fechou os olhos.

— Fabíola, por favor, modere, eu estou doente. Não seja bruta — Erin tentou amansar a fera.

Fabíola colocou as duas mãos na cintura e respirou fundo.

— O que você tem? Se eu soubesse que iria adoecer não teria deixado você vir.

— Creio que seja apenas minha alergia. Devo ter comido algo no jantar, ontem, que me fez mal. Estou com febre atenuante, dor de cabeça e no corpo.

Fabíola passou a mão pela testa.

— Eu vou ter que desmarcar a minha reunião? É impossível de acreditar — começou a andar de um lado para o outro. — Para cuidar de você e ainda por cima cuidar de Melissa. É mais do que eu posso suportar.

Erin se irritou.

— Olha, Fabíola, pode ir para sua reunião, não estou pedindo para você ficar aqui. Eu me viro sozinha. Você ou trabalha um dia ou morre.

— Lógico, trabalhar é o que eu gosto e sei fazer de melhor.

— Não, o que você sabe fazer de melhor é destruir a vida dos outros — Erin tentou levantar e a cabeça começou a doer. Passou uma das mãos pela testa.

— Eu estou vendo que você pode se cuidar sozinha. — Fabíola abriu a bolsa e ligou para o banqueiro desmarcando a reunião. Pegou Melissa e deu banho nela, depois pôs um vestido amarelo na menina e uma sapatilha dourada. Penteou os cabelos e passou uma lavanda suave nela. Pegou Melissa nos braços e disse de cara fechada:

— Muito bem, de que remédios você precisa. Você é a médica, não eu.

Erin se surpreendeu com a atitude bondosa de Fabíola. Embora o rosto fosse ainda um poço de arrogância.

—Eu não sei quais os tipos de remédios aqui de Atena, mas você pode pedir apenas um analgésico para dor de cabeça e outro

para dores no corpo. É só uma alergia, logo vai passar.

—Assim espero, doutora.

Erin juntou as sobrancelhas.

Encarou Fabíola.

— Você me culpa por eu estar doente, é isso?

Fabíola altivou o queixo.

— Somente analgésicos? — Perguntou sem olhar para Erin.

Erin sacudiu a cabeça.

— Só — confirmou com raiva.

Fabíola deixou o quarto, com Melissa nos braços.

Quando voltou da farmácia entregou o remédio e, ainda que orgulhosa, sentou ao lado da cama e deu uma massagem na testa de Erin. Algum tempo depois, quando viu que Erin adormeceu ficou por um tempo a observando dormir. Gostaria de saber o que estava acontecendo. Poderia ficar ali pelo resto de seus dias, perdida, observando aquele doce momento, enquanto a médica estava longe e sonhando. Queria saber se ela estava sonhando consigo. Se era si a pessoa que ela estava vendo naquele sonho. Cada momento que havia passado com Erin tinha sido doce e amargo, porque era assim que ambas eram. Se dizia não, Erin dizia sim e se dizia sim, Erin dizia não. Porque, afinal, Erin era tudo o que jamais imaginou querer, mas queria.

Erin abriu os olhos e segurou a mão de Fabíola. Fitou os olhos azuis que pareciam desconfiados. Depois de uma troca de olhar demorada, Fabíola se pôs de pé. Saiu do quarto levando Melissa, preocupada com aqueles devaneios e com os sentimentos estranhos que nutria pela doutora.

***

A uma mesa, no terraço do hotel grego, Fabíola e seus secretários tomavam um vinho gelado e conversavam sobre a reunião do dia seguinte, em Atena, a mesma reunião que era para ter acontecido na parte da manhã, mas devido ao mal estar de Erin, Fabíola tivera de desmarcar a reunião e deixa-la para o dia seguinte. Fabíola não gostou nem um pouco de ter desmarcado a reunião. Odiava ser taxada de irresponsável.

Dezoito e quinze da tarde Fabíola entrou no quarto de Erin, novamente, para pegar o celular que havia esquecido, quando ligou

para Andreas, mais cedo. Erin já se sentia bem melhor. A alergia enfim se fora. Percebeu que Fabíola estava toda arrumada em um vestido roxo de mangas, uma bolsa de couro preto e um salto da mesma cor acompanhava o traje.

— Vai à reunião, Fabíola? Erin perguntou, atrevida.

Fabíola se voltou para ela de cenho franzido.

— Lógico que não. A reunião será amanhã. Vou dar uma volta próximo à igreja — disse.

— Eu e a Mel também queremos ir.

Fabíola foi até Erin e olhou para ela bem de pertinho. Segurou-lhe o maxilar e quando ia beijar Erin, Melissa pulou por cima de si. Num sobressalto, pegou a menina nos braços.

— Faaa...mãe vai! Oh, Fá...— Gritou num bipe ao ouvido de Fabíola.

Melissa abraçou o pescoço de Fabíola e beijou sua face.

— Tá, Melissa, já chega — olhou para Erin. — Você veio aqui para cuidar da menina e não passear.

— Bem, isso não interessa — Erin disse levantado. — Você pode ir, eu e a Mel vamos sozinhas. Sem a sua presença arrogante por perto. — Pegou Melissa dos braços de Fabíola.

Fabíola cerrou os olhos.

— Erin...tenha cuidado com as suas palavras. E de forma alguma você vai sair sozinha por aí com a menina. Não confio em você. Você pode fugir pelas minhas costas.

A face de Erin ficou vermelha.

— Que sandice é essa? Você não tem juízo por acaso? Tudo que sai da sua boca é bobagem! Tem cabeça, mas não tem juízo!

— Apronte-se antes que eu desista de ir! — Gritou e deixou o quarto.

Erin tomou banho junto com Melissa. Colocou um vestido na menina, de uma cor rosa-goiaba, um casaco branco de peles e uma bota também branca de peles, combinando com o casaco. Penteou os cabelos da filha e colocou-a na cama, enquanto vestia uma saia estampada, longa, com uma blusa de alças. Calçou uma alpercata rasteirinha, de cor branca, penteou os cabelos e perfumou-se. Para finalizar passou uma maquiagem leve.

Fabíola entrou no quarto.

—Vamos — disse apenas e saiu andando na frente.

Erin pegou Melissa nos braços e saíram do hotel. Quando chegaram a uma linda praça, adornada por um grama muito bem cuidada Erin pôs Melissa no chão e começou a brincar com a filha. Fabíola andava sozinha, atrás, de cara feia, enquanto mãe e filha corriam na frente brincado feito duas crianças. Perto de uma estátua grega Erin disse:

— Fabíola, tire uma foto nossa.

Fabíola se indignou fez que não ouviu. Ficou olhando para um canto qualquer, mas não olhou para a médica.

— Fabíola? — Erin chamou novamente, provocando. — Tire uma foto nossa.

— Eu não sou fotógrafa — Fabíola disse arrogantemente.

Erin beijou a cabeça de Melissa.

— Vá, Mel, entregar o celular a Fá — tirou o celular da bolsa e deu a filha.

Melissa logo correu com o celular nas mãos e entregou-o a empresária. Bruscamente, Fabíola pegou o celular das mãos da menina, que logo correu de volta para os braços da mãe. Quando foi tirar a foto, o celular descarregou. Irritou-se.

— Você quer que eu tire foto com o celular descarregado?!

— Tire com o seu, então.

Fabíola encarou a médica, respirando fundo. Tirou o celular da bolsa e tirou uma foto da médica e da filha.

— Pronto! — Gritou e foi entregar o celular a Erin.

— Venha, tirar uma foto conosco — Erin chamou.

— Não vou tirar fotos

— Por favor, senhor, tire uma foto nossa. — Erin falou para um homem que passava ali por perto.

O homem logo veio.

Erin se acomodou num banco e colocou Melissa de pé ao seu lado direito, Fabíola se acomodou ao lado de Melissa. A menina agarrou o pescoço da mãe e da empresária e sorriu enquanto o homem tirava a foto. Depois de tirada a foto Erin colocou Melissa no chão e a menina correu em disparada pela grama. Erin correu atrás. Fabíola irritou-se e andou a passos largos atrás da médica e da filha.

Sob um varal de luzes prateadas, um palco redondo estava montado e a banda de folk rock The Lumineers tocava a música Ho Hey. Ao som da melodia, Erin, segurando as duas mãos de Melissa, dançava juntamente com outros grupos de famílias gregas.

Fabíola cruzou os braços acima do peito e ficou a observar de longe mãe e filha dançado.

Poderia ficar eternamente ouvindo aquela doce canção e olhando aquela adorável cena.

Capítulo 17

Hotel Kratus

Inspirado pela atmosfera grega, o Oro Restaurant era o local perfeito para um jantar exclusivo no Hotel Kratus.

O requintado lugar era decorado, em seu teto, por lustres de vidro murano, o teto era de uma cor dourada, dando um toque gracioso ao local. O restaurante emanava um ar de artistas famintos, de estilo boémio. Era um luxo local, definitivamente, rico e que tinha uma atmosfera particularmente fascinante, para clientes que gostavam de uma renomada zona de conforto, como Fabíola Buckholz.

Acompanhada por Erin e seus três secretários, num vestido longo, de alças, dourado, decotado nas costas, Fabíola descia pela longa escadaria marmorizada.

Uma beldade cercada por seu séquito de pessoas trajando preto, inclusive Erin. Melissa havia ficado em seu sono infantil, no piso superior.

Em uma mesa composta por oito lugares, forrada por uma toalha de seda branca, o banqueiro Andreas já esperava, elegantemente, pela empresária. Dois secretários o acompanhavam.

— Boa noite, Andreas — Fabíola cumprimentou o banqueiro.

— Boa noite, Fabiola. Como está? — O banqueiro sorriu e cumprimentou os secretários de Fabíola, enquanto ela fazia o mesmo com os dois secretários dele.

— Bem — Fabíola respondeu.

Os três secretários de Fabíola se acomodaram de frente para os dois secretários do banqueiro.

Andreas todo galanteador fez questão de se colocar pé para cumprimentar Erin, que estava deslumbrante, dentro de um vestido

longo e preto, de alças, com um decote em V na frente.

— Boa noite, bela senhorita — Andreas segurou a mão de Erin e beijou- a.

— Boa noite.

Fabíola fez cara feia pra Erin.

— Não me canso de admirar sua beleza.

Erin olhou para Fabíola e sorriu para Andreas.

— Obrigada. — Agradeceu.

Erin acomodou numa cadeira de frente para Andreas. Fabíola acomodou ao lado dela.

Um garçom veio trazer um cardápio.

Os secretários analisavam os papéis de acordo entre o banqueiro e a empresária.

Quando o garçom serviu a ágape e vinho grego, Fabíola se serviu e de uma taça cheia do líquido, sorveu-o quase todo de uma só vez. Não entendia por que estava sentido raiva, por Andreas estar flertando com Erin. Não entendia mesmo o teor dessas suas reações insanas. Revoltou-se consigo mesma. Viu Andreas esticar os braços por cima da mesa e segurar as mãos de Erin.

— Vejo que não é comprometida. — Andreas disse e Erin sorriu dando um olhar de relance para Fabíola.

A empresária sentiu o coração bater forte dentro do peito. Com raiva, passou um dos braços por cima dos ombros de Erin e beijou-lhe a bochecha. O sorriso de Erin num instante se desfez.

— Andreas, a Ein é comprometida. É minha namorada.

Indignada, Erin voltou o rosto para Fabíola e quando o fez Fabíola deu um beijo breve em sua boca

— Poe Deus, Fabíola, não sabia — Andreas se desculpou.

— Sem problemas. — Fabíola disse, sarcástica.

Assim que a reunião de negócios acabou Fabíola subiu para o quarto, assim como Erin. Tomou um banho, vestiu uma blusa de alça e um short curtíssimo, branco, da mesma cor da blusa.

Sob a luz tênue do quarto Fabíola recostou na janela e ficou a observar as luzes de Atena, ao longe.

A porta do quarto foi aberta e logo em seguida fechada num forte barulho.

Fabíola se sobressaltou e voltou-se para ver quem era, quando viu, era Erin, vestida numa curta camisola de seda vermelha.

— Enlouqueceu, doutora?

— Enlouqueceu você! Com que direito você disse que era minha namorada?! — Falou, respiração acelerada. Você é louca?! Não me faça mais isso ou você vai ver o que lhe acontecerá da próxima vez.

Fabíola gargalhou e recostou-se na janela.

Ela estava lhe fazendo ameaças.

Erin observou o corpo bonito por uns breves segundos.

— Andreas não presta. É um mulherengo.

— Nossa, ele não presta e você não fica atrás, não é? Isso é cômico. — Erin ironizou. — O sujo falando do mal lavado.

— Você quer ir dormir com ele? Então vai! — Fabíola falou intransigente.

— Eu não quero ir dormir com ninguém, sua hipócrita. Dissimulada. Pensa que sou igual você. Não me faça mais isso! — Voltou-se para ir embora.

— Doutora...

Erin ficou de costas para Fabíola, olhos fechados, coração na mão.

— Diga, Fabíola?

— Talvez a única coisa que tenhamos comum seja a oposição e o meu corpo clamando pelo teu.

Erin a olhou. Fitou o belo par de olhos azuis. Eles pareciam flamejar. Viu que ela estava a poucos centímetros de distância. Os olhos azuis pareciam mais obscurecidos, de alguma forma. Não era fúria ou coisa do tipo que emanava deles era outra coisa. Não saberia definir. Indecisa, caminhou até Fabíola. Passou uma das mãos pelos cabelos macios e ficou a fitar aquele belo par de olhos bem de perto.

— Fabíola, por que tem que ser assim? — Passou os braços pelo pescoço de Fabíola e sentiu seu corpo ser pressionado ao da empresária. — Você é linda. E nós estamos sempre, Fabíola, de lados opostos. Você está sobre um canal e eu estou passando por baixo. Eu poderia estar junto a você, nesse canal.

Fabíola apenas ficou em silêncio. Abraçava Erin fortemente, como se nunca mais quisesse soltá-la.

Erin tinha vontade de dizer que a amava, mas não podia desnudar seus sentimentos assim.

Gentílica, Fabíola retirou as mãos de Erin de seu pescoço e segurou-as. Numa doce redenção mirou aquele verde intenso que eram os olhos da médica. Aproximou o seu rosto. Gostava de observá-la.

— Você também é linda, doutora. — E a voz já não era rígida. Era amável.

Erin fez um ar de riso ao receber o elogio da empresária.

Gentilmente, Fabíola segurou o queixo de Erin e fez com ela mantivesse os olhos fixos no seus.

— Agora, eu não sei peço ou se faço logo de uma vez. — Disse duvidosa.

— Eu prefiro que você faça logo de uma vez — sussurrou excitada.

Fabíola soltou as mãos de Erin apenas para tirar a camisola curta dela, deixando-a somente de calcinha. Ergueu uma mão atrevida e roçou nos mamilos rosados da médica, viajou as mãos pela barriga dela. Massageou os seios. Com um dedo rodeou os bicos durinhos.

Erin respirou com euforia ao sentir o toque provocante e lúbrico. Fazia tanto tempo que não tocava uma mulher. Que não sentia o corpo de uma mulher. Com as mãos trêmulas tirou a blusa de Fabíola, ergueu a cabeça e deu uma mordidinha apimentada no queixo da empresária.

— Você gosta de morder? — Olhos obscurecidos de um desejo inflamável. Passou um dos dedos sobre os lábios de Erin e deu uma leve mordidinha no lábio inferior dela.

— Depende da mordida.

— Você gostou dessa mordida? — Fabíola perguntou contra a boca de Erin.

— Muito.

Fabíola segurou os ombros de Erin e, entusiástica, roçou seus seios nos dela. Corria as mãos pela bunda. Moveu os seios contra

os de Erin. Somente os mamilos enrijecidos se tocavam provocando nas duas amantes uma deliciosa excitação.

— Erin, eu quero que seja doce. Pelo menos isso tem que ser prazeroso para nós duas. Já que nossa vida não é doce — disse, sincera.

Erin enlaçou a cintura de Fabíola e inclinou a cabeça para beijá-la. Fabíola entreabriu a boca para que pudesse ser beijada e explorada pela língua daquela doce e tentadora mulher. Sim, a médica lhe tentava a perdição. Lhe tirava do inferno e levava ao paraíso.

A língua umedecida da médica, atrevida, tocava a da empresária, numa doce e libidinosa paixão.

Erin aprofundou o beijo de língua, o delicioso e delicado beijo. Beijou a face de Fabíola, depois os ombros. De olhos fechados elevou a boca para os seios da empresária, ali parou. Dando mordidinhas nos bicos, massageou com a língua e viajou a boca pelo vale, descendo reto pela barriga lisa e malhada, parou a boca no ventre.

Fabíola inclinou a cabeça totalmente para cima. De olhos semicerrados fitava o teto obscurecido enquanto o desejo há muito tomara seu corpo.

Quando Erin tirou sua calcinha e beijou seu sexo, emitiu um gemido de prazer. Sentiu a língua molhada da médica fazer movimentos eróticos em suas partes íntimas. Afundou as mãos nos cabelos macios de Erin, enquanto ela lhe beijava o sexo, as coxas, a virilha. Emitiu outro gemido de prazer, quando a boca libidinosa explorou novamente seu sexo.

— Erin, você é simplesmente fantástica. — Fabíola disse e já sentia a deliciosa boca da médica subido pelo ventre e chegando à barriga. E continuava subindo, beijando, lambendo. O olhar verde de Erin estava afogueado. Ela sentia o corpo pulsar. Livrou-se da última e minúscula peça de roupa que havia em seu corpo. Jogou o pequeno tecido da calcinha para longe. Urgente, encostou Fabíola na parede e colou o seu corpo ao dela.

A empresária afastou as pernas para que sua doce e lasciva médica pudesse explorar seu corpo. Costas firmes encostadas na parede, posicionou Erin entre suas pernas e segurou firme a bunda

dela, pressionando-a contra seu corpo. Ouviu Erin gemer ao seu ouvido, enquanto os corpos nus e colados faziam o leve e lento movimento.

— Fabíola — o nome da empresária foi proferido num gemido.

— Beije novamente a minha boca. Ela é toda sua, assim como eu — Fabíola murmurou.

Erin novamente colou sua boca à dela. Sugou-lhe a língua como se quisesse engoli-la.

— Você é divina, doutora Erin. — Com estas palavras, Fabíola, gentilmente, abraçada a Erin, levou-a para a cama. Ajudou-a deitar sobre a colcha de veludo vermelha. Apaixonada, vislumbrou o corpo da médica. Mirou aquela beldade voluptuosa em sua cama. E ela era toda sua. O corpo trêmulo já esperava pelo árduo do seu. Há muito já sentia o seu sexo pulsar, lubrificado. E tinha certeza de que a médica sentia igual. Rodeou pela parte interior da enorme cama, que parecia ter sido feita especialmente para uma memorável e inesquecível noite de amor. Num hotel de Atena, daquela maravilhosa e tão marcante cidade faria amor com Erin. Sobre a cama deu início a uma afogueada trilha de beijos, que iniciou dos pés até o ventre e parou lá. Onde, sem dúvidas, Erin já esperava ansiosa por ser tocada, beijada, preenchida, extorquida. Passou a língua pelo sexo molhado da médica, lambendo, chupando, mamando. Ouviu-a gemer, contorcer-se. E adorava os gemidos de prazer dela, porque também sentia prazer ao ouvi-los. Doce, quente e excitada, Erin estava para si. Era exatamente assim que gostava. De joelhos Fabíola se pôs a abrir os grandes lábios, e os pequenos lábios se revelaram, cheios de terminações nervosas, deliciosos. Continuou a passar a pontinha da língua pelo sexo da médica, lubrificado ainda mais, para a facilitar a penetração. Inclinando-se mais sobre a vagina da médica tocou a língua no centro de prazer dela, onde morava a soberba protuberância rosada, que estava lá só para seu prazer.

Totalmente entregue ao desejo Erin emitiu um novo gemido, gritou ofegante o nome da empresária, ao sentir a língua dela em seu sexo, ao sentir os dedos dinâmicos daquela rígida e doce mulher invadir seu corpo com demasiada pressa e precaução. Tremeu, gemeu. Segurou os cabelos da empresária e arqueou o

corpo pulsante. Num misto frenético de desejo gritou novamente o nome da empresária. Respirou com dificuldade, estava subindo e chegando ao mágico auge do prazer. Sua amada estava propositalmente fazendo isso. Sentia-se débil e, novamente, emitiu um gemido, enquanto ainda era explorada pelos dedos e língua quente em seu sexo lubrificado.

Lábios trêmulas e corpo pulsando, entreabriu mais as pernas para que Fabíola pudesse se encaixar melhor dentro delas. De olhos fechados sentiu o sexo encharcado de Fabíola roçar no seu. Gemeu outra vez. Rebolou esfregando-se com afinco no clitóris dela. Não demorou. Foi atingida por um orgasmo tão fantástico e doce jamais sentido antes em sua vida.

— Eu quero ser só sua — disse, puxando Fabíola para que ela colasse o corpo ao seu. Arranhou as costas da empresária e, ofegante emitiu um turbilhão de palavras desconexas, no entanto, arrependeu-se somente de três “eu te amo”, porém, devido ao momento único de prazer deixou o arrependimento passar.

Os olhos novamente se fitaram.

E os corpos nus reagiam um ao outro como se tivessem ligados por algum tipo de imã ou mesmo um elo invisível.

E aquele momento era doce.

E era único.

E porque era único seria inesquecível.

— Você é deliciosa. Eu gosto da sua pele. Sensível. Sem defeito. Lisa, Erin, lisa como a seda — Fabíola sussurrou e beijou o pescoço da médica, depois os ombros. — Você é um pecado. Um delicioso pecado.

Corpos suados. Respirações ofegantes. Fabíola se deixou cair por cima da médica numa sensação de relaxamento total do corpo. Ficou em cima de Erin por um bom tempo. Depois rolou para o lado. Ambas ficaram em silêncio. Não havia o que dizer.

Fabíola levantou e foi tomar banho, logo depois Erin também o fez, saiu desconfiada do banheiro.

— Já vai? — Fabíola perguntou, deitada na cama. — Você sempre faz isso quando transa com as pessoas?

Erin fechou os olhos por um momento e passou a língua pelos lábios. Fitou o corpo bonito, deitado sobre a cama somente com

uma calcinha de renda, branca. A passos extremamente lentos caminhou até a cama e deitou ao lado de Fabíola.

Fabíola beijou-lhe os cabelos.

— Eu não sei por que...eu deveria odiar você — disse e abraçou Erin fortemente.

— Deveria? E não odeia? Todas suas atitudes demonstram exatamente o contrário. O que sou para você, Fabíola? Um brinquedo? Um objeto de vingança? Por me odeia? Se eu morrer você ficará mais feliz? E se eu tiver uma doença grave? E se eu não estivesse aqui amanhã? O que você faria? Ainda me odiaria? Você vai ficar em silêncio só? Não vai me dizer nada?

— Doutora, a senhora é muito melodramática. Foi maravilhoso fazer amor com você.

— Não era isso que Erin esperava ouvir. Eu tinha muitas perguntas para fazer a ti, mas, esta noite me contentarei em seus braços. Amanhã, bem, amanhã eu não sei o que será de nós. Ou de mim. Isso já não importa mais. De alguma forma alguém sempre terá de sair perdendo. E, sim, foi maravilhoso fazer amor com você. Não importa se você me odeia ou por que odeia. Apenas não há mais o que dizer.

— Um dia você entenderá, doutora. Acredite — afastou um pouco de Erin para que pudesse olhá-la. Por que tinha de ser assim? Poderia amar e odiar a doutora ao mesmo tempo? Era torturante estar dividida entre o amor e ódio. Abraçou Erin mais uma vez. Beijou o alto da cabeça dela. — Doutora, eu acho que esta noite o silêncio deve prevalecer. Eu posso lhe dizer que os meus toques em seu corpo não houve ódio ou coisa do tipo. Nem no nosso ato de amor. O que compartilhamos esta noite foi verdadeiro e lindo.

— E no seu coração, Fabíola?

— O meu coração está inquestionável.

— E intocável, não é, Fabíola. Você já amou?

— Um dia.

— E agora não ama mais?

— Eu nada posso lhe dizer sobre isso, doutora.

— Que o tempo um dia possa quebrar, Fabíola, esse gelo que envolve o seu coração. — Segurou a cabeça de Fabíola com ambas

as mãos. — Você é linda...

Erin fechou os olhos e entreabriu os lábios convidando Fabíola a explorá-los. Foi o que a empresária fez. Explorou a boca da médica com a sua língua. Viajou pela boca dela, como se aquele céu fosse o mesmo céu, para o qual olhava instantes atrás

Mas o que acontecera naquele momento, se não era amor, era da mesma família.

Erin mirou a retina de Fabíola. Perguntava-se como não amá-la. Esticou uma das mãos e passou sobre a face lisa da empresária.

— Sorria para mim, Fabíola — pediu, branda — todos os seus sorrisos foram sarcásticos.

Fabíola fez um ar de riso mostrando a pontinha dos dentes brancos e alinhados.

— Pronto? — Perguntou suave.

— Não.

Erin jogou-se por cima de Fabíola e se pôs a fazer cócegas na barriga dela.

— Erin, por favor! Pare! — Fabíola sorria. — Pare! Eu não consigo parar de sorrir.

— Eu quero ver o seu sorriso lindo! Sorria para mim, Fabíola!

Fabíola gargalhava alto já sentido a barriga doer devido às cócegas.

Sentada sobre Fabíola, Erin a abraçou e inclinou por completo sobre o corpo dela.

A empresária também a abraçou.

— Você está me devendo uma doutora.

Erin sorriu.

— E como posso lhe pagar?

— Como quiser.

— Qualquer coisa? — Falou já mordiscando o lábio inferior da empresária.

— Sim. O que você quiser. — Encarou a médica com um olhar lascivo.

— Tem certeza? — Perguntou apimentada e moveu-se por cima de Fabíola.

Fabíola espalmou as duas mãos na bunda da médica e pressionou-a contra seu corpo. Pena que ainda estiva de calcinha.

— Isso é gostoso. — Erin sussurrou.

— Você é gostosa, Fabíola — disse atrevida — muito gostosa.

— Eu sei, doutora, mas não adianta eu ser gostosa se não tiver você para me comer. Eu já estou mais do que excitada, para me deixar gozar com você novamente, doutora.

— É? Sério? — Disse ao ouvido e Fabíola e deu-lhe uma mordidinha gostosa na orelha. Com uma das mãos alisou o sexo da empresária por cima da calcinha.

— Isso, doutora, eu sabia que você também era gostosa e iria me fazer gozar e gemer gostoso em seus braços. — Falou, rouca.

Olhos fixos no de Fabíola, Erin desceu rastejando pelo corpo dela.

A empresária ofegou, enquanto olhava para a médica.

Erin lambeu o bico do seio de Fabíola e com a pontinha da língua brincou com os montes.

Fabíola afagava os cabelos espessos da médica com uma das mãos, enquanto ela descia dando beijos por sua barriga e parando no ventre.

A médica ergueu a cabeça e fitou a empresária, que mantinha o seu olhar preso e cheio de desejo. Beijou o sexo dela por cima da calcinha. Com a língua umedecida lambeu. Em gestos lentos tirou a calcinha da empresária e jogou-a longe. Afastou um pouco as pernas de Fabíola e passou a língua pelo púbis liso. Deu beijo breve ali e desceu mais para baixo.

A empresária movimentou o quadril e Erin deixou que ela encontrasse a posição e o movimento exato para alcançar o orgasmo. Fabíola elevou o quadril e o abdome estava contraído, Erin continuou como estava, mantendo o ritmo e a pressão, chupando-a. A empresária foi inundada por ondas de prazer que se espalharam de seu sexo para o resto do corpo, fazendo-a tremer incontrolavelmente até colocar para fora seu “mel” misturado a um gemido alto de prazer.

Erin subiu e observou a expressão de êxtase no rosto de sua amada, quando ela parou de tremer. Coração acelerado, Fabíola disse:

— Você me mata. — Abraçou Erin.

Depois de muito tempo Erin viu que Fabíola adormeceu. Não conseguira pregar o olho. Sentia um peso na consciência. Pensar que estava gostando de Fabíola Buckholz, era perigoso e sabia disso. Era seu coração que estava em jogo. Levantou, cobriu Fabíola com um lençol fino e olhou para ela bem de pertinho.

— Eu te amo, Fabíola! Eu te amo — sussurrou e deixou Fabíola sozinha, na cama.

Amava Fabíola demais.

Chegou no quarto e viu que seu anjinho dormia.

Deitou a cabeça no travesseiro e suspirou fechando os olhos.

Capítulo 18

A segunda e última reunião de negócios acabou já passava das dezoito e seis da tarde.

Horário oficial da Grécia.

Fabíola se despediu do banqueiro e de seus secretários.

Haviam fechando um grande negócio.

Fabíola observou que enquanto subia por uma das longas escadarias Andreas estava subindo junto, pela outra.

Estranhou.

Andreas não estava hospedado ali no Hotel. Pelo que sabia ele tinha um apartamento e muito luxuoso ali em Atena. Quando chegaram ao piso superior Fabíola andou e passou pela porta do quarto de Erin, olhou de relance para trás e viu que Andreas havia parado lá, bem à frente. Com o cenho franzido voltou e foi até Andreas.

— Algo errado, Andreas?

— Oh, não, Fabiola. — Eu convidei a sua amiga para jantar.

— Amiga?!

— Sim.

— Como assim, amiga?

— A Erin me disse que vocês não namoravam, ela disse que era apenas sua empregada e sua amiga, também.

— Ela disse isso?!

— Disse.

— Só um momento, Andreas.

***

Melissa corria pelo quarto inteiro, com um vestido vermelho e rodado. O solado da mini sapatilha dourada balburdiava no chão brilhante do quarto de hotel.

— Mel, por favor, acalme os ânimos, minha menina — pediu gentilmente, enquanto sentada na cama colocava um salto vermelho.

— Mãe!

Erin olhou para filha e a viu toda descabelada. Tinha retirado da massa ruiva todos só lacinhos que Erin com muito cuidado havia colocado.

— Mel, você já tirou os lacinhos da cabeça? — falou, amável. Melissa parou de correr. Olhava para a mãe, inocente. Erin foi até a filha e arrumou novamente todos os lacinhos.

— Mel, por favor, meu anjo. Não tire mais os lacinhos.

— Não. Não.

Melissa balançava a cabeça em negativa.

— Não.

Erin beijou a testa da filha.

Levantou e se olhou no espelho. Passou uma das mãos pelo vestido liso, de cor azul e passou uma maquiagem leve. Escovou os cabelos e ouviu a porta sendo aberta.

Era Fabíola!

E ela parecia com raiva.

A empresária entrou e travou a porta.

— Aonde vai? — a indagação saiu hostil.

Erin fez que não ouviu.

— Eu perguntei aonde você vai — avançou para Erin e segurou-lhe o braço.

— Não interessa a você! E larga o meu braço! Agora!

— Você vai sair com o Andreas?!

— Por quê?! — Altivou o queixo e enfrentou a rigidez de Fabíola. — Está com ciúmes de mim, poderosa?!

— Responda a minha pergunta imperou.

— Você vai me machucar novamente, Fabíola? É isso?

Fabíola não lhe deu ouvidos.

— Você não vai sair com o Andreas.

— Você não manda em mim.

— Eu não quero você com o Andreas.

— E quem é você, para querer alguma coisa ou não? Acha que manda em mim, prócer?

— Não brinque comigo, Erin. Não brinque comigo. Você não sabe do que sou capaz.

— É ciúmes que você está sentido?

Erin falou na esperança de que ela confirmasse, mas Fabíola não reagiu, embora sua face e os seus olhos estivessem inflamados de raiva.

— Você pode ir. Eu não estou com ciúmes de você. Cuidado não servir de prostituta para o Andreas — segurou o maxilar de Erin. — Transe com ele, bem gostoso, doutora. Bem gostoso! Igual fez comigo ontem — e deixou o quarto.

Erin ficou paralisada por um bom tempo. Lágrimas escorreram pela face da médica. O mundo pareceu parar ao seu redor. Soluçando, correu para o banheiro e lavou o rosto, tentando se recompor. A maquiagem tão bonita borrara por completo. Uma lágrima negra, devido à tinta do lápis, manchava seu rosto. Recostou-se na porta e deixou-se deslizar por ela até o chão. Gostaria que aquele chão fosse uma areia movediça. Assim afundaria até o fim. O corpo todo submergido, num abençoado abismo

— Mãe?

A voz infantil de Melissa a trouxe de volta à realidade.

Levantou-se. Lavou o rosto mais uma vez e abriu a porta.

Segurou a filha nos braços e se olhou no espelho antes de ir encontrar Andreas.

***

Do alto, recostada na janela, Fabíola observava a médica e o banqueiro deixarem o hotel.

A raiva incontida que sentia lhe tomava até a última célula do corpo.

Maldita!

Infeliz.

Praguejou em silêncio.

Ouviu quando o celular tocou e deslocou-se da janela para ir atende-lo.

Esticou a mão e pegou o celular sobre a cama.

Era o senador.

— O que é ?! — Gritou.

O senador foi obrigado a afastar o celular do ouvido, por senti-lo doer devido ao grito.

— Fabíola! O que é isso, filha?!

— Nada, papai. O que quer? Diga logo de uma vez antes que eu desligue.

— Só liguei para avisá-la sobre o falecimento de seu tio Rui.

— Lamentável.

— Sabe, filha, eu acho que foi melhor assim. Ele estava sofrendo muito.

— Quando será o enterro?

— Amanhã.

— Está bem. Com certeza não chegarei ao Brasil com hora de ir ao enterro.

— Tudo bem, filha. Tenha uma boa noite.

— Igualmente, papai.

Fabíola desligou o celular e jogou-o sobre a cama.

Não parava de pensar na maldita médica.

Estaria apaixonada por aquela infeliz?

Estaria apaixonada por sua maior rival?

Por sua arqui-inimiga?

***

Erin fitou o rosto bonito e jovial do banqueiro.

Andreas embora já fosse dono de grande fortuna tinha apenas vinte e três anos.

Erin percebeu naquele pouco tempo que passara com Andreas que ele era um homem sensato e realmente era um mulherengo de primeira mão.

— Foi um prazer, Erin, passar estas breves horas, que por sinal passaram voando, com você — sorriu, sedutor.

— O prazer foi todo meu.

— Você é uma grande mulher. Queria eu ser o sortudo e poder tê-la. Desta vez eu casaria. — Erin ruborizou.

Melissa dormia com a cabeça recostada no ombro da mãe.

— Obrigada, Andreas.

Infelizmente, quem eu amo não me ama, pensou angustiada.

— Eu tenho de confessar, Erin. Há muito eu já desisti do amor, mas eu poderia voltar a apostar nele, se fosse por você — sorriu.

— Você um dia encontrará, não quem sempre procurou, mas quem sempre esperou por você.

Com estas palavras Erin se despediu do banqueiro e foi diretamente para o quarto, chegado lá viu que Fabíola estava sentada em sua cama, somente com um short jeans curto e uma blusa de alça vermelha. Erin não olhou para ela. Caminhou até a cama de solteiro, que ficava de lado oposto à cama de casal e pôs Melissa na cama. Feito isso tratou de ficar bem longe de Fabíola. Recostou-se numa parede do outro lado do quarto e cruzou os braços. Fabíola ficou a observar a médica, esbelta dentro daquele vestido azul e as pernas alvas destacando-se no salto vermelho.

— A transa da noite foi boa? — Perguntou sarcástica.

— Eu prefiro que você saia daqui! — Apontou para a porta.

— Não sem antes você me dizer como foi sua noite com o Andreas. Serviu de prostituta para ele?

— Você quer me respeitar, sua imunda!

— Respeitar alguém que sai por aí transando com todos é difícil.

— Difícil é ter de conviver com alguém como você — disse já com uma raiva imensa, devido às palavras humilhantes. Estava a ponto de chorar outra vez. Mas teria de segurar suas lágrimas. Não ia deixa-las cair na frente de Fabíola.

— Prefiro ser arrogante do que ser uma qualquer — escarneceu.

Erin tirou os saltos e sentiu o coração bater forte. Queria ter tanto conter suas lágrimas, mas não conseguia. Soluçou de novo. As lágrimas lhe inundaram os olhos. Já estava se sentido tão agoniada. Moveu a cabeça de um lado a outro, na parede, ofegante

— Por que chorar?

Fabíola caminhou até Erin, quando viu que ela chorava e respirava com dificuldade.

— Sai daqui, Fabíola.

— Não até me dizer por que está chorando.

— Por quê tu me deixa assim, Fabíola — balbuciou e deixou-se cair de joelhos, no chão.

— Erin por favor, pare com isso — ajoelhou-se.

— Eu não aguento mais. Eu não aguento mais, Fabíola — chorava igual uma criança.

— Bom. Você pode parar de chorar. Humm...abraçou Erin. Eu sei que você não foi dormir com o Andreas. Isso te acalma? Humm — beijou a cabeça de Erin e abraçou-a.

Erin ergueu a cabeça para olhá-la.

— Por que você faz isso comigo, Fabíola?

Fabíola tirou a vista.

Levantou e, gentílica, puxou Erin pela mão.

— Venha.

Acomodou-se na cama e colocou Erin entre suas pernas.

Beijou a cabeça da médica.

Erin segurou a mão de Fabíola e beijou-a.

— Pronto, Parou de chorar agora? — Falou baixinho.

Erin percebeu que ainda que a voz fosse baixa Fabíola parecia ter medo de ser afetiva.

— Você não respondeu a minha pergunta — Erin disse.

Fabíola abraçou Erin fortemente.

— Eu fiquei com raiva porque você saiu com o Andreas e levou a Melissa.

Que conversa absurda!

Erin pensou.

— Ah, ficou com raiva porque eu levei a Mel? Você mente tão bem, Fabíola — voltou-se para Fabíola e beijou-a.

Erin segurou o rosto de Fabíola com ambas as mãos. Fitou-lhe os olhos. Profundamente.

— Fabíola...Eu...

Fabíola sentiu o coração disparar.

Não queria ouvir Erin dizer aquelas três palavra.

Não queria!

Tinha de evitar ouvir aquilo!

—Eu já vou indo, doutora. —Tirou Erin de cima de si. — Tenha uma boa noite, doutora. Apesar de todas as coisas que mantêm nossos mundos separados, tu não deixas de ser quem tu és: doce e

incrível. És uma mulher sensacional. — Deu um beijo na testa dela e começou a se afastar sombria.

Erin saltou da cama e abraçou-a por trás.

Beijou-lhe as costas.

— Fique aqui comigo, Fabíola. Não se vá. Por favor.

— Erin, é melhor você me deixar ir. Algum dia terei de partir, você terá de partir. Isso será tão difícil. Apenas me deixe ir. Não quero acreditar que esteja gostando de mim.

Sim, pior era que estava não gostando, mas amando.

— Por favor, fique aqui comigo.

— Só se você ficar em silêncio — voltou-se para Erin.

— E...eu ficarei em silêncio.

Ambas caminharam para a cama. Erin deitou e Fabíola deitou atrás dela, de conchinha.

— Amanhã voltaremos ao Brasil. — Fabíola disse.

A médica ficou em silêncio. Sentiu que o coração de Fabíola estava batendo muito forte.

Fabíola por quê o seu coração está batendo tão forte?

— Você disse que ia ficar em silêncio. — Colocou uma mão por baixo do vestido de Erin e tocou o sexo dela.

Erin sorriu.

— Assim não vai dar, para ficar em silêncio, mas sim gemendo. — Segurou a mão da empresária e ajudou-a massagear suas partes íntimas. — Fabíola o que você faria se eu me casasse?

— Casar com quem?

Fabíola estranhou aquela conversa.

— Com o Leonel. Ele é o meu namorado.

— Você não o ama.

— Como sabe?

Fabíola ficou silente.

— Você não parece amá-lo.

— É? E o que você entende sobre o amor?

— Nada...

Horas e horas, depois Fabíola ficou a observar a médica dormindo. Beijou a face dela e disse:

— Não sei se eu não consigo perdoar a mim ou a ti por ter ousado entrar em minha vida. Algum dia eu espero que você saia de

meu caminho, doutora. Eu quero deixar de seguir reto e apenas cruzar a curva, sumido de tua vista. Tem sido difícil, ser quem me tornei. Tem sido muito difícil.

Capítulo 19

24 de dezembro

O natal enfim havia chegado!

Alguns ficavam alegres outros tristes.

Embora o natal fosse uma época das mais esperadas do ano e, por consequência, uma das mais comemoradas, existia aqueles que oravam para que essa época nunca chegasse, talvez pelo fato de terem perdido alguém que amava.

Na mansão de Fabíola, o motorista e a faxineira já haviam ido embora para passar o natal com suas famílias.

Na Buckholz Corporação todos estavam de férias coletiva até janeiro.

Fabíola estava sentada à beira da piscina, lendo o livro: "Como não se machucar."

O livro abordava assuntos de autoajuda, para pessoas que tinham sofrido dores muito fortes no passado. Os personagens do livro haviam sofrido abusos sexuais, outros tinham perdido os pais em acidentes, outros tinham câncer. Então todos os personagens se reuniam para trocar experiências de como lidavam com isso no dia a dia.

Melissa brincava na grama, em sua casinha de bonecas.

Denise se aproximou com uma pequena mala de mão.

— Senhorita Fabíola? — Chamou.

— Pois não, Denise? — Fabíola voltou-se para a mulher.

— Seu pai ligou

— O que disse ele?

— Queria falar pessoalmente com você. Pediu para que eu a avisasse.

— Depois eu retorno. Não entendo o que papai quer comigo.

Denise assentiu.

—Bem, eu já vou, Fabíola avisou — e caminhou até Melissa. Deu um beijo na menina. Feliz Natal.

Fabíola não respondeu.

Denise se foi e encontrou com Erin na sala de estar.

— Senhorita Erin! — Falou e abraçou Erin.

— Olá, Denise — sorriu. — Está indo para casa já?

— Oh, sim, senhorita. Passar o natal em família é sempre bom.

— Realmente, Denise — Erin concordou. —A Mel, onde está?

— Na área de lazer, com a senhorita Fabíola.

Erin fez uma careta.

— Pensei que a senhorita não viria trabalhar hoje.

— Erin deu um sorriso.

— E não vim, Denise.

— Não?

— Vou ver se consigo levar a Mel para passar o natal comigo.

Denise fez cara de quem imaginava que Fabíola jamais iria consentir tal coisa.

— Vai falar com a senhorita Fabíola?

— Sim.

— Boa sorte, então, senhorita.

— Obrigada, Denise. — Erin agradeceu e abraçou a mulher.

A passos lentos Erin caminhou até a área de lazer. A primeira coisa que viu foi Fabíola deitada, lendo um livro, numa cadeira ao redor da piscina. Melissa brincava na casinha de bonecas, de cor rosa.

Fabíola viu que Erin vinha chegando.

Fechou o livro bruscamente.

— O que faz aqui?

— Eu preciso falar com você.

— Sobre?

— Sobre levar a Mel para passar o natal comigo — disse sem rodeios.

Fabíola deu uma risada impiedosa.

— Só se for em seus sonhos.

— Por favor, Fabíola, eu prometo que amanhã à tarde eu trago a menina de volta. Você tem que entender que ela é a minha filha e não sua.

Fabíola se irritou com a médica.

— E você tem que entender, que ela está sob minha tutela.

— Fabíola, por favor, deixe-me passar pelo menos o natal com a minha filha.

Fabíola respirou fundo.

— Leve a menina e saia já daqui! Eu quero Melissa aqui amanhã de 08:00 h em ponto. Sem nem passar um minuto. 08:00 h em ponto — repetiu.

Erin sorriu.

— Obrigada, Fabíola.

— Não me agradeça.

Erin foi até Melissa e pegou a menina nos braços.

Melissa abraçou a mãe com força.

Erin logo deixou a mansão de Fabíola. Ela ia passar o natal sozinha. Sentiu remorso por ver que Fabíola estava solitária. Não deveria sentir um pingo de remorso, mas sentia. Infelizmente.

***

— Alô.

— Pois não, papai? — Fabíola disse, segurando firme o telefone numa das mãos.

— Não deseja nem feliz natal ao seu pai — cobrou o senador.

— Para o senhor, feliz natal, não é? O que quer papai?

—Você irá comparecer ao jantar de hoje à noite aqui em casa? — Quis saber o senador.

Houve-se silêncio.

— Filha? Está aí?

— Sim papai, estou.

— Você virá ao jantar em família?

— Não vou.

—Mas por que, Fabíola? Seus tios e seus avós maternos também estarão aqui esta noite. Só falta você.

Fabíola ficou impaciente com a insistência de seu pai.

— Não existe um porquê, papai. Eu não vou e pronto.

O senador silenciou.

Depois disse:

— Sua família inteira vai ficar frustrada.

Fabíola revirou os olhos.

No momento, preferia estar só.

— Não tem importância. Eu não vou.

— Você vai passar o natal sozinha, filha?

— Sim, vou.

— Difícil de acreditar. Você está por demais, antissocial — repreendeu. — Mas tudo bem, filha. Se assim deseja. Assim será. É sempre tudo à sua maneira, não?

— Tchau, papai

— Tchau. Tenha um feliz natal. — Desejou o senador, já sabendo que isso era impossível. Passar o natal sozinha, sua única filha tinha preferido. Inadmissível. — E lembre-se de que se quiser vir estaremos todos à sua espera

— Ok. Mas eu não vou.

— Lamentável. A que ponto você chegou. Esqueça o passado, Fabíola. Esqueça-o! Ele vai acabar destruindo o seu glorioso futuro.

— O passado não se esquece papai. Saiba.

Desligou o telefone e viu-se sozinha naquela grandiosa mansão. Tomou um banho, vestiu uma calcinha modelo cuequinha, de cor amarela e colocou um camisete branco. Pegou um litro de vinho e foi se acomodar na sala.

Estava só e somente só.

***

Erin deu banho em Melissa e colocou um minúsculo traje de mamãe noel na menina. Depois tomou banho e colocou um vestido de mangas curtas e muito colado ao corpo, vermelho.

— Mãe! — Melissa chamou, segurando o presente de amigo secreto nas mãos.

— Oi, bebê. Venha para a mamãe.

Melissa veio e Erin pegou-a nos braços.

Deixou o apartamento e dirigiu-se diretamente para a casa de Marcelle.

Já estava com meia hora de atraso.

Estacionou o carro à frente da casa de Marcelle

Quando adentrou viu que todos já a esperavam.

Leonel veio em sua direção e deu-lhe um selinho.

— Boa noite, meu amor — disse o médico.

Erin forçou um sorriso.

— Boa noite — disse ela, singelamente.

O médico abraçou-a.

Melissa com ciúmes da mãe logo afastou o braço do médico.

Erin sorriu.

— O que há, Melissa? — Leonel segurou a mão da menina.

— Ela deve ter estranhado você — sugeriu, Erin.

— Sei. — Ele deu um beijo na cabeça de Melissa.

Marcelle estava vindo na direção de Erin e Leonel.

— Que bom, flor, que você chegou — Marcelle cumprimentou Erin e depois beijou a face de Melissa.

— Sim, Marcelle, desculpe o atraso.

—Que nada, Erin. Nem esquente com isso. Vamos começar o amigo secreto? — Convidou sorridente.

— Sim, claro.

—Erin, amiga, você está lindíssima! — gritou Juliana.

Erin sacudiu a cabeça dando um sorriso.

— Concordo! — falou Kátia.

— Obrigada, Meninas.

Enquanto uma música tocava baixo, os presentes estavam sendo trocados.

Os convidados sorriam.

Erin só conseguia pensar em uma pessoa. Numa única pessoa. Numa pessoa que não merecia seus pensamentos, mas ali estava ela, pensando em Fabíola Buckholz. Sentia necessidade de vê-la. Olhou a hora no relógio. Este marcava 21:03 da noite. Erin se despediu de todos, embora muitos houvessem ficado extremamente desapontados pela breve estadia dela na confraternização, principalmente Leonel, que tivera de mentir para ele e dizer que Melissa não estava se sentido bem. Dirigiu diretamente para a mansão de Fabíola Quando deixou o carro na garagem pôde ver que Fabíola estava sentada sozinha, no sofá, com uma taça de vinho na mão.

Fabíola teve um sobressalto ao ver Erin parada alí, na sua sala, segurada na mão de Melissa.

— O que quer? — Fabíola perguntou.

— A Mel veio trazer um presente para você.

Fabíola fechou os olhos por um instante e quando abriu viu que Melissa lhe entregava uma fina embalagem vermelha.

— Obrigada, Melissa.

Melissa correu para os braços da mãe.

Fabíola observou enquanto Erin se afastava levando a menina para o piso superior. Aproveitou e abriu o presente. Era uma linda caneta de ouro, com o seu nome escrito.

Depois de muito tempo, Melissa dormiu. Erin deixou o quarto da filha e desceu para a sala. Fitou Fabíola sentada de modo altivo no sofá. As pernas estavam ligeiramente cruzadas uma na outra. A taça com vinho era segurada firmemente, na mão esquerda. Ela não era destra. Erin encarou o corpo de Fabíola e sentiu um desejo aflorar.

Fabíola olhou para a médica e pôde ver o quão linda ela estava, com aquele vestido vermelho e aquele salto bordô, destacando-se nas pernas alvas e torneadas. Sentiu uma vontade repentina de tirar aquele batom dos lábios dela.

Um desejo avassalador fluía no ar, enquanto a empresária e a médica se auto olhavam.

Havia uma cede grandiosa de desejo, no entanto, ninguém queria se entregar.

Erin gostaria muito que Fabíola fosse até ela; Fabíola esperava o mesmo, mas ninguém fazia nada, ninguém falava nada a não ser através do silêncio do olhar.

Quem se renderia?

Num jogo sensual como aquele não poderia haver dois vencedores.

Erin desceu dos saltos e, lentamente, caminhou até Fabíola. Já não suportava mais olhá-la sem tocá-la. Ficou de pé, de frente para Fabíola. Segurou-lhe o rosto com as ambas as mãos e beijou-lhe a boca. Fabíola passou as mãos pelas pernas de Erin e levantou-lhe o vestido até a cintura. Beijou cada uma das coxas Erin sentou sobre as pernas de Fabíola e se pôs a desabotoar de modo delicado e lento cada minúsculo botão, quando terminou de fazê-lo passou os dedos por cada mamilo, fazendo círculos na região completamente enrijecida.

Tocou a boca de Fabíola com um dedo tocou o contorno daquela boca como se tivesse saído de sua própria mão, num desenho alinhado, ordenado. Entreabriu a boca e como se fosse a primeira vez encostou lentamente os lábios nos de Fabíola, beijou-a por um acaso que não procurava compreender.

Quando as bocas se afastaram os olhares se encontraram. As respirações tornaram-se indistintas, as bocas se encontraram, onde um ar suave fluía livre, como um perfume antigo pairando em meio a um pacífico silêncio. O beijo era doce. Era lento. Era apaixonante. Ora avassalador, ora brando. Ora a oposição sugava a língua da adversária, ora vice versa. E a adversária naquele momento era tanto a empresária quanto a médica.

As mãos de Erin se afogaram nos cabelos de Fabíola, enquanto o beijo ainda continuava. E as bocas suavemente morderam-se, mas a dor era doce. Já existia uma só saliva. Erin sentiu Fabíola tremular contra ela

Fabíola beijou o pescoço de Erin. Lambeu, depois voltou a beijar-lhe a boca como se o beijo fosse a única coisa que quisesse fazer na vida.

Beijou os seios por cima do vestido.

Quando Fabíola abriu o zíper costal, do vestido, e passou as pontas dos dedos pelas costas da médica, esta arqueou o corpo numa súplica desesperada de ser possuída por aquela mulher quente, delirante e apaixonante. Sim, porque Erin sabia que estava completamente apaixonada pela empresária. Mesmo que toda a sua sanidade dissesse NÃO, seu coração dizia sim. Seus sentidos diziam SIM.

A boca de Erin novamente encontrou a de Fabíola num beijo voraz.

Porém, o beijo foi interrompido pelo choro de Melissa.

— Fabíola, eu preciso ir — disse num gemido. Respiração acelerada, em resposta ao desejo que sentia.

— É melhor você ir logo e deixar de gemer em cima de mim ou você não sairá mais daqui. — Falou num tom baixíssimo. Pois também sentia o corpo reforçado de desejo.

Erin segurou firme a cabeça de Fabíola, ainda sentada no colo dela e beijou-lhe a boca. Quando afastou a boca, Fabíola disse:

— Eu não vou responder por mim, Erin, vá cuidar da menina ou ela vai começar a chorar ainda mais alto.
Erin abraçou Fabíola fortemente e sussurrou em seu ouvido:
— Você vai me esperar, por favor?

Fabíola ficou silente por uns instantes.

— Tudo bem. Eu só quero que você saiba que...Eu desejo você, Fabíola. Muito. Eu só quero que você saiba disso. Eu não me canso de abraça-la. De tocá-la. De senti-la. Você é linda.

Frustrada e dura de desejo Erin saiu de cima das pernas de Fabíola, abaixou o vestido branco e foi até Melissa, andando dura. Corpo latejando.

Fabíola encheu uma taça de vinho e tomou-a. Numa tentativa de acalmar sua ânsia por ter a médica colada em si.

Quando Erin ajeitou Melissa e voltou para a sala viu que Fabíola não estava mais lá. Ficou decepcionada. Por que droga ela tinha de ser tão rígida? Até nos momentos de sexo! Sacudiu a cabeça e quando ia passado pela living, para ir de volta ao quarto de Melissa, sentiu seu corpo sendo abraçado por trás e jogado na parede levemente.

— Vai a algum lugar? Fabíola perguntou.

Erin percebeu que ela estava só de calcinha. Sentiu o coração bater forte e o desejo fluir.

— Você sempre tem que aparecer como uma sombra?

A resposta de Fabíola foi um beijo colado na boca de Erin.

Abraçadas e beijando-se, andaram até o elevador

Fabíola interrompeu o beijo.

— Você tem certeza de que quer transar comigo outra vez?

Erin achou engraçado. Ela parecia indecisa.

— Tenho. Eu quero que você me dê prazer. Porque eu também quero dar prazer a você — disse entrando para o quarto de Fabíola.

***

Em pleno natal Donatela andava por uma rua esdrúxula.

Estava indo ao encontro de três homens, com a maldade na mente e no coração.

Havia conversado seriamente com Leonel para que ele deixasse Erin, mas ele ainda continuava com aquela ideia absurda

de dizer que a amava. E mesmo quando disse a ele que Erin não o amava, o imbecil ainda assim não lhe dera ouvidos.

Infeliz! Praguejou.

Quando chegou a um bar que ficava nos limites da cidade, um bar pouco frequentado, vislumbrou três homens altos e vestidos de preto. Mas teria de fechar negócio era com os tenebrosos mesmo, pensou maquiavélica. Emitiu uma risada diabólica.

Era como dizia o autor desconhecido, de um provérbio português: No amor e na guerra, valia tudo!

Capítulo 20

Erin pensava na audiência, não faltava nem um mês.

— Preparada para audiência? — Marcelle indagou animada.

— Sim — a resposta de Erin não foi muito animadora.

— Dessa vez, minha amiga, você terá a guarda da nossa querida Mel.

— É assim que espero, Má.

— Assim será, flor. Tenha fé.

— Eu tenho. Não vejo a hora de poder está com a minha filha em casa. Sempre. Sempre.

— Eu acredito que você estará.

— Aparentemente, o doutor Gasparini é um ótimo profissional.

— Não só aparentemente, ele é um ótimo profissional. Conheço bem o trabalho dele.

— Que assim seja, então.

Marcelle olhou para Erin, que estava cheia de presentes em mãos.

— Espero que goste do meu presente.

Erin sorriu.

— Presentes são presentes, não é, Má?

Marcelle sacolejou a cabeça.

— Se tu dizes.

— Digo e confirmo.

— OK. Vou acreditar.

— Bem, Má. Eu já vou indo. Estou com a cabeça cheia.

— Também, minha amiga. Vou ser bem sincera com você. Se eu tivesse alguém como Fabíola em minha vida, minha cabeça já teria enchido e explodido — sorriu.

Erin olhou para um lugar qualquer, ao longe. Ficou constrangida, por ter falado a Marcelle, sobre a noite que passara

com Fabíola em Veneza. Mas se não tivesse dito a alguém teria sufocado. Desafogar era necessário. Já que a vida as vezes dava cargas pesadas demais, para carregar.

— Eu a amo, Marcelle.

Marcelle descansou uma das mãos no ombro de Erin.

— Você está muito romântica.

— Ah, Má. Todo mundo quando está amando fica meio romântico e meio bobo.

— Romântico sim, bobo não. Acho que por isso estou sozinha ainda hoje. Nem sou romântica nem boba.

— Um dia não estará mais sozinha, Má. Ninguém quer viver sozinho, mesmo que ame a liberdade.

— Eu sei.

— Eu nunca poderei viver com a Fabíola. Por mais que eu queira.

Erin emitiu um suspiro triste.

Seu olhar também estava triste.

Marcelle percebeu a tristeza que assolava a amiga, mas não havia nada que pudesse fazer para amenizar a dor de amor dela.

— Olha, Erin. Pra ti eu desejo sorte. Muita sorte.

— Eu realmente necessito de sorte e de amor também, né?

— Todos nós precisamos de amor.

— Sim, precisamos. Eu já vou indo, Má. — Despediu-se com um abraço.

Depois de ter passado praticamente o domingo inteiro na casa das amigas, Erin foi para casa umas 16:30 h, iria trabalhar às 20:00 h. Assim que chegou em casa tomou banho e deitou-se no sofá, para descansar um pouco. Hoje era o dia de seu aniversário. Lamentavelmente, Melissa não estava ali junto. Isso não era muito animador, embora estivesse vendo a menina quase todos os dias, ainda assim não era a mesma coisa, que se Melissa estivesse morando consigo.

E Leonel? Fazia tempo que andava evitando. Ele já havia perguntado o porquê, centenas de vezes, mas o fato era que não tivera coragem de responder com forma alguma. Mas a triste resposta era que estava gostando de alguém que não deveria gostar. Próximo sábado seria o aniversário de Leonel e depois do

aniversário acabaria o namoro com ele de uma vez por todas. Não adiantava estar com alguém sem gostar. Já vivera durante muito tempo com um imbecil e mesmo não tendo qualquer esperança de ter uma vida de companheirismo com Fabíola encontraria outra pessoa, alguém que gostasse de estar com ela, de preferência, uma mulher. Estava perto. Mais perto do que nunca, de conseguir novamente a guarda de Melissa. A audiência já estava marcada para dali duas semanas. O advogado fizera questão de deixa-la a par de tudo. Cada minucioso detalhe sobre o processo de guarda. E ele ainda deixara claro que ao que tudo indicava, desta vez, daria certo.

Isso era uma bênção.

Fabíola nunca mais iria lhe atormentar o juízo com sua arrogância, seu falar e olhar prepotente. Estava chegando o dia. E quando ele enfim chegasse tudo voltaria a ser como antes, menos os seus sentimentos pela calculista empresária. Gostaria muito de saber o que aconteceu com Fabíola, para que ela lhe fizesse o que fizera. Muito mesmo, mas ela não falaria e se ela não falaria não teria como saber. Perguntara a ela, mas não houve resposta, a única coisa que ouvira daquela boca foi "eu não odeio você, nem a Melissa." Os sentimentos devem ter mudado, apesar de duvidar muito disso. E se agora ela não mais odiava, um dia odiou, com certeza. O pior era que nada sabia do passado de Fabíola Buckholz, tampouco estava interessada em saber, ainda mais agora que gostava dela. Ter de admitir isso para si era terrível. Procurara tantas vezes algo sobre o passado da empresária, mas nada encontrara.

Relembrava-se da última vez em que estiveram juntas. Amou cada momento com Fabíola. Era tão bom senti-la. Quente. Voz baixa. Os sussurros e gemidos de prazer em seu ouvido. Fabíola era uma verdadeira amante na cama. Sabia dar prazer a uma mulher como ninguém jamais poderia fazê-lo.

Só de pensar já sentia vontade de abraça-la.

***

Fabíola pensou dez mil vezes antes de tomar um banho, vestir-se, pegar Melissa e sair de casa. Pegou o trajeto diretamente do Jurerê para o centro. Parou o carro de frente a um estacionamento

do residencial onde Erin morava. Segurou Melissa nos braços e direcionou-se para o apartamento da doutora. Tocou a campainha três vezes e ninguém veio atender. Pensou que ou Erin havia saído ou estava simplesmente dormido. Tocou novamente. Nem mesmo sabia o que estava fazendo ali. Por que fora ali.

A porta foi aberta.

Fabíola olhou fixamente para Erin. Ela vestia um short roxo e uma camiseta branca. Os cabelos estavam amarrados e ela estava descalça.

Erin sentiu uma leve frieza do coração.

Fabíola!

— O que faz aqui? — Perguntou sem coragem de olhar para a empresária. Coração já estava aos saltos.

— A Melissa veio lhe trazer um presente.

Fabíola entregou uma embalagem dourada para Erin. Quando Erin abriu viu que era um colar com pingente de coração com lugar para três fotos, mas havia apenas duas fotos, uma de Erin e uma de Melissa, o outro lugar estava vago.

— Obrigada. — Erin esticou os braços e segurou Melissa.

A menina sorria.

Erin caminhou até o sofá.

Fabíola entrou e fechou a porta.

— Você vai deixá-la comigo? — Erin perguntou olhando para Fabíola, naquele momento.

— Não. — Respondeu de queixo altivo.

Erin sabia que trabalharia. Não tinha mesmo como Melissa ficar sozinha no apartamento.

— Você quer tomar alguma coisa? — Erin perguntou levantando-se. Deixou Melissa no sofá e foi até a cozinha.

Fabíola foi atrás.

— Bem, eu gostaria de tomar você — disse abraçado Erin por trás, enquanto esta enchia uma taça com vinho.

Erin ficou paralisada, sentido a respiração morna de Fabíola, próxima ao seu ouvido.

— Fabíola...Eu não sei o que dizer — voltou-se para a empresária. Já sentia vontade de beijá-la. De abraça-la tão forte. O

cheiro de Fabíola. Aquele cheiro gostoso. Suave. Inebriante. Sua vontade era possuí-la.

— O que há para dizer?

— A questão é exatamente essa. Alguém tem de dizer alguma coisa. Eu não sei o que temos. — Sacudiu a cabeça. — É um caso? Você não me diz por que fez isso comigo...Olha...eu...

Fabíola deu-lhe um beijo de leve nos lábios.

— Eu não sei. Você quer um caso? — Perguntou.

Não era um caso que queria. Não mesmo. Estava longe de querer algo assim. Mas não poderia dizer isso a Fabíola.

— Não sei se eu e você daríamos certo num caso.

— Por que, não?

Erin ficou cabisbaixa.

— Porque você só quer sexo e eu quero amor.

Fabíola analisou atentamente, a médica. O que ela queria que dissesse? Um namoro? É lógico que não poderiam assumir um namoro. Uma união estável estava completamente fora de cogitação, casamento menos ainda. Era um caso.

— É um caso.

— Só nós encontramos para transar. É isso? — inquiriu com um levantar de sobrancelha decepcionante. — Tantas coisas em silêncio sobre você, que eu não sei. Então você precisa me falar sobre o seu passado.

Fabíola ficou em silêncio.

— Erin não conseguia ficar somente olhando. — Enlaçou o pescoço dela com os braços e beijou-lhe a boca. Quando afastou lambeu os próprios lábios e mordiscou-os.

— Fabíola, por que você sempre está de saltos? Eu sempre tenho que ficar na pontinha dos pés para te beijar. — Fabíola olhou bem para Erin. Alisou o cabelo dela.

— Eu sou uma executiva e todo executivo sempre deve estar bem-vestido. Elegante. Não importa lugar.

— Tudo bem, executiva. E uma médica sempre está de sapatinho baixo. Nunca estarei à sua altura.

Fabíola abraçou Erin forte e sentiu um beijo em seu pescoço.

— Bem, eu gosto. Assim posso acolhê-la melhor em meus braços. — Fabíola, não era para eu estar abraçando você.

— Por quê? — Fabíola indagou com voz grave.

— Por que...você...Não gosta de mim — deu de ombros.

Fabíola pressionou Erin ainda mais forte contra seu corpo.

— É...Com este abraço você está dizendo que...Gosta de mim, Fabíola? — Erin indagou, singela. — Dizem por aí que gostar é pecado.

— Fabíola, que história é essa? Por que você não para com isso?

— Você gosta de mim, doutora?

— Eu não. Nem um pouco.

Fabíola fez um ar de riso.

— Certo.

— Você é tão sem graça.

— Quando eu passo pela rua não é isso que vejo no olhar tanto dos homens, quanto das mulheres

Erin ficou com ciúmes.

— Quem é que vai olhar para você? Ninguém. Se fosse eu não olharia. Passaria por você direto.

Fabíola jogou a cabeça para trás e sorriu. Não é isso que vejo em seu olhar.

Erin sabia que seu olhar a desnudava.

— O seu batom vermelho está completamente borrado. — Mudou de assunto.

— Se quiser você pode acabar de borra-lo eu deixo.

Erin ergueu a cabeça.

— Nós não podemos transar. Você só pensa nisso. É uma pena. Infelizmente. Fale alguma coisa, Fabíola. Você sempre fica em silêncio.

Fabíola ergueu o sobrolho.

— Você quer mandar em mim, doutora? Eu só deixo você mandar em mim em um único lugar. O seu cheiro ficou em meu travesseiro — disse ao ouvido de Erin.

— É bom. Um dia quando eu não estiver mais abraçando você assim forte sentirá minha falta. Tenho certeza. Olhe bem no fundo dos meus olhos, hoje, porque amanhã você poderá não ter mais a chance. Eu vou trabalhar.

Fabíola sentiu uma pontinha de desconforto, quando Erin disse isso.

— Claro. Temos um caso, então? — Inquiriu desconfortável, ainda. Não queria deixar que Erin saísse. Queria ficar ali com ela.

— Não sei. Quando voltar do trabalho eu falo. Darei respostas e preciso de respostas suas.

***

Estava agitada.

Os pensamentos eram um turbilhão de sensações que pareciam querer levá-la consigo.

Mal conseguira trabalhar direito.

Erin elevou a face para o teto branco do hospital.

Respirou fundo.

Entrou numa pequena sala, em que estavam reunidos Juliana, Kátia, Leonel, Adriana, Donatela e Rodrigo.

Hoje era o dia em que todos trabalhavam juntos. Isso era raro de acontecer.

Quando entrou na sala percebeu que todos a olhavam. Levantou a cabeça e encarou-os.

— Algo errado? — perguntou ajeitando o cabelo.

— Não meu, amor. — Leonel veio em sua direção e beijou-lhe a testa.

Donatela trincou os dentes. Sabia muito bem que a doutora Erin havia tido uma bela noite de sexo com Fabíola Buckholz, em Atena. Que horror! Não podia imaginar como ela pudera fazer tal coisa. Antes de falar tudo para Leonel a faria sofrer um pouquinho. Ouvira muito bem e não estava enganada, quando Adriana disse que Marcelle havia revelando que Erin dormira com Fabíola e, pior, que gostara. Teria de afastar Fabíola de Erin de qualquer maneira, para que o seu plano desse certo. Sorriu consigo. Triunfando. Em breve Leonel saberia quem era sua amada e admirada droga de namorada.

— Oi, meninas, como vocês estão? — Erin perguntou as amigas.

— Bem, Erin — elas responderam com um sorriso.

— Olá, Rodrigo.

— Olá, Erin — Rodrigo sorriu.

Todos sabiam sobre a noite que Erin passara com Fabíola, em Atena, menos Leonel.

Donatela deu um passo à frente. Puro cinismo no rosto.

— Não vai falar comigo, Erin? Perguntar se estou bem — inquiriu se aproximando de Erin e Leonel.

Os presentes só observavam.

— Vejo que você está muito bem, Donatela.

Erin não lhe deu a menor atenção.

— E o seu casório com o Leonel, quando sai? — Ironizou.

Erin ficou vermelha de raiva.

— Muito em breve — Leonel interveio.

Donatela ficou ainda com mais raiva.

— E você Erin, não vai responder?

Erin encarou a infeliz.

— Nossa vida particular não interessa a você, Donatela.

Não mesmo Donatela balançou o dedo e gargalhou.

— Não entendo o motivo das risadas — Erin disse encarado a loira alta de perto.

— Não. Nenhum, Erin. É que você é hilária.

— E você uma completa imbecil — Erin se alterou. Não suportava Donatela e suas ironias.

Donatela fingiu não perceber a raiva de Erin e continuou.

— E como está o emprego cuidando da filhota? — Perguntou sarcástica. Não sei como Fabíola não deu em cima de você, porque eu e ela ontem fizemos um bom sexo selvagem, sem contar que ela está contratando um advogado para que você não consiga de volta a guarda de sua filha. Ela mesma disse. E, conhecendo Fabíola, não é de se admirar que ela faça isso — mentiu para Erin.

A face de Erin ficou rubra. O coração acelerou. As narinas abanaram. Maldita Fabíola Buckholz. Infeliz. Era tão canalha quanto Donatela. Cerrou os olhos e atingiu uma das faces de Donatela com a mão.

— Eu não sou hilária — disse. Iria expulsar Fabíola de seu apartamento, imediatamente. Não era um brinquedo, para Fabíola a hora que quisesse poder usar. Cretina. Um caso. Um caso. Não teria caso algum com aquela mau carácter. — Meu horário já deu.

Saiu da sala pisando duro.

Donatela passou a mão na face atingida.

O tapa valeu, ela ficou irritada, pensou consigo.

Fez cara de pessoa indefesa. Inofensiva.

— Qual o problema dela?

— Você! — Juliana gritou e quando passou por Rodrigo, deu um pisão no pé dele, sem querer. Olhou por um momento para Rodrigo. Desculpou-se. Era completamente a fim dele. Mas ele não lhe daria trela nunca. Amava Donatela a imunda.

— Você mereceu — Kátia disse e deixou a sala, juntamente com Adriana.

Leonel fez o mesmo. Não entendia as reações de Erin. Iria conversar seriamente com ela e ver o que estava acontecendo que não estava sabendo.

Rodrigo aproximou-se de Donatela, sabia que ela havia mentido sobre a empresária.

Quando ia tocá-la foi impedido.

— É melhor você me deixar, Rodrigo. Pode ir — disse fria.

Rodrigo assentiu. Donatela sempre lhe dava um não.

Donatela fechou a porta da sala e gargalhou.

Sentia o gosto bom da vitória. Como era maravilhoso senti-lo.

Preparem-se todos, porque Donatela Albuquerque está chegando, gargalhou.

— Leonel será meu. Só meu.

Disse com ar de vingança.

Foi até a janela de vidro e lá se encostou. Ficou a observar enquanto Erin partia com seu carro.

Seus olhos castanhos brilharam sórdidos.

Capítulo 21

Furiosa e com uma imensa vontade de chorar Erin subiu pelo elevador logo após ter deixado o carro no estacionamento do residencial e entrou em seu apartamento.

Bateu a porta com uma força estridente.

Fabíola já estava de pé, próxima ao sofá da sala de estar e ao ouvir a batida e olhar para Erin soube de imediato que a resposta dela seria um não.

Pela face irada da médica não teriam um caso, isso era plausível.

Erin largou a bolsa no sofá e caminhou até ela.

— Eu quero que você saia do meu apartamento agora! — falou decepcionada.

Fabíola piscou, sem entender. Não compreendia o que havia com Erin. Quais as razões para que ela estivesse agindo assim. Ela saíra tão bem de casa.

— O que você tem? Qual o seu problema? — Fabíola perguntou.

— O meu problema é você. Sempre foi. Tudo o que você fez foi estragar a minha vida! Sai do meu apartamento! — apontou o dedo indicador para a porta.

Erin fez menção de se afastar, mas foi detida por Fabíola.

— Não sem antes você me dar uma explicação.

A empresária encarava a médica, confusa.

Erin debateu-se por entre as mãos fortes de Fabíola pressionando seus ombros.

— Eu não vou dar explicações a você coisa nenhuma. Você não merece as minhas explicações. Eu vou tomar um banho e quando eu sair do banheiro. Quero você fora daqui!

— Erin, pelo amor de Deus, o que você tem?!

— Sai daqui! Eu ordeno que você saia daqui! Saia da minha vida! E me deixe em paz de uma vez por todas! — Disse alto sem nenhum pudor ou respeito a Fabíola. — Já que você me odeia! Você não me odeia?! Então me deixa em paz! Sai do meu apartamento, Fabíola!

— Diga-me o que está havendo com você, Erin! — Exigiu.

— Eu quero apenas que você saia daqui! Agora, Fabíola! Agora! — Falou alterada.

— Não vai me dizer o que está havendo?! Eu não vou insistir, Erin.

— Isso é um problema seu! Agora saia do meu apartamento! Rua! Se me odeia, também passei a odiar você!

— Você está mentindo para mim!

— Sai do meu apartamento e da minha vida! Você é insuportável! Ninguém nunca vai querer estar ao seu lado, Fabíola. Ninguém! Você sempre estará só e somente só. Você só me causou dor! Sofrimento e dor!

— Você tem certeza que não vai mesmo me dizer o que você tem?! — Fabíola insistiu mais uma vez.

— Olhe para trás e depois me pergunte o que eu tenho! Sua pobre de espírito! Egoísta! — Vociferou inflamada de raiva. — Nunca mais, Fabíola, apareça em minha vida! Nunca mais!

A empresária altivou a cabeça e largou a médica.

— Como queira, doutora. Eu vou descobrir o que você tem. Aí sim, eu volto para sua vida.

— É melhor que você nunca volte.

— Voltarei nem que seja para lhe dizer adeus.

— Você já pode me dizer adeus agora.

— Eu ainda não estou lhe dando adeus, doutora. Não chegou a hora ainda. Mas tenha certeza de que quando ela chegar lhe direi...

— Pode ir. — Erin deu as costas para Fabíola. — Coração batendo forte.

Fabíola ficou em silêncio, enquanto Erin se afastava.

O que ela tinha? pensou consigo. Mas não ia falar nada a Erin. Não mesmo. Revelar o seu passado seria como matar a si mesma. Não havia amor de ambas as partes. Fechou os punhos e bateu-os com força sobre o sofá. Por que estava se sentido assim? Não devia

sentir-se assim. Fechou os olhos. Talvez não devesse levar Melissa, mas ainda era muito cedo para acordar a menina. Pediria para que Nando viesse busca-la mais tarde. Deu um passo indeciso em direção ao banheiro, mas acabou por desistir. Erin estava alterada. Não lhe ouviria. Não havia nada que pudesse dizer a ela. Mordiscou os lábios. Estava sendo covarde. Sabia disso. Tirou um papel e uma caneta de dentro da bolsa e escreveu algo, colocou o papel em cima do sofá. Palavras não eram muito o seu forte naquele momento. Deixou o apartamento de Erin. Sentia algo estranho dentro de si. Um vazio inexplicável. Entrou em seu carro e rumou para a casa de Marcelle. Sabia que Erin gostava muito dela e lhe pediria para que conversasse com Erin, para ver o que estava de fato acontecendo.

***

Quando Erin saiu do banheiro viu que ela já havia partido. Caminhou até porta e começou a chorar. Recostou-se na madeira e desceu escorregando até o chão. Tapou os olhos com as mãos. Como ela pudera fazer isso? Como?! Ainda, querer tomar sua filha! E custava a acreditar que, de fato, Fabíola tivesse dormido com a Donatela. Isso não podia ser. Não mesmo.

O amor era isso, enfim. Era um turbilhão de emoções sem explicação. Era dor e delícia ao mesmo tempo. Lindo, mas talvez poucos soubessem amar. Fabíola não sabia.

Depois de muito chorar e os olhos vermelhos ficarem maiores, estes pousaram num papel que havia em cima do sofá. Foi até lá e pegou-o.

Começou a ler o que estava escrito ali:

"Saindo pela porta esta manhã me perguntei o que estava havendo com você. Pensei em alguma maneira de pedir desculpas, por algo que eu não tenho certeza se fiz. Doutora, eu sinto dizer que não encontrei esta maneira. De alguma forma tudo mudou, as cartas estão sobre a mesa, mas não estamos mostrando os nossos corações, nem arriscando tudo sem saber se valerá a pena arriscar, mas apesar de isso ser difícil de dizer, direi que eu ainda espero ver o seu sorriso; o seu olhar e sentir o teu abraço."

F. Buckholz

— Filha da mãe! Eu não vou atrás de você! Erin gritou e amassou o papel.

Como ela pudera depois de tudo o que haviam passado. Depois de todas as carícias e noites de amor que haviam também passado juntas, ela ainda assim estar tramando sua queda uma segunda vez pelas suas costas.

— Maldita Fabíola!

Erin chorou novamente. Chorava por si, por Melissa, por Fabíola e por sua vida infernal. Fabíola nunca deveria ter aparecido em sua vida.

Nunca!

Tudo só piorara depois da entrada de Fabíola Buckholz em sua vida simples. Amava Fabíola de todo o coração e o que mais a entristecia, era que Fabíola era incapaz de amar. Como podia existir alguém assim no mundo?! Um ser incapaz de se redimir.

Lembrou-se de Melissa.

Correu para o quarto e viu que Fabíola havia deixado a menina. Mas, logo mais o chofer dela ou até ela mesma estaria batendo em sua porta para pegar Melissa, porque de bondade Fabíola nada tinha.

Isso era que não fazia parte dela.

***

Sonolenta e cansada Marcelle, num esforço, abriu os olhos e olhou a hora no relógio. Remexeu-se na cama em que as cobertas já arrastavam pelo chão. Era incrível como deixava a cama tão bagunçada.

06:13 h da manhã!

Sobressaltou-se.

Mas quem estaria batendo em sua porta tão cedo e com tanta euforia? Indagou-se em pensamentos, irritada. Levantou e ainda de camisola, andou pela casa obscura. Não dormia de forma alguma com as luzes acesas. A escuridão e o sono formavam uma bela dupla. Um complementava o outro. O interfone tocou. Antes de ir atender Marcelle passou as mãos pelos cabelos e vestiu um roupão azul.

— Marcelle?

Ouviu uma mulher dizer. Aquela voz lhe era Familiar.

— Quem é? — Marcelle perguntou mesmo deduzindo quem era. E não podia acreditar que era realmente quem estava pensando que fosse, de fato.

Houve-se um longo silêncio do outro lado.

— Sou eu, Fabíola Buckholz.

Marcelle ficou pasma.

Fabíola!

O que estaria fazendo Fabíola ali em sua casa. Uma hora daquelas?

— Só podia pensar o pior. Com certeza. Coisa boa não podia ser, para que a poderosa empresária Fabíola Buckholz, a arrogante, a maléfica, estivesse batendo em sua porta tão cedo.

— Fabíola, olha só...

— Marcelle eu preciso falar com você. — Fabíola interrompeu a advogada. Se não falasse com Marcelle não falaria com ninguém mais. E precisava urgentemente falar com ela. De uma forma ou de outra.

Era uma covarde.

Poderia ter ficado e falado com Erin, mas era tudo tão confuso em sua cabeça.

Sacolejou os cabelos.

Marcelle não podia imaginar o que era, conquanto tentasse.

Sendo assim decidira por atender Fabíola.

— O que você quer, Fabíola? — Tão cedo. Marcelle revirou os olhos seguido de um longo suspiro.

Fabíola passou uma das mãos pelos olhos. Apesar de não ter dormido a noite inteira, pensando na resposta que teria de Erin que por fim acabara nem tendo, não sentia sono, mesmo que os seus olhos estivessem ardendo como se dentro tivesse spray de pimenta. Fitou o céu da matina por um espaço de tempo. Respirou profundamente. Ergueu a cabeça.

— É sobre a sua amiga Erin. — Fabíola emitiu num tom de voz firme.

Marcelle mudou de expressão. Juntou as sobrancelhas.

— Erin?

— O que houve com a Erin? — quis saber.

— Eu apenas preciso que você abra porta.

Marcelle suspirou.

Fabíola era tremendamente insistente.

Irritante também, pensou impaciente já. Como ela ousava aparecer tão cedo, em sua casa?!

Que coisa!

— OK. Já vou abrir. Só um momento. — Marcelle foi até seu sofá e pegou o chaveiro com três chaves.

— Certo.

Quando Marcelle abriu a porta Fabíola logo adentrou. Marcelle escoltou-a até sua sala mobiliada e acomodou-se em seu sofá vermelho. Cruzou as pernas. Encarava Fabíola com um olhar de reprovação.

— Muito bem, Fabíola, sobre o que se trata? — perguntou sem rodeios.

Fabíola passou as mãos uma na outra.

— Eu preciso que você fale com a Erin. Pergunte o que está havendo com ela.

Marcelle se indignou.

— Como assim o que estava havendo com a Erin? — Depois de tudo o que fez ainda tinha a cara de pau de fazer uma pergunta daquelas?

Inacreditável.

Pior, sabia que Erin gostava da canalha da Fabíola.

Sabia muito bem.

— O que está havendo, Fabíola, é que você só destruiu a vida da minha amiga. É isso — disse chateada e não deixava de encarar a empresária que ainda assim mantinha sua pose autoritária.

Fabíola colocou as duas mãos na cintura.

— Marcelle, eu não estou aqui para você me julgar. Estou aqui para que você pergunte o que está havendo com a Erin, simples assim — disse sem também deixar de fitar a advogada e o seu olhar repressivo. Sabia que Marcelle não gostava de sua pessoa. Por ser amiga de Erin e também por tê-la destratando verbalmente no cemitério aquele dia. Enfim, somente precisava da ajuda de Marcelle.

Marcelle colocou as mãos sobre a testa e deixou a cabeça cair para baixo.

Não sabia o que fazer ou que dizer a Fabíola. Seria bem melhor assim que ela saísse da vida de Erin de uma vez por todas.

— O que aconteceu? — Marcelle indagou voltando a olhar para Fabíola.

Fabíola ficou silente, como se pensando na resposta para a indagação feita por Marcelle.

— Eu não sei Fabíola ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça. É por isso que estou aqui. Para você perguntar a Erin o que aconteceu.

Marcelle levantou do sofá e aproximou-se de Fabíola.

— E por que você mesma não o fez? Está com medo do que pode ser a resposta? Ora, mas uma mulher tão poderosa com medo de fazer uma simples pergunta. Bastava ter dito: Erin, o que você tem? Não, Fabíola? Ou você está com medo de assumir seus sentimentos em relação a Erin? — Marcelle disse impiedosa.

Fabíola, naquele momento, deixou de fitar Marcelle.

— Eu apenas preciso que você faça essa pergunta a Erin, por mim.

Marcelle se viu obrigada a rir.

Fabíola era uma covarde arrogante. Não merecia a Erin. Não mesmo. E sabia que Fabíola amava Erin, isso estava escrito no olhar dela, mas ela era tão prepotente e covarde que não tinha a decência de assumir o seu amor. E se ela queria ter o amor de Erin teria de fazer um sacrifício para tê-lo. Fabíola Buckholz, tinha de sentir na pele o que sua amiga passou. O pior era que sabia que Erin também amava Fabíola. Por mais que isso fosse revoltante. Teria de pressionar Fabíola—. Colocá-la contra a parede e ela teria de falar de qualquer jeito. Queira, quer não queira.

— Não sem antes você me dizer o que sente pela Erin e por que fez tudo isso com ela.

Fabíola vacilou.

Deu um longo passo para trás. Sentia-se sufocada com aquela pergunta de Marcelle ou melhor, com as perguntas. Porque obviamente foram duas. Instalou-se numa poltrona de visitantes que havia logo atrás de si e olhou bem no fundo dos olhos de Marcelle. Estava paralisada, refletia feito uma louca sobre a resposta que daria a Marcelle. Sentiu a cabeça girar, latejar, quase que matando o

seu cérebro. Deveria falar? Será que realmente deveria falar? E se falasse? O que aconteceria depois? Não! Alarmou-se em seu ínfimo interior. Não podia falar.

— Fabíola, vou perguntar uma última vez: o que sente pela Erin? E por que fez isso com ela? Tirou-lhe a filha, o marido foi até um favor, pois ela não o amava. Mas a filha! Marcelle falou revoltada e impaciente. Você vai responder? — Insistiu Marcelle, impiedosa.

Fabíola fechou os olhos. Relembrou nitidamente daquele dia triste e infernal. Relembrou cada cena. Cada toque daquela cena. Era como um filme de terror. Mas quem nunca passou por uma cena como aquela nunca entenderia a dor que era passar por ela. Quem nunca passou diria que era uma bobagem. Que era tudo alarme. Mas era aquele provecto lema: você nunca entenderá a dor se ela não for sua. Seria fácil para Marcelle ou qualquer um que estivesse de fora julgar seus atos como profanos, mas mais profanos do que seus atos foram os atos e tamanha a dor pela qual passou.

Porque doeu!

E doeu por muito tempo.

Ainda hoje doía.

Então seria fácil para os terceiros chegarem e dizer que era bobagem, que era exagero de sua parte, ter feito o que fez com Erin. Seria muito fácil para todos julgarem. Muito fácil! Um bile lhe subiu a garganta. Teve náuseas. Sentiu-se mal. Pensou que fosse ter um desmaio. Então era hora de falar. De abrir-se depois de tanto tempo. Iria abrir-se com alguém que mal conhecia. E por quê? Havia um real motivo para isso? Bom, talvez houvesse ou não estaria ali, onde nunca, nem jamais, pensou em estar, em toda sua vida. Respirou profundo e suavemente. Por fim, conseguiu relaxar. Olhou para Marcelle e assentiu com a cabeça e em seguida respondeu com a maior franqueza possível:

— Eu vou falar o porquê. Eu gostaria que você sentasse — sua voz era baixa, mas não deixava de ser autoritária. — Pois a história é um tanto longa.

E dolorosa, pensou consigo.

Capítulo 22

4ª Vara de Família, Florianópolis/SC

Acompanhada pelo advogado, doutor Murilo Gasparini, Erin olhou para a porta de entrada do fórum em que seria proferida a sentença da guarda de Melissa. O coração batendo forte dentro do peito, suspirou. O advogado percebeu o nervosismo de sua cliente.

— Vai dar tudo certo, senhorita Feller. Acredite. — Confortou. Sua voz era uma calmaria.

Erin sorriu. Esperava que realmente desse tudo certo. Não via a hora de ter novamente Melissa em seus braços todos os dias. De estar completamente em paz com sua filha. Enfim iria poder seguir sua vida, normalmente. Sem Fabíola, desanimou-se. Sem Fabíola. Mas Fabíola não prestava, embora a amasse. Porque realmente a amava. Esse sentimento nascera, florescera sem que nem por que. Mas para os caminhos do amor não havia escolha. Mas tudo bem. Com um tempo iria superar. Não seria fácil. Sabia o quanto doía desistir da mulher que ama. Já passara por isso uma vez. Sentira o desespero vivo em seu interior. Mas apesar de tudo isso superaria. Fabíola não era e nem nunca seria capaz de amar. Não amava nem a si mesma. Tudo o que ela queria era puro sexo e não era uma prostituta, para Fabíola quando quisesse usar. Porque era isso, no fim, o tempo todo Fabíola fazia aqueles que a rodeava de fantoches. Será que ela não percebia que estava lidando com gente, que falava, que andava, que senti, e não com meros brinquedos? Não. Talvez ela não soubesse disso.

— Sim, doutor. Vai dar.

— Esta causa será nossa. Nenhum advogado poderá toma-la de nós.

O homem falou com tanta firmeza que Erin chegou a acreditar por um momento que a causa já estava mesmo ganha.

— Espero que não, doutor.

O advogado sorriu.

— Acredite em minha palavra, senhorita Feller.

Erin apenas balançou a cabeça em positivo.

Comprimiu os lábios.

— Eu acredito.

— Pois bem, vamos entrar?

— Claro.

E se pôs a caminhar para dentro do fórum. Os nervos estavam em frangalhos.

Do lado dentro do fórum estavam Marcelle, Kátia, Adriana, Juliana, Leonel e Donatela, exceto Rodrigo, que preferira ir trabalhar a ir observar um caso de guarda no qual não tinha qualquer interesse. Todos sorriram, exceto Donatela, que estava num lugar afastado, quando Erin entrou acompanhada pelo doutor Gasparini.

***

Antes de descer do carro Fabíola deu uma última olhada para Melissa, que estava em sua cadeirinha, no banco de trás, brincado com duas bonecas. Melissa olhou para Fabíola e sorriu. Os olhos pequeninos e incrivelmente verdes ficaram repuxados imediatamente. Havia levado Melissa, porque se caso perdesse a causa não teria que suportar Erin em sua casa pela a última vez. Olhou para Nando.

— Cuide bem da menina, Nando. Se algo acontecer com ela, você pagará um preço muito caro por isso — avisou arrogantemente e deixou o carro.

O seu advogado, Julian Amarantes, já a esperava do lado de fora do fórum. Segurava uma maleta preta na mão esquerda.

— Bom dia, Fabíola — cumprimentou ele.

— Bom dia, Amarantes — Fabíola disse de cara fechada

— Entremos?

— Sim, claro. — Fabíola respondeu.

Ambos caminharam a passos lentos, para dentro do fórum. Quando Fabíola entrou seus olhos encontraram os de Erin. Por algum tempo as mulheres ficaram a se fitar E naquele momento único todo o resto do mundo havia deixado de existir. Os olhos falavam e imploravam por perdão, mas quem era que seria capaz de falar e esboçar uma única palavra de perdão?

Fabíola altivou o queixo e passou por Erin, juntamente com o seu advogado, colocou-se de lado oposto a ela.

Aquela era a posição na qual ambas sempre estiveram.

Aquela era Fabíola, orgulhosa. Senão fosse orgulhosa, não era a Fabíola que conhecia.

E o momento continuava a passar rápido demais, tenso demais, enquanto os advogados se colocavam à frente da juíza e seus auxiliares, papéis eram postos sobre a mesa, analisados, discutidos. Testemunhas eram ouvidas. Erin continuava a olhar para Fabíola e a empresária fazia o mesmo. A juíza bateu o martelo, tirando ambas do transe óptico. Ouve-se uma voz grave lendo a sentença rapidamente:

"DECISÃO: contrariamente ao pedido do advogado Julian Amarantes e diante de tudo o que foi exposto acima, com embasamento nas legislações vigentes, defiro a Guarda Unilateral da menor M.C.F à mãe, Erin Feller. Ficando estabelecido que esta sentença se tornou definitiva, fazendo coisa julgada material."

Donatela praguejou em silêncio. Maldita seja Erin Feller, pensou desesperada. Precisava fazer algo para acabar com ela. E somente conseguiria com a ajuda de Fabíola Buckholz. Ela agora tinha tudo: A filha e Leonel!

Não!

Correu desesperada para fora do fórum.

Maldita Erin! Maldita!

Erin mal podia acreditar. Depois de tantos meses. Depois tantos recursos interpostos, enfim conseguira. O advogado apertou sua mão com força.

— Nós conseguimos — disse ele, com uma dose de felicidade na voz.

— Sim, doutor, nós conseguimos — Erin disse com lágrimas nos olhos.

— Erin caminhou até as amigas e abraço-as.

Fabíola viu toda aquela felicidade e sentiu-se nauseada. Viu quando o imbecil do namorado da doutorazinha a abraçou e beijou-lhe a face. Enraivecida, deixou o fórum.

Erin observou-a partir.

Quando todos chegaram do lado de fora viram que o motorista de Fabíola trazia a menina e uma pequena mala rosa de rodinhas.

Erin sorriu ao ver sua filha.

— Mel! — Marcelle gritou.

Uma salva de palmas foi iniciada naquele momento. Nando entregou Melissa a Erin e voltou para o carro. Em segunda deu partida. Erin olhou tristemente, para o carro preto e alto, de Fabíola Buckholz, os vidros estavam todos fechados. Sentiu um aperto no coração. Ainda lhe faltava algo para ser feliz. Mas não teria esse algo. O carro cruzou a curva da estrada e sumiu. Marcelle percebeu o olhar triste de Erin para o carro de Fabíola. Aliás, todos perceberam, mas fingiram não notar.

— Agora está tudo bem, minha amiga — Marcelle disse e abraçou-a.

— Sim, Marcelle, está.

— Você precisa ir para casa e curtir muito sua filhota. Somente vocês duas — Marcelle disse.

Leonel percebeu que aquilo fora uma indireta para ele. Beijou a face de Erin.

— Sim, meu amor. Você e sua filha precisam de um tempo sozinhas sorriu.

— Obrigada, Leonel. — Erin olhou para o namorado, assim que passasse o aniversário dele próximo sábado, acabaria de vez com aquele namoro. Não suportava mais. Leonel era uma ótima pessoa, não queria magoá-lo, mas ninguém poderia ficar com outro alguém só porque tinha características boas. Não mesmo. E pior, ele era homem. Se gostasse de homens até seria plausível dar uma chance, mas não gostava e não adiantava insistir.

— Amiga, fico muito feliz por você — Juliana disse abraçando Erin depois deu um leve beijo em Melissa.

— Obrigada, Ju.

— Eu também estou muito feliz por você — Adriana interveio.

— Oh, Adri, adoro você, amiga.

Kátia já estava chorando. Era bastante sentimental.

— Eu inclusive. Felicíssima por você, Erin — disse olhos lacrimejantes.

— Oh, Kátia, não chore — Erin disse abraçando-a.

— Ai, amiga. Eu sou emotiva, você sabe.

— Sim. Sei.

Marcelle olhou para Erin e de repente pensou em conversar com ela sobre o que Fabíola havia lhe falado outro dia, mas não tinha certeza se seria certo fazê-lo. Fabíola lhe pedira para que nunca ousasse contar, mas havia amor neste meio. Erin estava sofrendo sem o amor de Fabíola. Sabia disso. E era difícil de acreditar, mas Fabíola também amava Erin, por mais que a empresária tentasse negar a si mesma e para o mundo. Erin deveria saber, mas não hoje. Merecia um tempo com a filha, primeiro de tudo. Só não esperava que fosse tarde demais. Marcelle fitou por um longo instante os olhos verdes e vazios de Erin, enquanto ela ainda fitava a curva vazia onde o carro de Fabíola havia sumido sem deixar rastro algum.

— Vá para casa, Erin. Curta sua filha muito mesmo. Aproveite o tempo que você passou sem a sua querida Mel. Você merece isso e muito mais, minha amiga.

— Obrigada, Má, pelo apoio. — Erin agradeceu num suspiro triste. A vida parecia um tanto vazia.

***

O olhar de Fabíola estava distante, enquanto Nando dirigia para casa. Então era isso. Erin estava feliz. Agora tinha a filha de volta. Sentiu-se mal.

— Eu vou sentir falta da pequena Melissa Nando disse tristemente.

Fabíola sabia que também iria sentir falta da menina e muita. Mas não diria isso a ninguém. Sentiria falta da mãe dela também. E para esquecer o dia de hoje rumaria para Dublin, na Irlanda. Iria para o outro lado do mundo. Onde jamais pudesse ser atormentada por Erin Feller de novo. Respiraria novos ares. Iria visitar aqueles belos castelos, quem sabe não encontraria alguém que lhe fizesse esquecer o passado e agora o presente. Poderia ir para Atena.

Amava tanto a cidade, mas se fosse para lá, com certeza, lembraria da noite de amor que tivera com Erin, a todo instante. E não queria lembrar. Ou era melhor mudar de rumo, na Irlanda havia muitos ruivos. Seria impossível não lembrar da doutora Feller por lá. Esperava, sinceramente, que Marcelle nunca ousasse contar seu segredo para Erin. Era melhor que ela continuasse a pensar que era um monstro.

Era bem melhor assim.

***

Assim que deixou o carro no estacionamento Erin subiu pelo elevador segurando Melissa por um braço a pequena mala rosa dela em outro.

— Mãe — Melissa balançou a mão de Erin, para que a mãe olhasse para ela. — Fá — falou fazendo biquinho.

— Erin fitou a filha, com um olhar triste.

— Eu sei, Mel. Eu também sinto falta dela. Muita falta — aplanou-se e segurou o rosto da filha. — Mas Fá não gosta da gente. Nem de mim, nem de você. Mamãe ama você, Mel — abraçou a filha.

A menina se jogou nos braços da mãe e agarrou-lhe o pescoço, depois beijou as bochechas de Erin.

— Amo!

Ao ouvir a voz angelical da filha Erin colocou-a nos braços e saiu do elevador, puxando a mala. Adentrou o apartamento e deixou a mala de lado. Foi para o quarto e colocou Melissa sobre a cama, lá deitou-se também. Pegou o celular e pensou em ligar para Fabíola. Mas o que iria dizer a Fabíola? Que a amava?! Ela provavelmente iria sorrir de sua cara com todo gosto. E agora? Não sabia o que fazer. Estava morrendo por dentro. Sentia tantas saudades de Fabíola. De abraça-la. Por que o amor tinha de ser tão bonito e ao mesmo tempo torturante? Fechou os olhos e vislumbrou a imagem de Fabíola, naquele dia em que ela dissera que não lhe odiava, nem a Mel.

***

Naquela mesma noite, no hospital Santa Mônica, Rodrigo andava moroso, com ambas as mãos nos bolsos de seu jaleco

branco, pelo corredor silente do hospital. Ao passar pela frente da porta da sala do consultório de Donatela observou que a porta estava entreaberta e Donatela estava ao telefone. Silencioso e lento, parou ali e ficou a fitar a megera pela fresta da porta. Aguçou os ouvidos para tentar ouvir o que a médica maléfica dizia.

— Dez mil reais a cada um ponto final — gritou Donatela, ao telefone. — Havíamos fechado negócio por oito mil cada, já aumentaram mais dois mil. Não pago mais que isso. É pegar ou largar. Decidam inúteis!

Rodrigo ainda silente fitava a médica, que estava de costas para a porta. Ela segurava duramente o celular ao ouvido. Desejou saber sobre o que e com quem Donatela falava.

— Digam, idiotas! Aceitam?!

Rodrigo percebeu que Donatela estava com raiva. E aprontando alguma.

— Negócio fechado, então. Sábado às 19:00 h em ponto. Estejam no local como de combinado. Se não estiverem por lá quando eu chegar não pagarei a nenhum — bateu o celular com força sobre a mesa branca.

Rodrigo afastou-se para que Donatela não percebesse sua presença.

Sábado.

Sábado.

O que havia sábado?!

Tentava demasiadamente lembrar, enquanto caminhava pelo corredor do hospital em direção a sua sala.

Entrou e fechou a porta.

Sábado.

A festa de Leonel!

Lembrou-se.

***

Marcelle tomou um banho e sentou-se no sofá com um copo de café com leite em mãos e um livro de Direito Administrativo. Abriu o livro e observou alguns artigos, incisos e alíneas. Não estava conseguindo ler absolutamente nada. Fechou o livro e colocou-o de lado. As coisas horrendas que Fabíola Buckholz lhe contara ainda lhe fustigavam a memória cabalmente. Jamais viveria em paz

sabendo que Erin amava Fabíola e que Fabíola sentia o mesmo e que por causa de apenas um segredo, que separava as duas elas seriam infelizes para o resto da vida. Teria de contar a Erin. Sim. É lógico que teria. Realmente. O que Fabíola Buckholz havia passado fora doloroso e triste. Julgara Fabíola, mas agora entendia bem de perto e quase podia sentir também a dor dela. Fabíola não era uma pessoa ruim, como pensara, as coisas pelas quais ela passou apenas a transformaram na mulher que era hoje. E sabia que Fabíola tinha lutado com todas as suas armas para não se apaixonar por Erin, mas no fundo, ela acabara se apaixonando mesmo assim.

Marcelle deixou-se cair por completo no sofá.

Fabíola havia escolhido justamente sua pessoa para contar o seu segredo tão horrendo e sem sombra de dúvidas, lamentável e triste.

A poderosa empresária era bem no fundo solitária e amargurada. Somente Erin, com toda sua calma e fragilidade poderia tirar Fabíola da vida de exílio triste e obscuro na qual ela se isolara para viver.

***

Deitada na cama Fabíola observava a foto que tirara junto com Erin e Melissa aquele dia, em Atena. Aquela noite fora uma das melhores que já vivera em toda sua vida. Por alguma razão, todo o resto do mundo perdera o sentido. Mirou o sorriso jovial de Erin e de Melissa. E se ligasse para Erin e dissesse a ela o que havia acontecido dez anos atrás?! O que ela faria?! Diria alguma coisa ou apenas ficaria em silêncio?! Sacudiu a cabeça, no travesseiro. Talvez, não devesse dizer nada. Mas sentia uma falta de Erin, que chegava a doer em seu interior.

Comprimiu os lábios.

Odiava a si mesma por simplesmente amar Erin Feller.

Mas que inferno!

Capítulo 23

Solitária Fabíola caminhou por seu quarto obscuro. Olhos ora fechados, ora abertos. O mundo havia perdido todas as suas cores. E o seu coração estava vazio. Era como se tivesse um grande buraco negro se formando de repente ali. Não via mais sentido nas coisas, nem cores no mundo. E lembrar dos momentos que passara com Erin era torturante. Mas seja como for a vida sempre continuava a seguir o seu percurso... Era como o tempo, que nunca parava. Que jamais parava. Se a vingança era um doce prato que se comia frio, então aquele lema não era verídico, porque o gosto da vingança estava mais amargo do que o fel. E, no fim, ainda estava de pé. E, no fim, acabara perdendo de todas as formas. Sua perfeita e planejada vingança já não era mais tão planejada e perfeita assim. Sabia de uma coisa, estaria eternamente ligada a dor e ao pesadelo do seu passado. Não viveria um só minuto de sua vida sem que lembrasse de quem um dia fora. Do que um dia vivera e presenciara.

O celular sobre a cama tocou alto.

Fabíola correu para atender, na esperança de que fosse Erin, mas para sua tristeza não era.

O número era confidencial. Juntou as sobrancelhas. O número de seu celular somente seu pai, sua madrasta e Erin tinham. Ninguém mais, nem mesmo Denise, a quem confiaria sua própria vida.

— Alô! — Ninguém respondeu. A pessoa do outro lado somente respirava profundamente. —Alô! — Fabíola disse novamente.

— Fabíola?

— Quem é?

— Sou eu a Donatela.

— O que quer, Donatela? E por que liga privado? E quem te deu o meu número?

— Só liguei para avisar a ti que o teu amor e o meu amor estarão firmando noivado ainda hoje, lá na chácara Paraty. Sabe onde fica? Se não, posso dar a te o endereço ou mesmo te acompanhar até lá.

Fabíola ficou sem chão.

Não.

Isso era mentira.

Erin não poderia estar firmando compromisso depois de tudo o que haviam passado juntas. Sabia que Erin não amava Leonel. Pôde ver isso nos olhos dela. Em cada toque das mãos maravilhosas dela em seu corpo. Em cada abraço. Em cada beijo. Não mesmo!

— Fabíola, você está aí?

— Vou desligar.

— Não se importa com o que eu te disse?!

— Não!

Fabíola jogou o celular longe. Sabia bem onde ficava essa tal chácara. Era um local mais propício a festas discretas e ao ar livre. Trocou de roupa e queria ver por si só se aquela palhaçada de Erin com o idiota do Leonel era verdade ou a imbecil da Donatela estava apenas mentido por ser louca. Isso porque Donatela era uma louca.

***

A metros de distância da casa de Fabíola, Donatela e seu dois capangas a esperava.

— Eu acho que ela não vai sair. — Donatela deu uma risada desacreditada, seguida de um timbre diabólico.

— Você quer apostar quanto, como ela vai sair? — Perguntou encarando o homem.

— Não vou apostar nada. — Disse ele.

— O Everton já está na festa, para levar o Leonel à armadilha?

— Sim, já está lá dentro.

— Acho bom ou não receberão um centavo!

— Calma, onça. Tudo vai dar certo.

— É. Porque se der errado vocês já sabem, nada receberão!

Donatela olhava furiosa de raiva. Sim. Era como pensava desde o início. Fabíola querendo ou não a estava ajudando com o seu plano de mestre. Amava Leonel. Amava demais. Não poderia viver sem ele. Que sentido faria viver sem ele? Nenhum. Mas não adiantava ver ele também com outra pessoa. Já que não era seu não seria de ninguém. E se não seria feliz com o seu amor faria questão para que ninguém também pudesse ser feliz. Nenhum deles! Absolutamente nenhum.

***

Frase melhor não havia para descrever tamanha beleza e exuberância de uma mata e de um lago que percorria 500 metros pelo condomínio. Ali fiava a chácara Paraty, a seis quilômetros de Florianópolis.

Erin somente fora a festa por ter consideração a Leonel e também porque depois daquela festa acabaria o seu namoro com ele e seguiria com a sua vida mesmo ainda amando Fabíola perdidamente

— Meu amor! — Leonel se aproximou animado, com um copo de uísque nas mãos.

Erin sorriu para ele.

Somente tinha ali na festa pouco menos que vinte convidados.

— Oi. — Erin disse.

Marcelle se aproximou trazendo um copo com caipirinha para Erin.

— Este aqui é para você, amiga. — Disse sorridente e dando um abraço em Erin.

— Meu amor, e Marcelle, eu vou deixá-las conversar. Hoje no dia de meu aniversário a minha namorada parece me odiar — ele brincou, mas estava ressentido. — O meu primo Rodrigo também me odeia, vocês sabiam? Olha ele ali. — Apontou para Rodrigo, que conversava com Juliana e logo em seguida deixou a festa e foi para casa.

— Pare com isso, Leonel. — Erin falou e levou a caipirinha à boca.

Leonel fez ar de riso e afastou-se.

— E você e Fabíola? Já se resolveram?

— Não mais, Má.

— Por quê?

— Você sempre me disse que Fabíola não prestava e não amava nem a si mesma. De tanto ouvir você dizer eu acabei acreditando.

***

Um dos capangas de Donatela chegou com uma bandeja e entregou o copo com um veneno mortal a Erin. O homem logo se afastou.

— Leonel novamente está vindo, Erin e Marcelle encaravam Leonel. — Diga a ele que você não o ama.

No momento em que Erin iria levar o copo com veneno à boca, Leonel tirou-o inocentemente da mão dela e bebeu o líquido numa só golada. Não demoraria até o veneno fazer efeito. E se não levado ao historial para fazer uma lavagem estomacal morreria em questão de horas.

***

Assim que Fabíola saiu da garagem com o carro, Donatela e seus capangas começaram segui-la, discretos.

— Eu disse a você que a imbecil iria cair na minha armadilha. — Disse perniciosa. — Eu desconfiei desde o início que a idiota gostava da doutora, mas custei a acreditar. Ela parecia anto odiar a vaca de cabelos ruivos, tirou-lhe até a filha, para hoje estar apaixonada pela rival.

Os dois bandidos gargalharam.

— Você é o demônio, Donatela — disse um dos capangas.

— Eu sou a assistente dele.

Donatela estava completamente fora de si.

— Eu espero que o imbecil do Everton tenha colocado o veneno na bebida da hipócrita da médica!

— O Everton não falha.

O veneno do qual Donatela falava era o CIANETO, um dos venenos mais rápidos e mortais conhecidos pelo homem. E que também remotava tempo antigos e era ainda usado, atualmente, para execuções humanas. Alguém que ingeria o produto era morto dentro de alguns minutos, embora pela relativização pudesse levar horas ou mesmo dias, em caso de uma simples exposição ao veneno.

— É o que eu espero! Acelere esse carro, imbecil!

***

Assim que Fabiola chegou frente à esdrúxula chácara e desceu do carro foi surpreendida pelo capanga de Donatela. Tentou fugir, mas foi em vão. Debateu-se, mas outro homem másculo a segurou com força cabal. Donatela entrou no carro de Fabíola e levou-o para um lugar mais afastado da chácara, por um caminho de barro e escuro.

O celular de Donatela tocou. A chamada era do capanga chamado Everton.

— Alo!

— O veneno já foi dado a doutora e a presa está indo para o local agora. — Avisou.

O capanga Everton tinha despistado Erin para um lugar e Leonel para outro, onde este iria diretamente para a armadilha da caçadora. Por trás da chácara os capangas de Donatela jogaram Fabíola ao chão no qual o corpo inerte bateu e a poeira seca da terra subiu e sujou a roupa branca dela.

— Podem ir, imundos. Deixem o resto comigo. — Donatela disse, já sacando a arma que tinha perdido o seu brilho sob aquela luz tênue atrás da enorme casa sede da chácara. Segurou firme o projétil, com suas mãos enluvadas.

— E o dinheiro?

— Está onde eu lhe disse que estaria!

— Certo. Conclua o seu plano macabro. — Disse o capanga e se foi com o seu parceiro, pelo meio do mato.

Quando Leonel apareceu, Donatela disse:

— Meu amor!

— Donatela?! O que faz aqui nesta escuridão?! — Leonel perguntou, já meio bêbado. Leonel, em sua percepção, não imaginava jamais que Donatela estivesse com alguma arma.

— Eu mesma, meu amor. O que faz aqui?! — repetiu sem enxergar a arma nas mãos dela.

— Estou esperando por você. Como sempre. Até no inferno estaria esperando por você.

— Você está louca, Donatela? Que obsessão é essa?

— Louca de amor por você. Ainda dá tempo de você desistir da Erin e ficar comigo. Somente comigo! — A voz de Donatela estava irreconhecível. Era a voz de uma pessoa obcecada e desprovida de qualquer razão ou sanidade. Seus olhos eram dois poços de ódio. Leonel ainda que não de todo sóbrio lembrava de um caso de um amigo seu que havia dado um tiro em sua própria cabeça, por ter acabado o namoro com a namorada, mas no momento final de sua morte, quando percebeu que estava de fato partido para outra vida, gritara de dor e arrependimento.

— Você sabe que é a Erin que eu amo. E sempre amarei.

— Sempre, seu inútil?! — Vociferou colérica. Aquelas palavras a fizeram ficar com mais raiva ainda.

— Sempre! — Confirmou ele.

— Então o seu sempre acaba agora! — chorou. — Eu te amo. E é por nós que estou fazendo isso. — deu alguns passos à frente, sacou a arma e apontou para Leonel. — Ninguém sairá bem desta história! Nem eu, nem a idiota de sua amada! Nem essa idiota que está deitada aqui ao chão — deu um chute de leve em Fabíola. — Nem você, Leonel. Eu tentei! — chorou. — Eu tentei te dar uma chance, mas você não quis.

— Donatela, não! — Gritou assustado ao ver a arma apontada para si. Ergueu as mãos como se quisesse se defender. — Não faça isso, Donatela! Por favor! Pense no amanhã! Pense! — pediu numa súplica. O que será de você amanhã, Donatela?! Isso é obsessão. Não se deixe levar por ela.

O som da festa tocava alto. Vozes não poderiam ser ouvidas. Somente um barulho estridente poderia chegar aos ouvidos dos convidados. Leonel tentou correr, mas a sangue frio, a diabólica Donatela, com a arma apontada para Leonel, atingiu-o na cabeça. Leonel foi imóvel ao chão, o sangue respingou, onde a bala havia batido. O chão de terra foi ligeiramente coberto por um sangue de um vermelho vivido. Rapidamente, Donatela colocou a arma nas mãos de Fabíola, que ainda estava inerte sobre a terra e correu por dentro da mata. O amanhã não existe sem você! pensou ela, já totalmente fora de si e sob o efeito da droga que tinha usado para não se arrepender de seu plano bem na hora H. Assim como os

seus atos, suas feições eram de gente sem noção. Totalmente. Estava desprovida de qualquer razão.

— Eu ouvi um tiro!

Um dos convidados gritou fazendo com que todos se alarmassem.

— E parece que veio de detrás da casa! —disse outro com voz de espanto.

A turma começou a correr para lugar de onde viera o barulho.

Fabíola abriu os olhos e ao fazer isso viu aquela grande pistola em sua mão. Assustada, jogou a arma para longe e levantou rápido. Observou que dois homens vinham chegando ali e a olharam espantados. Olhou para Leonel que parecia morto, ao chão e detectou que haviam armado para cima de si! Tentou se afastar do local, desnorteada, mas foi impedida por um dos homens que era convidado da festa e amigo íntimo de Leonel.

— Assassina! — gritou o outro convidado.

— Chamem a polícia e uma ambulância! Rápido!

— Não! Não! — Erin gritou transtornada ao ver a cena macabra de Leonel sobre o chão. O ferimento que havia em sua cabeça era tenebroso e sangrento. Trêmula, Erin correu até ele. Não o tocou. Mas soube de imediato que o assassino estava por ali. Ergueu a cabeça e olhou para Fabíola. Ficou sem chão. O que ela fazia ali?! Olhou para a arma.

— Fabíola, o que houve?!

— Ela estava com a arma em mãos e tentou fugir, quando chegamos aqui! — disse um dos homens que segurava Fabíola.

— Liguem para a polícia. — Marcelle disse.

Erin estremeceu.

— Fabíola, diga que você não fez isso! — disse sentido o corpo todo tremer — diga, Fabíola, monstro! — Vociferou.

Fabíola se desesperou. Erin não podia estar pesando algo tão macabro assim de si.

— Erin, por favor acredite em mim! Não fui eu! Armaram para cima de mim! Por favor, Erin! Me atingiram na cabeça! Esta arma não é minha!

— Mentirosa! Você estava muito consciente quando cheguei aqui. Tentou fugir! Assassina! — disse o homem que a segurava.

Fabíola avançou sobre ele.

— Você não sabe o que fala! Não tem provas contra mim!

Todos estavam transtornados.

Quando a polícia chegou pediu para que todos se afastassem corpo da vítima, que foi socorrida imediatamente ao hospital mais próximo.

Erin ficou num canto afastado, sozinha.

— Quem mais estava na casa, na hora do crime? — perguntou o policial.

— Somente os convidados — Marcelle respondeu.

— O que estava havendo aqui?

— Uma festa de aniversário.

— Quantos convidados estavam presentes?

— Era uma confraternização somente para amigos. Então não foi convidado mais ninguém além dos que estão aqui — disse o amigo íntimo de Leonel.

— E de quem é a casa?

— É uma chácara alugada para eventos. — Respondeu Marcelle.

Fabíola olhou para Erin sem acreditar que ela estava achando mesmo que era uma assassina.

Os policiais se voltaram para Fabíola, em seguida todos o fizeram.

Erin ainda chorava. Marcelle abraçou-a.

Os policiais se aproximaram de Fabíola.

Erin estava passada demais, para que conseguisse falar qualquer coisa.

Quando o policial ia tocar Fabíola, ela sacudiu o braço bruscamente.

— Não me toque. Você conhece o senador?! Roberto Buckholz? Se conhece não me toque! Você não tem qualquer prova contra mim — disse irada, para o policial. — A senhorita precisa me acompanhar à delegacia, pois é a principal suspeita deste crime.

— Eu vou acompanha-lo, mas não me toque. — Tirou o celular do bolso e discou um número. — Papai, eu preciso que o senhor vá até a delegacia de polícia civil. Leve consigo dois advogados. Agora mesmo! — Aproximou-se de Erin e olhou-a bem no fundo dos olhos.

— Eu espero que você se lembre, Erin, que hoje não é tarde demais, para fazer algo novo. Donatela. Eu sei que foi ela. Não sou idiota. Ela me ligou confidencial dizendo que você iria noivar com o amor dela. Mas enfim, poderia eu deixar meu celular contigo, mas não o farei. Minha palavra poderia ter sido o bastante, para você acreditar em mim e já que não foi, não faz sentido eu querer provar algo a ti. Vou provar a minha inocência. E nunca mais quero ver você de novo. Eu posso ser tudo, arrogante, prepotente, mas não sou uma assassina, e você deveria saber bem disso. — Dizendo isso saiu caminhando escoltada por dois policiais.

— Apesar de termos uma principal suspeita todos aqui presentes também são suspeitos e terão de ir para a delegacia, para que sejam interrogados e prestem depoimento.

Capítulo 24

O interrogatório fora longo e extenuante. A equipe de suspeitos amanheceu o dia na delegacia. Todos tristes e abalados com o crime cometido a alguém que lhes foi tão caro. Todos foram liberados, exceto Fabíola, que fora acusada de ser a principal suspeita da tentativa de homicídio contra o Leonel. Quando Fabíola passou por Erin olhou para ela com raiva. Jamais imaginou que Erin pudesse pensar um absurdo desses de si. Não era uma assassina. Nunca iria perdoá-la por isso, pensou decepcionada.

Leonel não morrera, mas o estado dele era grave. Ele estava em coma profundo. A arma do crime iria ser analisada pela perícia e se confirmada realmente as digitais de Fabíola ela iria responder por tentativa de homicídio. De acordo com o delegado responsável pelo caso, Eduardo Olegário. Fabíola iria ser conduzida à Cadeia Pública de Florianópolis onde iria aguardar a audiência de custódia.

Dissera à polícia que fora vítima de uma armadilha, mas a polícia não acreditou, já que os dois convidados haviam dado o depoimento que tinham encontrado Fabíola com a arma em mãos e tentando fugir. O que mais a magoava em meio a tudo isso não era estar indo presa. Era Erin não ter acreditado em sua pessoa.

Sentou no banquinho da delegacia e cruzou as pernas.

Jamais perdia sua pose altiva.

Ergueu a cabeça e deparou-se com o seu pai do outro lado da grade enferrujada daquela cadeia repulsiva.

— Fabíola, o que houve minha filha?! — perguntou Roberto Buckholz, preocupado. Não com os comentários nos jornais que provavelmente na manhã do dia seguinte estariam nas primeiras manchetes, mas sim com o bem-estar de sua única e amada filha. Ele melhor do que ninguém sabia que durante quase cinco anos Fabíola passara fazendo tratamento com um psicólogo, para se

recuperar da dor que sofrera no passado. Isso doía em si. Apesar daquela pose de durona ele sabia que sua filha Fabíola estava à beira do desespero. Queria poder ultrapassar aquelas malditas grades e abraça-la, mas não havia maneira.

— Eu fui vítima de uma armadilha, papai. E eu sei quem me fez isso. Mas não tenho provas suficientes contra Donatela Albuquerque!

O senador aproximou-se mais das grades.

— Do que fala, filha?

— Você não entenderia, papai.

— Você vai sair daqui, filha. Meus advogados já estão tratando disso. — Roberto temia por Fabíola.

— Eu não tentei matar ninguém, papai.

— O rapaz não morreu. Ele vai acordar do coma e você estará livre e inocentada, quando ele acordar, pois ele melhor do que ninguém sabe quem é o criminoso.

Fabíola olhou amargurada, para o pai. Sentiu uma vontade de chorar.

— Por que, papai?! Por que eu tive que passar por tudo isso?! Será que eu sou tão mal assim?! —levantou-se e foi até o pai.

Roberto sentiu o coração partir-se em mil pedaços. Esticou as mãos através das grades e segurou o rosto de Fabíola. Com o dedo secou as lágrimas que escorriam pelo rosto dela.

— Você não é ruim, minha filha. Eu vou tirar você daqui. Custe o que custar.

— Eu estraguei sua campanha. Eu estraguei sua política. Eu manchei o seu nome.

— Nenhuma política ou nome vale mais neste mundo, do que você, filha. Eu a amo e você sabe disso.

Sim, Fabíola sabia bem disso. Seu pai sempre esteve ao seu lado. E nunca deu valor a isso.

Erin...A todo instante pensava nela e ao mesmo tempo não queria pensar. Foi decepcionante saber que Erin não acreditara em si. Mas tudo bem, talvez ela não gostasse de si. Fizera-a sofrer. Entendia. Agora era definitivo. Tanto para Erin, como para si, tudo estava acabado. Não teriam um futuro juntas e não viveriam juntas. Ainda que Erin algum dia lhe pedisse perdão não seria capaz de

ceder. Era por isso que achava o amor muito clichê. Muitas vezes você só acabava se ferrando. Pois é, estava ferrada agora. Sabia que não iria ficar presa. A verdade viria à tona. Uma hora ou outra. Quando saísse daquela cadeia nunca mais queria ver Erin de novo. Estava magoada com ela e não era pouco. Ressentida. Muito. Era para ela estar ali, do outro lado da grade, lhe dando apoio. Mas em vez disso, talvez estivesse ao lado do Leonel.

— Eu também o amo, papai.

O senador fechou os olhos, estarrecido de tristeza, por ver Fabíola atrás daquelas grades asquerosas.

Que tristeza, pensou.

— Não se preocupe, filha. Quem fez isso com você há de pagar um preço muito caro por isso. Acredite no que eu digo. O mal jamais vencerá o bem. Assim como a guerra jamais vencerá a paz.

— Bem, papai, eu já não tenho tanta fé assim, acredito que quem fez isso comigo não irá aparecer tão cedo.

O senador ficou reflexivo.

— Pense positivo. Você vai ver que tudo vai dar certo.

— Eu quero muito acreditar que tudo irá mesmo se resolver. — Fabíola disse duvidosa.

— Eu vou fazer de tudo para tirar você daqui, filha. — Prometeu Roberto, pesaroso.

— Bem, papai, talvez eu prefira ficar aqui.

— Por que isso, Fabíola?! — perguntou abismado.

Fabíola ainda não conseguia tirar Erin de sua memória. Voltou a sentar no banquinho. Cruzou as longas pernas, orgulhosamente.

— Esquece o que eu disse, papai.

— Não pense bobagem, Fabíola. Você pode seguir este meu conselho?

Roberto apertou os olhos e passou as mãos por sobre os cabelos grisalhos.

Fabíola nada disse. Estava um tanto reflexiva a ponto de não querer pensar mais nada que tivesse relação com aquilo. Mas aquilo era um querer quase impossível.

— Sim. Vou tentar — disse amargurada.

Roberto balançou a cabeça. Estava preocupado. Por demais preocupado. Assim que saiu de dentro da delegacia, o senador,

acompanhado por seu séquito de assessores e por dois advogados, entrou numa BMW preta e partiu.

***

Erin não sabia o que pensar. Fabíola fora tão ruim consigo. Uma voz gritava dentro de si dizendo que Fabíola era inocente. Mas ela fora tão mal consigo. Simplesmente tão mal. Sem falar no gênio dela. Forte. Muito forte.

— Vamos indo Marcelle chamou abraçando Ana e Erin.

— Sim, vamos — Erin concordou tristemente.

Erin foi até Juliana.

—Tchau, Ju.

— Ai, amiga. Fique bem. Foi lamentável o que aconteceu — Juliana olhava seria para Erin.

— Espero que o Leonel não morra. — Disse, lágrimas nos olhos.

— Vamos pensar positivo, Erin. Ele vai ficar bem.

— Que Deus o ajude. Leonel não merecia essa maldade.

— E eu não acredito que tenha sido Fabíola — Marcelle interveio.

Juliana apenas ficou em silêncio, olhando para Marcelle. Assim como Erin.

— Eu não sei. Encontraram-na com arma em mãos e tentando fugir. É como diz aquele ditado: quem não deve não teme — Juliana disse ainda que pesarosa.

— Eu não acredito que Fabíola seja uma assassina — Marcelle insistia convicta.

Erin lembrou-se de quando Fabíola dissera que Donatela havia ligado para ela. Donatela vinha de uma família de traficantes. O pai dela já havia inclusive sido preso por tentativa de homicídio e lavagem de dinheiro, juntamente com alguns deputados de quem era advogado e o irmão dela, Dominic Albuquerque.

Despediram-se de Juliana, Kátia, Adriana e o namorado e partiram para a casa.

Dentro do carro, Erin disse:

— Eu não acredito que possa ter sido Fabíola. Ela é um monstro! Se fez isso!

Marcelle olhou para Erin firmemente. Era hora de contar que o mostro da história não era Fabíola Buckholz. Nem jamais seria. Fabíola implorara para nunca contasse o seu segredo para Erin, mas sabia que sua amiga amava

Fabíola e apesar de todo mal que a empresária causara a sua amiga sabia que ela não era uma assassina e que amava Erin. Pôde ver isso nos olhos dela quando ela chorou naquele dia em sua casa, às 06:15h da manhã, contando sobre o seu tenebroso passado.

— Sabe, Erin — Marcelle começou. — Eu nunca pensei que eu ia dizer a você o que eu vou dizer agora — pausou.

Erin olhou para Marcelle assustada com a expressão da amiga.

— Fale, Marcelle. Está me deixando assustada.

— Prefiro conversar com você em seu apartamento.

Erin afundou as mãos no cabelo, com todo aquele mistério e ainda em meio a tudo àquilo, tinha o crime cometido contra Leonel.

Assim que chegaram ao apartamento de Erin, Marcelle fechou a porta e pediu para Ana se retirasse pois precisava conversar a sós com Erin.

— Está bem, tia. Vou estar na cozinha — Ana sorriu.

— Se você quiser pode tomar um suco, um vinho. — Erin ofereceu.

— Obrigada, Erin. Vou fazer isso.

A mulher que estava cuidando de Melissa saía do quarto em que há pouco tinha deixado Melissa dormindo, após ter dado banho e comida a menina.

— Doutora Erin, a Mel dormiu — avisou ela.

Erin fitou a babá. Uma mulher de quarenta e tantos anos.

— Oh, Tiele. Que bom. Você já está liberada. Obrigada, querida. Um beijo.

A mulher sorriu.

— Então já vou, doutora. Amanhã estarei novamente por aqui — disse, simpática.

— Sim, Tiele.

Quando a mulher se reiterou, deixando Marcelle e Erin sozinhas, Marcelle sentou-se e Erin também sentou de frente para ela. Alisava as mãos uma na outra. Era sinal de nervosismo.

— Erin — Marcelle segurou ambas as mãos de Erin nas suas. — Antes de mais nada eu quero que você olhe bem no fundo dos meus olhos e me diga. É realmente a Fabíola que você ama e quer acordar todas as manhãs ao lado dela? Aturar a arrogância e prepotência de Fabíola? Porque você melhor do que ninguém sabe que essas são as características essenciais de Fabíola Buckholz. São características inerentes a ela.

Erin fitou o sofá. Deixou de olhar para Marcelle, que naquele célebre momento estava muito misteriosa. Erin, repentinamente, começou a chorar.

— Sim. É ela que eu amo. Muito. Além da conta, Marcelle.

— Então, minha amiga. — Marcelle comprimiu os lábios e semicerrou os olhos. — Eu tenho que te dizer o monstro da história não é a Fabíola — suspirou. — É o seu pai.

Erin ficou boquiaberta. Respirou com dificuldade. O ar parecia ter fugido completamente de seus pulmões. Tremeu. Tremeu violentamente.

Pai.

A palavra estava como um eco em sua cabeça. Como um CD arranhado. Repetindo diversas vezes.

A realidade lhe caía fria.

Fria e dura como uma chuva de granizo.

Desesperou-se!

Capítulo 25

A porta da casa dos Feller foi aberta num estrondo pavoroso. Erin vislumbrou seu pai de pé, próximo a um piano, ouvindo sua mãe tocar. Furiosa, caminhou com a face lhe queimando de raiva, foi até o homem de alta idade, alto, cabelos brancos e olhos verdes. Espalmou as duas mãos no peito dele. Rangeu os dentes, irada.

— Monstro! — Gritou chorando e batendo os punhos no peito do pai. — Você é um monstro! — O choro era de desespero.

A senhora Feller assustou-se com o que via. Durante toda sua vida nunca vira a filha tão transtornada como ela estava naquele.

— Erin, o que é isso minha filha? — perguntou desorientada. Aproximou-se da filha.

— Pergunte a ele, mamãe. — Erin disse chorando e jogou-se no chão, ajoelhada. — Pergunte o que ele fez, mamãe, com a família Buckholz, dez anos atrás. Pergunte, mamãe! — Gritou, ajoelhada, testa colada no chão frio.

A senhora Feller olhou para o marido. E já sabia o que havia acontecido naquele dia terrível. Mesmo assim decidira perdoá-lo. Não fora fácil. Edward estava muito fora de si, assim dissera.

— Filha por favor, acalme-se — pediu Edward, longe da filha.

Erin levantou a cabeça.

— Eu nunca vou perdoá-lo, papai! O senhor, para mim, morreu.

O meu herói — chorou ainda mais alto. Decepcionada. As lágrimas angustiantes desciam do seu rosto gradativamente. — Sabe aquele herói? Ele morreu. Ele não existe mais para mim! Nunca mais! — Levantou-se do chão e correu para a porta.

— Filha, espere, por favor! — Pediu a senhora Patricia Feller.

Temia pelo estado de nervosismo que estava a filha. Era deplorável, saber que Erin tinha, de alguma forma, descoberto o passado e tivesse odiando o pai agora. E com razão.

Edward Feller fora realmente um monstro. Somente monstros perversos e sem coração faziam o que ele fora capaz de fazer. Fora triste.

— Não, mamãe! — Erin falou alterada.

— Filha, você não pode dirigir desse jeito.

Patricia fez um gesto com a mão, mas Erin não lhe deu ouvidos. Parecia fora de si. Completamente. Incrível era o estado de alteração que estava Erin.

— Posso e vou!

Erin não ouvia ninguém. Tudo que queria era pensar que aquilo era um pesadelo e que logo iria acabar. Mas para a sua tristeza, não era. Era tudo tão real. Como eles puderam esconder tal brutalidade? Bateu a cabeça no banco do carro. Suas mãos trêmulas soavam, ao segurar firme o volante.

Fabíola.

A cada hora que pensava nela seu coração vacilava.

— Erin, por favor me escute!

A senhora Feller gritou da porta, mas sabia não adiantar. Se bem conhecia Erin, ela não lhe daria a mínima.

— Erin, por favor!

Edward tinha no rosto um amargo arrependimento.

Sacudiu a cabeça, repudiando a si mesmo—. Memórias do passado logo lhe fustigavam a mente. Buscou os braços confortantes da esposa. Abraçou-a fortemente. Se Erin nunca mais quisesse olhar para si teria razão.

Erin saiu arrastando pneu.

O cheiro de borracha queimada ficou para trás.

Dirigiu diretamente para a casa de Fabíola.

Tudo o que sabia fazer era chorar de raiva, de medo de perder Fabíola.

De nunca mais ter o perdão dela.

Passou uma das mãos pela testa.

Parou o carro frente à mansão e caminhou para a porta. Quando tocou a campainha, Denise veio abrir.

— Denise onde está a Fabíola? — indagou sem a mínima paciência.

Denise ficou silente, aparentemente refletindo a resposta. Fabíola lhe ordenara, quando saiu da cadeia, para não deixar ninguém, absolutamente ninguém, entrar ali. Então não queria arriscar o seu emprego, jamais o teria de volta, caso Erin entrasse seria demissão na certa. Portanto, sentia muito, mas não deixaria a doutora entrar. Infelizmente.

— Senhorita, eu tenho ordens para não deixar ninguém entrar — disse ainda que receosa. Gostava muito de Erin. Não deixá-la entrar estava sendo muito pesaroso para si. E sua patroa estava transtornada.

Erin sacudiu a cabeça, agitada.

Denise tinha mesmo que complicar as coisas justo naquela hora?!

Passou as mãos pelo rosto.

— Denise, por favor, me deixe entrar ou eu vou pular a sacada! — fez um gesto impassível com as mãos.

— Mas senhorita.

— Denise, por favor, deixe-me entrar, eu imploro, deixe-me entrar. Ela precisa de mim, Denise —chorou.

Denise se assustou.

Perguntou-se o que era aquilo, pois sua patroa também estava chorando horrores no quarto.

— Senhorita, eu vou perder o meu emprego.

— Se eu pular a sacada você vai perde-lo de qualquer jeito. Abra essa porta! — Erin interrompeu-a, veemente.

Denise se rendeu e abriu a porta.

Não adiantava querer formar uma linha de frente de batalha naquela guerra entre sua patroa e a doutora, pois sabia que ambas estavam do mesmo lado, embora se dissessem inimigas. E quem iria sair perdendo no fim era tão somente sua pessoa. Assim sendo, tomou a incerta decisão.

Assim que a porta foi aberta Erin entrou por demais apressada e trêmula. Estava em tempo de ter um ataque fulminante.

— Onde ela está? — encarou Denise com um olhar firme.

Denise balançou a cabeça em negativa. Erin estava lhe colocando contra a parede.

— Não posso dizer.

Erin sacudiu as mãos. Caminhou para mais perto de Denise. Quase lhe segurou os ombros.

— Denise, não complique mais as coisas, por favor — sacudiu a cabeça, inconformada.

Denise estava pasma. Decidiu falar. Erin já estava dentro da casa mesmo. Não faria diferença alguma, agora, dizer a ela onde sua patroa estava. Pois o pior já havia passado: Deixara Erin entrar!

— Está no quarto dela — disse lentamente.

Erin deixou Denise para trás e subiu as escadarias correndo. Viu que a porta do quarto de Fabíola estava fechada, mas havia uma outra porta por onde entrar, correu até esta e quando por fim entrou, viu que Fabíola estava ajoelhada no chão, chorando.

— Fabíola — correu até ela e ajoelhou-se ao seu lado. — Meu amor, olhe para mim. Por favor. Eu sei o que ele fez. Por favor, me perdoe — pediu chorando. — Me perdoe, Fabíola. Por favor me perdoe — Erin a abraçou forte, enquanto Fabíola se desmanchava em lágrimas. — Você não vai me dizer nada, Fabíola? Me diga alguma coisa! Pelo amor de Deus. Me diga alguma coisa — pediu desesperada.

Fabíola afastou Erin. Levantou.

— Eu não posso perdoar você, Erin — disse chorando. — Nem sua família — sacolejou a cabeça.

Erin pensou que fosse desmaiar.

— Por favor, Fabíola. Eu não a culpo por ter fugido todos esses anos, mas mantenha a cabeça erguida, meu amor — correu até Fabíola e tentou abraça-la, mas foi impedida.

Fabíola caminhou até a janela do quarto e ficou a fitar a rua, enquanto as lágrimas ainda lhe lavavam o rosto triste.

— Sabe, Erin, quando você é pobre você não tem valor. Eu senti isso. Como senti — lágrimas escorriam pela sua face, frequentemente. — A justiça não serve para os ricos e poderosos, Erin, porque aqui é o Brasil. Então eu lutei com todos as minhas garras, porque eu prometi para mim que destruíria a família Feller um dia — só não contava em se apaixonar perdidamente por uma

Feller, pensou consigo. — Nós éramos pobres Erin, tínhamos apenas uma pequena loja aqui em Florianópolis, mas então, meu pai entrou para o ramo da política e ganhou pela primeira vez como vereador e investiu o dinheiro na loja, então a loja só foi crescendo até se tornar uma empresa. A grande e respeitada empresa Buckholz's. Pena que a minha mãe não esteja conosco para ver aonde chegamos.

— Por favor, Fabíola.

— Deixe-me falar. Você sabe que o que eu fiz você passar não foi nem metade do que eu passei. Por causa da imperícia do seu pai, a minha mãe morreu naquele hospital. Abandonada. Você sabe o que é a imperícia não é, a inobservância das precauções necessárias, quando o médico assume riscos para o paciente sem respaldo científico para seu procedimento. A imperícia do seu pai se associou à imprudência, então ele induziu uma anestesia sem ter à mão uma fonte de oxigênio e uma cânula para intubação traqueal! Dolo! Foi o que o seu pai cometeu. Dolo, aquele cometido voluntariamente, sendo inadmissível que um médico o venha a comete-lo. Trata-se, pois de um crime! Mas o seu pai não foi punido por isso — rangeu os dentes — mas não foi só, Erin, você sabe quanto tempo eu passei sentido nojo de mim? — Voltou-se para Erin, seus olhos estavam vermelhos, indicando que já chorara muito — por ter sido abusada, por ter sido tocada pelas mãos sujas, pelo o corpo sujo de seu pai?! Naquela noite em que a minha mãe também se fora! Não, você não sabe quanta dor eu senti. Pode não ser nada ou mesmo uma bobagem para você porque não foi você quem passou por isso — chorou — você não sabe, Erin, porque você nunca foi tocada contra à sua vontade. Você não tem ideia do quão repugnante é. Ninguém, Erin, quer ser vítima de um abuso sexual. Eu tinha apenas dezoito anos. Tudo o que você pode sentir é repugnância de si mesma pelo resto de sua vida. Eu senti vontade de matar o seu pai. Mas você, Erin...Quando eu vi seu rosto no hospital...Eu estava ainda me tratando. A dor do passado estava adormecendo pouco a pouco, mas aí você me apareceu e salvou minha vida e eu desejei você ardentemente.

Erin abraçou Fabíola. Beijou toda sua face molhada por lágrimas misturando, assim, suas lágrimas às dela.

— Fabíola, por favor me perdoe. Eu imploro que me perdoe. Eu amo você, Fabíola — segurou o rosto da empresária entre suas mãos. — Amo você do jeito que você é. Você não será menos mulher por isso. Porque ele tocou você. Eu amo você mesmo assim. — Abraçou Fabíola fortemente. — Por favor — Erin olhou para Fabíola, beijou-a novamente. Ambas choravam. Sofriam. Era doloroso para as duas. — Você me tem, você tem a Mel. Deixe-nos ser sua família. Eu imploro a você Fabíola.

Fabíola recostou a cabeça de Erin em seu peito e beijou-lhe o alto da cabeça.

— Eu não posso, Erin, eu não posso perdoá-la. Toda vez que eu olhar para você é dele que vou lembrar. Vou lembrar que ele abusou de mim e que matou a minha mãe. Já foi doloroso demais ter retesado o que eu poderia ter feito com o seu pai, por causa de você. Eu procurei por sua família, procurei demais. Mas não os encontrei, então decidi deixar o passado morrer, a única que encontrei foi somente você, aquele dia no hospital.

Erin olhou fixamente para a empresária e tremeu. Estava perdendo Fabíola. Não poderia perde-la. Sua vida seria tão estranha sem ela. Sem o abraço dela.

—Eu não sou ele, Fabíola. — Falou por entre lágrimas.

Fabíola fechou os olhos. Perdoar Erin seria, também, perdoar o pai dela. Formar uma família com Erin seria, também, formar uma família com o pai dela. Não era isso que queria.

— Mas você é a filha dele.

Erin abraçava como se tivesse medo de soltá-la. Beijou-lhe a face, os ombros, os lábios.

— Fabíola, por favor...Eu amo você — disse chorando rios.

— Eu não posso, Erin, é melhor você sair da minha vida. Vamos esquecer tudo isso. Tudo o que você precisa fazer é ir. É sair da minha vida.

— Por favor, Fabíola, não faça isso com a gente. Eu imploro — abraçou Fabíola ainda mais forte. — Eu me ajoelho aos seus pés, mas por favor me perdoe! Eu não peço para que você o perdoe. Pois o meu pai não merece o seu perdão. Mas eu não tenho culpa, Fabíola.

— Levante-se, Erin. Eu não mereço que você faça tal ato de misericórdia e degradante também. Nenhum ser humano é digno de ter alguém de joelhos aos seus pés.

— Fabíola por favor! Você tem o meu corpo! Se você quiser você tem! — Abraçou as pernas de Fabíola.

— Vá. É melhor você ir. — Fabíola disse. Coração partido. Olhos vermelhos e cheios de lágrimas—. Segurou as mãos de Erin e afastou-se.

Erin pensou que fosse morrer.

— Eu só quero que você saiba que eu amo você — disse soluçando. — Saiu do quarto e deixou Fabíola sozinha. Podia ouvir o choro dela. Seus passos estavam pesados. Sentia o peso nos ombros, como se o mundo tivesse caído sobre estes. Como o seu pai pudera fazer isso? Como?! Matar uma mulher ainda achar pouco e abusar da filha dela. Fabíola tinha razão. Não haveria como não lembrar do homem que a sacaneou, quando olhasse para a filha dele. Não tinha como. Nunca havia passado por tal brutalidade, mas sabia que toda e qualquer vítima de um ato tão profano assim só poderia repudiar a si mesma e precipuamente a quem cometera o ato. Deixou a casa de Fabíola e entrou no carro, transtornada. Sentia o coração pesando. As lágrimas a impedia de enxergar com clareza. Ligou o carro e pisou fundo o pé no acelerador. Dirigia a mais de 120 km/h. O estridente barulho dos pneus do carro de Erin dirigindo pela estrada poderia ser ouvido por Fabíola. E não era típico dela dirigir tão rápido.

Erin não conseguia parar de pensar que Fabíola jamais a perdoaria. Segurou firme a direção do carro e de repente na sua frente surgiu um extenso clarão. Como um raio, um desfecho de luz que logo se apagou, levando-a uma absoluta escuridão. Fechou os olhos por um momento, quando abriu viu que ao cruzar a curva da estrada um farol lhe ofuscou a visão por completo. Foi a última coisa que vislumbrou antes de seu carro sofrer um forte impacto com um outro veículo.

O carro rodopiou pela pista. Logo em seguida capotou duas vezes. Vidros estilhaçaram para os lados. A lataria arranhando no asfalto criou um breve feixe de faísca reluzente amarelada.

Mas infelizmente Erin já não poderia sentir, nem ver mais nada. Estava inconsciente e ferida. O seu corpo estava inerte, dentro do carro, preso ao cinto de segurança. O carro estava com os quatro pneus voltados para cima e o teto voltado para baixo, A lataria estava por completo amassada.

O dono da caminhonete que se chocara contra o carro de Erin estava podre de bêbado. Ele vinha na mão errada. Infelizmente a pista não era duplicada, naquele ínfimo local.

Irresponsável!

Como sempre o álcool era fator primordial na vida daqueles que muitas vezes sofriam acidentes em BRs ou trânsitos caóticos nas grandes metrópoles, perdendo assim suas tão preciosas vidas.

O acidente fora horrendo e barulhento.

Todo mundo sabia como acidentes de veículos eram horrendos.

Podia-se sentir o cheiro de borracha queimada e gasolina. Assim como portas quebradas, lataria amassada e vidros fatalmente destruídos.

E fogo!

***

Marcelle tinha acabado de dar banho em Melissa. Pois prometera a Erin que cuidaria bem da Mel, enquanto ela iria tentar se resolver com Fabíola. Era agora ou nunca mais, torcia para que tudo desse muito certo.

Ouviu o telefone tocar e foi até lá, atender.

— Alô, Marcelle?

Era Kátia ligando do hospital para avisar sobre o acidente de Erin.

Marcelle percebeu que Kátia parecia nervosa, pela voz.

— Sim, Kátia. O que houve?!

— A Erin sofreu um grave acidente — avisou.

— O que?!

Marcelle ficou estarrecida.

— Sim, amiga. É isso mesmo.

— Meu Deus, Kátia! Não! — Marcelle segurava Melissa nos braços. — Quem está aí com ela?

— Ninguém da família.

— Eu estou indo aí imediatamente.

— O estado dela é grave — Kátia disse.

— Certo. Já estou indo. Ela está sob os cuidados de quem?

— Doutora Kalarjian — Kátia respondeu.

— Está bem, Kátia. Então ela está em boas mãos. Daqui a pouco chego por aí.

Marcelle desligou o telefone e discou o número de Fabíola. Ninguém atendia. Tentou novamente.

— Alô! Fabíola?! — gritou, quando por fim atenderem.

— Não, é a empregada.

— Por favor eu gostaria de falar com Fabíola — estava gelada de tanto nervoso.

— Ela não pode atender — Denise disse.

—Por favor, senhora, passe o telefone para ela. É coisa de urgência — Marcelle abriu logo o jogo com a empregada — A doutora Erin sofreu um acidente. Ela precisa saber disso.

— Santo Deus! — Denise colocou a mão no rosto e correu para avisar a sua patroa.

— Quem disse isso a você, Denise?! — Fabíola levantou da cama, trêmula. Temia por Erin. Secou as lágrimas, mas já sentia vontade de chorar de novo por saber que Erin não estava bem.

Fabíola desceu desesperada de cima para baixo. Pegou o telefone.

— Alô, Marcelle?!

— A Erin sofreu um acidente, Fabíola. O estado dela é grave — disse num suspiro triste.

— Em que hospital ela está? — Fabíola já se sentia débil.

— Santa Mônica.

— Estou indo para lá agora mesmo.

Fabíola gelava. Pegou as chaves do carro e saiu de casa feito um louca. Assim que chegou ao Santa Mônica encontrou Marcelle sentada num banco com Melissa nos braços.

— Marcelle, onde ela está? — perguntou nervosa — Eu preciso vê-la agora mesmo! — Disse histérica. Andando de lado para o outro, não conseguia pensar em mais nada além de que Erin ficasse bem. Não viveria sem Erin.

— Ela está sendo operada, Fabíola. É melhor que você se sente. Acalme-se por favor. Sei que é uma mulher sensata.

— Fá — Melissa esticou os braços e Fabíola segurou-a.

— Oi, meu bebê — Fabíola beijou a face rubra da menina. Sentou e acolheu Melissa em seus braços.

Marcelle olhou para Fabíola surpreendida. Aquela fala era de Erin.

Fabíola fechou os olhos.

— Você acha que ela vai ficar bem Marcelle?! — sua expressão demonstrava preocupação.

— Oremos para que sim.

Kátia apareceu na sala se espera do hospital.

— Onde está a Erin?! — Fabíola foi até Kátia e sacudiu a enfermeira pelos ombros.

— Ainda não temos notícias dela — respondeu a enfermeira.

— Eu preciso vê-la agora!

Fabíola estava agoniada.

— Calma, Fabíola. Por favor não adianta complicar mais as coisas.

— Eu preciso vê-la, Marcelle — sacolejou a cabeça a ponto de deixar suas lágrimas caírem de novo. Pressionou uma das mãos na testa enquanto com a outra segurava Melissa.

— Não há nada que eu possa fazer para você vê-la. Eu sinto muito, Fabíola.

— Marcelle, eu amo a Erin. Demais. Você acredita em mim, Marcelle? O amor que sinto por Erin, é incondicional. Eu sempre a amei, desde o dia que a vi no hospital. Senti necessidade de tê-la em meus braços.

— Eu acredito em você. Erin é uma mulher fácil de se amar. Mas você deveria ter deixado esse seu orgulho de lado e ter dito isso a ela quando teve a chance e não a mim. — Marcelle repreendeu. — Não adianta chorar pela bebida derramada. Deveria ter deixado esse seu maldito orgulho de lado e ter dito que a amava. Tudo teria se resolvido simplesmente. Sei que não foi fácil passar pelo que você passou. Mas esqueça o passado, Fabíola. Erin não tem culpa, assim como esse anjo que está em seus braços e que

ama você. Veja só como ela te abraça. Como olha para ti com amor. Assim como a mãe dela.

Fabíola olhou para Mel. Aquela criaturinha minúscula e inocente.

— Eu amo você, Mel.

Melissa sorriu.

— Fá...amo Fá.

Melissa beijou o pescoço de Fabíola.

— Eu vou cuidar de você e da sua mãe, Mel.

Depois de horas e horas de espera a doutora Kalarjian parou de frente para Fabíola, Melissa, Marcelle e disse:

— A minha menina passa bem!

Marcelle fitou Ellen Kalarjian. Era aquela a ex-professora com quem Erin se envolvera sexualmente durante a faculdade. Foi com quem Erin tivera sua primeira relação sexual. E também fora o primeiro amor de Erin. Kalarjian era uma mulher séria, dona de si, culta, muito bonita. E não aparentava ter tal idade.

Era melhor ficar em silêncio e não dizer nada, Fabíola do jeito que era só iria ficar enciumada e complicar ainda mais as coisas.

— Graças a Deus! — disse e pulou da cadeira deu um forte abraço na doutora, outro em Fabíola e Melissa.

Erin passava bem.

Fabíola sorriu e abraçou forte, Melissa.

— O meu amor passa bem — Fabíola disse olhando para Kalarjian. — Obrigada doutora. — Segurou a mão bonita e sensível de Ellen Kalarjian.

Kalarjian fez um gesto de cabeça, olhou durante algum tempo para Fabíola e Melissa e afastou-se.

O seu amor passava bem, Fabíola pensou.

Era hora de dizer a ela que amava perdidamente.

***

Depois de cinco dias, há dois dias Leonel acabava de acordar do coma. A bala entrara pela cabeça um pouco acima da orelha direita e perfurara lateralmente o crânio, atingindo ossos da face e da mandíbula, além de músculos e pele, e se alojou embaixo da língua.

Ambos os pais de Leonel estavam ao lado dele.

Leonel há um dia havia revelado que a autora do crime havia sido Donatela. A mesma estava foragida da polícia. E Fabíola já há muito havia sido solta. A mãe chorava loucamente descontrolada. Segurava a mão do filho como se soubesse que ele iria partir a qualquer momento. Os médicos haviam informado que o estado de Leonel ainda era crítico. Ele respirara durante todos aqueles dias através de aparelhos e com muito esforço podia falar em tom baixo. A mãe olhou para os cabelos castanhos do filho. A boca roxa, pele pálida e a cabeça enfaixada.

— Eu amo você! — Disse a mãe, desmanchando-se em lágrimas.

Uma grossa lágrima escorreu do olho de Leonel.

— Não nos deixe, meu filho — Pediu o pai.

Num esforço sobre-humano Leonel moveu um pouco a cabeça e disse que queria falar com o Rodrigo.

— Eu vou chama-lo.

Falou o pai.

Rodrigo entrou olhando para o primo com certo arrependimento.

Leonel pediu para que os pais saíssem pois queria falar a sós com Rodrigo.

E assim os pais fizeram.

— Rodrigo...Escreva para mim uma carta.

Rodrigo saiu do quarto atrás de um papel e uma caneta, quando voltou, sentou numa cadeira ao lado da cama e se pôs a passar para o papel as palavras proferidas por Leonel.

— Eu já sei, primo. É para a Erin. — Disse Rodrigo.

Leonel assentiu.

No alto da parede frontal, da cama, um repórter dizia na TV:

"Esta manhã, quarta-feira (17), uma mulher identificada com Donatela Albuquerque de Souza (30), foragida da polícia, cometeu suicídio. A foragida atirou-se da ponte Pedro Ivo, em Florianópolis. A equipe do JSC TV teve acesso ao vídeo gravado por um cinegrafista amador, no exato momento em que a mulher identificada como Donatela, havia fatalmente se jogado de uma altura de 1252 metros, onde teve a cabeça estilhaçada, ao bater em uma das colunas de sustentação da estrutura de concreto e caindo logo em seguida,

dentro do mar. O corpo foi retirado está manhã, momentos depois de o suicídio acontecer."

Após ver a cena trágica, o monitor cardíaco começou a dar sinal. Devido não a bala, mas ao envenenamento. Leonel estava morrendo. E estava ironicamente morrendo, após ter visto sua assassina também MORRER.

Um dia conta chega a bastante cara.

Capítulo 26

Na saída do hospital Erin segurava a filha nos braços.

Do lado de fora Fabíola a esperava.

Ellen Kalarjian, de longe, olhava para Erin, que parecia desconfiada e inocente. Um dia no seu passado, já fora apaixonada na menina doce que Erin fora. Aquele tempo já havia passado. Evaporado. Havia sido suprimido por novos tempos e novas pessoas. Desejava tudo de bom que a vida pudesse oferecer a Erin, pois era uma mulher de caráter sensacional. Não deixava nada a desejar. E se o destino não quis que tivessem ficado juntas compreendia perfeitamente. Deixar Erin fora uma das coisas mais tristes e duras que já fizera na vida, mas sobrevivera. Daquele tempo em diante já ficara, namorara, casara, separara, enfim...Aproveitara a vida. Hoje estava namorando com uma juíza: Paula Guitarrez. E a amava.

Erin olhava para o seu antigo e seu atual amor. Sorriu para a doutora Kalarjian e voltou a olhar para o grande amor de sua vida: Fabíola Buckholz.

Fabíola vestia uma calça jeans de cor cinza, um sapato alto, preto com acabamento vermelho, uma blusa branca e uma jaqueta preta por cima da blusa. Uns óculos escuros cobriam os olhos azuis.

Erin nunca havia visto Fabíola de modo tão casual, como ela estava naquele momento e ainda assim, não deixava de ser bela.

— Fá!!! — Melissa começou a se debater nos braços de Erin e apontava a mãozinha infantil para Fabíola. — Eiii, Faaaaa!!!

Fabíola se aproximou e sorriu ao ouvir a voz de Melissa e a alegria da menina.

— Precisamos conversar — disse e tirou Melissa dos braços de Erin, para que ela não fizesse qualquer esforçou. A menina abraçou fortemente a empresária. Beijou-lhe a face.

Erin sentiu uma alegria inundar o seu corpo.

— Sim, precisamos — concordou.

Fabíola caminhou em direção ao carro, abriu a porta para que Erin entrasse, em seguida acomodou Melissa em sua cadeirinha no banco de trás. Dentro do carro ficou a olhar para Erin por um bom tempo e por algum motivo sabia que enfim encontrara o caminho de volta para casa, depois de tanto tempo perdida em si. Sorriu.

Erin podia ver o sorriso lindo de sua amada. Gostaria muito de ter uma câmera fotográfica em mãos para tirar uma foto dela naquele raro momento em que ela sorria livremente. Parecia feliz.

— Você está bem? — Fabíola perguntou segurando a mão de Erin nas suas.

— Sim — suspirou. — Melhor agora.

— Você quer ir ao seu apartamento ou a minha casa?

Erin pensou que o seus pais estariam em seu apartamento. Portanto, melhor seria não ir para lá.

— Para sua casa — disse.

Fabíola assentiu. Ligou o carro e deu partida. Quando chegaram à mansão Fabíola tratou de acomodar Erin em seu quarto. E enquanto Erin dava banho em Melissa desceu e foi até a cozinha, preparar um jantar, dera folga coletiva aos seus empregados. Afinal era janeiro. E daria mais outros dias de folgas, queria curtir Erin e Melissa.

Fabíola acabava de colocar um vinho sobre a mesa, quando Erin abraçou-a por trás.

Fabíola sorriu e segurou as mãos de Erin contra sua barriga.

— Você se sente bem, Erin? Você sabe o que pode acontecer com esse abraço? — indagou sedutora.

Erin beijou as costas dela. Fabíola sentiu um arrepio involuntário percorrendo o seu corpo.

— Não, não sei — Erin disse atrevida.

Fabíola gargalhou.

— Pois devia saber — disse voltando para Erin.

Erin esperou por um beijo, mas Fabíola se afastou.

— Vamos jantar e conversar, ok? — Fabíola disse, acomodando-se em uma cadeira. — E a Melissa?

— Dormiu Erin disse acomodou-se numa cadeira de frente para a de Fabíola. — A Donatela morreu — comentou.

Fabíola não se surpreendeu.

— Que bom — disse sem receio.

— A Marcelle ligou há pouco informando. Pensei que você já soubesse.

— Maravilhoso — Fabíola festejou. — Estive ocupada, pensando em você.

Erin lembrou-se do dia em que acusara Fabíola. Ficou cabisbaixa.

— Fabíola — chamou desconfiada.

Fabíola olhou para o modo engraçado da doutora.

— Oi? — falou suavemente.

— Desculpe, por aquele dia ter chamado você de mostro e ter duvidado de você.

— E o quê mais? — Fabíola colocou um dedo sobre a fonte e recostou o braço na mesa.

— Como assim "o que mais"?

— Levante a cabeça, Erin — Fabíola pediu.

— Eu não consigo olhar para você.

Fabíola estranhou.

— Por quê? — Quis saber.

— Não sei respondeu.

— Venha aqui Fabíola — chamou de modo brando.

Erin olhou para ela.

— Venha aqui, Erin — chamou novamente.

Com toda indecisão possível Erin se colocou de pé e foi até o outro lado da mesa onde estava Fabíola. Fabíola segurou-lhe a mão e acomodou-a sobre suas pernas.

— É tão bom que você esteja aqui, Erin — disse olhando bem no fundo dos com olhos de sua querida.

Erin sorriu e encostou a sua testa na de Fabíola.

Estava tão feliz. Agora tinha Erin e Melissa. Sentia-se uma nova mulher. Sem dores, sem passado, sem angústias lhe atormentando a mente. Era tão bom estar em casa. Sentir-se quente e acolhida pela mulher que amava. Não sabia descrever o quão feliz estava. Nem todo o dinheiro do mundo poderia comprar sua felicidade,

aquele momento o qual estava vivendo agora. Simplesmente sensacional.

— Eu amo você, Fabíola.

Erin desnudou os seus sentimentos completamente.

— Depois de tudo o que eu fiz? — Fabíola perguntou.

— Sim. Deixemos o passado de lado. Vamos enterrá-lo. Construiremos um novo futuro juntas. Eu e você e a Mel.

— Quer construir um futuro comigo, então?

— Sim. Sem dúvidas.

— E se eu não for uma pessoa boa?

— Tenho certeza de que você não é má.

Uma chuva torrencial começou a cair lá fora. Era chuva de verão. Talvez uma frente fria, pois desde cedo que a temperatura caíra. O tempo no sul era louco. Ora estava calor, ora estava frio. Vai entender o tempo.

— Você quer ia lá na sala? Está meio frio, não acha?

— Sim, está — Erin concordou e saiu de cima das pernas de Fabíola.

Fabíola pegou o vinho e as taças.

Ambas caminharam até sala, Fabíola ligou um minúsculo som e com a música Kiss Me de Ed Sheeran.

Caminhou até Erin e segurou as duas mãos dela, colou-as sobre seus ombros. Logo depois enlaçou-a pela cintura. Olhando fixo nos olhos de Erin, ao som da melodia, iniciou uma dança lenta e apaixonada.

— Vamos dançar, doutora, ao som desta bela melodia — encostou uma das faces na de Erin, e corpos colados começaram os passos de dança apaixonada. Minutos depois se acomodaram num tapete de peles que ficava de frente para a lareira. Erin encheu uma taça com vinho e sorveu quase todo o conteúdo.

— Vá devagar com o vinho doutora, deitar-me com uma mulher bêbada seria horrendo — Erin sorriu.

— OK. Garanto que estou sóbria. — Acomodou-se entre as pernas de Fabíola. — Sempre que você olhar para mim e para a Mel, você vai lembrar dele...

— Não, Erin, eu vou lembrar de você. Eu odiava não te odiar. É tão fácil amar você. Você é tão linda, tão branda, tão calma, tão

delicada. No jeito de falar no jeito de agir, seria impossível não amá-la. Você me limpou, Erin. Completamente. Você era metade que faltava em mim.

— Você está dizendo que me perdoa?

— Pode apostar que sim. Porque eu amo você e a Mel.

Erin a beijou.

— Eu também amo você.

— Você gostaria de viajar para algum lugar? Quem sabe Dublin, Atlantic City, o Arquipélago de Fernando de Noronha é um belo lugar — Fabíola inquiriu.

Erin voltou-se para ela e tirou-lhe a taça de vinho das mãos.

— O único lugar para onde quero viajar esta noite é o seu corpo — Erin beijou sua amada, ardentemente.

Fabíola tirou o vestido de Erin, em seguida tirou as próprias roupas. Inclinou-se sobre Erin e beijou cada um dos seios, sugou, mordiscou cada um dos bicos rígidos.

Enquanto as chamas dançavam na lareira as duas mulheres faziam amor apaixonadamente sob o reflexo da luz tênue das chamas douradas. Dois corações sofridos, que encontraram o amor uma nos braços da outra. Já não havia mais segredos. Depois de algum tempo Fabíola disse:

— Você quer casar comigo?

Erin sorriu transbordando de felicidade.

— Sim!

Era a única coisa que poderia responder naquele momento.

***

De frente ao mar um séquito de pessoas vestidas não de preto, mas de branco, porque o preto era luto, mas não era sob a sombra do luto que as pessoas precisavam viver e sim sob a sombra da tão almejada paz.

Para ser cremado o corpo de Leonel, os pais tiveram de relutar com advogado por uma ordem judicial, já que a morte de Leonel não fora natural.

Pétalas foram jogadas antes da cremação sobre o caixão neon de cor azul; a canção leve: *Não sei porque você se foi* na voz de Pe-Fabio de Melo aos ouvidos faziam da cremação um momento que

mexia com o sentimento das pessoas responsáveis por conduzir a cerimônia e também pelos presentes.

Enquanto as cinzas eram jogadas ao mar, pelos pais de Leonel, estes se desmanchavam em lágrimas.

— Erin, isso é para você — Rodrigo entregou um papel a ela.

Segurada na mão de Fabíola e na de Melissa, Erin segurou o papel e Fabíola pegou Melissa nos braços e abraçou Erin.

Com o papel nas mãos trêmulas Erin começou a ler, lágrimas já escorriam por sua face.

"Bem, meu amor, talvez quando você estiver lendo esta carta eu já não esteja mais tão perto assim, mas eu quero que você saiba que onde quer que eu esteja sempre irei te amar. Talvez não tenha sido nesta vida, mas quem sabe na próxima nossos caminhos novamente estejam unidos. O lugar para onde estou indo talvez não seja tão bonito como era quando eu estava ao seu lado, mas saiba que em todas as manhãs quando o sol nascer eu estarei do alto iluminando os seus dias e os dias de minha querida Mel. Feliz é aquele que busca e encontra o amor, e eu acho que você não buscou, mas foi buscada pela mulher que agora está ao seu lado. Eu poderia dizer que a morte é doce ou amarga, mas a morte no fim e nada. Apenas deixamos de viver. Eu sempre vou amar você."

Erin olhou para Fabíola e chorando, abraçou-a.

Abraçou fortemente sua futura esposa, e sua filha.

Assim que voltaram para casa, à noite, Erin deitou-se e Fabíola deitou ao seu lado.

— Agora somos nós. Eu, você e a Mel.

Quando Erin disse isso Fabíola beijou-a.

— Te amo doutora — sussurrou bem perto da boca de Erin.

— Bem, eu acho que você já está cansada de saber que eu também a amo loucamente.

— Bem, eu gosto de ouvir você dizer que me ama sempre. — Ajudou Erin a colocar-se sobre o seu corpo. Erin inclinou-se e abraçou sua amada.

— Estou com uma vontade de fazer amor com você. — Falou baixinho, ao ouvido de Fabíola.

— O meu corpo é todo seu, assim como também o meu coração. Meu amor, minha futura esposa, minha namorada e

amante. Todos os dias me apaixono por você, Erin.

— E eu por você. Afinal, isso se chama amor: apaixonar-se pela mesma mulher todos os dias.

Epílogo, Final

Dias depois...

Era a primeira vez que Erin e Fabíola iam ao Farol Santa Marta, em Laguna, que ficava bem próximo do mar.

A água azul mudava os tons perto do entardecer.

A paisagem era de cores vibrantes à medida que o sol buscava o horizonte.

Sentada sobre a grama verde que rodeava o farol, Erin passava uma das mãos por uma das sobrancelhas finas de Fabíola, que estava deitada na grama e com a cabeça em seu colo.

— Essa nossa lua de mel está sendo maravilhosa — disse Erin, sorridente e feliz demais por enfim está verdadeiramente casada com a sua amada.

Fabíola segurou a mão de Erin, onde estava a grossa aliança de ouro, que no seu interior tinha marcado as letras F & E.

— Qualquer lugar será maravilhoso, desde que eu esteja com você — Fabíola beijou a mão de Erin.

— Eu ainda sinto tanto.

— Pelo passado? Bem, o passado já foi enterrado. Já passou. Ficou para trás, lembra, meu amor? Eu te amo, Erin.

— Bem, eu acho que você já sabe, que eu também te amo. Mil vezes te amo. Te amei, Fabíola, não é engano, lembro-me daquele dia em que você chegou ao hospital, acidentada. Eu não poderia deixar você morrer, meu amor. Se não o que seria de mim agora?

Fabíola sorriu e beijou a barriga de Erin, por cima da camisa branca e fina dela.

— Eu é que o diga: o que seria de mim sem ti? Jamais pensei te amar, Erin. Mas quando a vi. Quando você chorou no dia em que

a Mel foi tirada de você, quis te abraçar, mas era ruim de eu admitir. Não queria admitir nem para mim mesma. Imagine para os outros.

— Você como sempre orgulhosa. Mas boa.

— Em que sentido? — Fabíola piscou para Erin.

Erin sabia que Fabíola estava levando o "Boa" para outro lado. Sorriu, gostando.

— Fabíola, você sempre tem que pensar em...

— Sexo?! Mas eu não falei nada — gargalhou.

— Sei. Mas, não é uma má ideia, meu amor.

— Não mesmo. — Fabíola concordou.

Seis anos depois

A vista do Mirante do Morro das Pedras, em Florianópolis, era sempre linda. Podia-se olhar até onde o olhar alcançava, pois a visão era sempre mágica, não importava a hora, nem o dia. O Mirante do Morro das Pedras era como um guardião da beleza natural privilegiada da cidade, de onde se podia admirar praias, lagoas, morros e bairros da Ilha da Magia (para alguns).

Fabíola caminhava de mãos dadas com a sua amada e querida esposa, por ali.

Ambas tranquilas e felizes.

Melissa, com quase dez anos, andava na frente de ambas, juntamente com suas duas irmãs, Felícia, uma linda garotinha de cinco anos, ela tinha olhos azuis como os de Fabíola e cabelos castanhos e longos, e Alícia, uma garotinha de pele parda, de três anos, seus cabelos eram castanhos e curtos com uma pequena franja por cima da testa.

A brisa do vento, ao fim da tarde, penteava os cabelos das meninas.

— Você gostaria de ter mais algumas crianças? — Fabíola perguntou sorridente. — Minha esposa linda e amada. Você é tão bela, Erin. Eu amo você.

Erin olhou para ela apaixonadamente.

— Mais uma meia dúzia de filhos, meu grande amor — sorriu alegremente.

Ambas continuaram a caminhar lado a lado, dedos entrelaçadas. Aquele era um gesto não somente de entrelaçar os dedos, simplesmente, mas de dizer: agora está tudo bem, querida, eu estarei sempre aqui quando precisar.

Seis anos haviam se passado, que para a empresária e a médica, pareciam seis dias. Apesar do tempo, o amor não diminua, crescia a cada dia mais. Apesar de haver algumas tribulações, mas nada que o amor não superasse. Era sinal de que os cabelos ficariam grisalhos, a pele mudaria, o tempo mudaria, mas não elas e o amor que sentiam uma pela outra.

A família era linda, unida, feliz. Formada por cinco belas mulheres, Fabíola, Erin, Melissa, Felícia e Alícia.

Fim

Agradecimentos

Obrigada a todas mulheres que me leem desde 2015, quando publiquei esta história pela primeira vez em 2015, no site do Lettera.

A vocês minha eterna gratidão.